

(crônicas)

COM
OU SEM
GELEIAS
E PATÊS

CHRISTINA RAMALHO



Criação Editora

COM OU SEM GELEIAS E PATÊS (crônicas)

AUTORA

Christina Ramalho

ISBN: 978-85-8413-735-0



Criação Editora

CONSELHO EDITORIAL

Ana Maria de Menezes
Fábio Alves dos Santos
Gilvan Rodrigues dos Santos
Ítalo de Melo Ramalho
Jorge Carvalho do Nascimento
José Afonso do Nascimento
José Eduardo Franco
José Rodorval Ramalho
Justino Alves Lima
Luiz Eduardo Oliveira
Martin Hadsell do Nascimento
Rita de Cácia Santos Souza

COM OU SEM GELEIAS E PATÊS

(crônicas)

CHRISTINA RAMALHO



Copyright © 2026, by Christina Ramalho

É proibido reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.) é crime estabelecido pelo artigo 184 do código penal.

Editoração eletrônica
Adilma Menezes

Revisão do autor

Capa e ilustrações
Christina Ramalho

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária Isadora Pelosi CRB-5/2059

R166c Ramalho, Christina.
Com ou sem geleias e patês (crônicas)/ Christina
Ramalho. – Aracaju: Criação Editora, 2026.
190 p.
E-book
ISBN: 978-85-8413-735-0

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas.
I. Título. II. Ramalho, Christina.

CDU: 821.134.3(81)-94



APRESENTAÇÃO

A crônica tem sido minha companheira mais fiel. Através dela, o mundo que eu vejo, sinto, percebo e conheço, direta ou indiretamente, ganha versões escritas, por meio das quais eu mesma, depois, me reconheço.

Meu tempo tem, na maior parte das vezes, a carnadura do “cronos” de que as crônicas são feitas. Há um deus por trás delas. E também há vários deuses em torno de mim. Porque escrever sobre o mundo e o sobre o tempo nele inscrito parece ser uma forma quase mística de continuar tentando Ser dentro do reino opressor do Ter. E é pela imaterialidade do Ser que as crônicas continuam brotando em mim, ainda que motivadas pela concretude dos dias e das coisas.

A crônica é, simultaneamente, simples e complexa. É simples quando é devorada como um pedaço de pão pela fome. É complexa quando há tempo para geleias e patês. Pode ser absolutamente inútil em ambos os casos. Mas a verdade é que não escrevo para ser útil ou para que minhas palavras sejam devoradas com pressa ou saboreadas com deleite. Tenho até certeza de que, muitas vezes, o que minhas crônicas provocam são engasgos ou mesmo ânsias. Não importa. É sina.




Meu drama é que, embora eu escreva crônicas “porque o instante existe”, tal como diz o poema de Cecilia Meireles, minha vida não está completa (e aí destoo do mesmo poema). E a cada crônica que escrevo firmo um pacto de seguir vivendo em busca de respostas sobre a imensa, a inesgotável incompletude humana, que, em nossos dias, anda muito esquecida de sua própria humanidade.

Por isso, tal como fiz em *Catimbó* (2018) e *Dois mil e vinte e três* (2023) – disponíveis em www.ramalhochris.com – volto a reunir produções de minha autoria na forma de e-book, para deixar o registro de uma história cercada de crônicas por todos os lados. Neste caso, as 48 crônicas aqui apresentadas foram publicadas em 2024 e 2025, no Portal JL Política & Negócio (<https://jlpolitica.com.br/>), do poeta e jornalista Jozailto Lima, que generosamente me acolhe desde 2023 como articulista.

Christina Ramalho

Sumário

- 
- 09** Certa cena de rua
13 Arquitetura com traços de mim mesma
14 “O futuro tem um coração antigo”
18 Pontos de vista
23 “Nosso destino é ser onça”
26 Maré baixa
27 A fala
29 A manifestante
33 Um raio vívido
35 De onde saiu a mulher de Caim? (I)
39 (I)mundo
42 Jesus Cristo
48 De onde saiu a mulher de Caim? (II)
52 Brincando de *War*?
57 Minha amiga Ailezz é pássaro musical, generoso e pleno
60 Uma foto sua, agarrado à sua amante, caiu no grupo da família. E agora?
67 R.I.P. bom senso
73 Cascas de alho
77 Quem vai me servir um suco de laranja?
81 Revolta
85 De volta à Idade das Trevas? (parte I)
90 De volta à Idade das Trevas? (parte II)
94 De volta à Idade das Trevas? (final)
97 Sobre mapas, pobreza e riqueza
99 “Versos sertânicos”: de Lau Siqueira para Sergipe



102 Entre coaches e influencers, S.O.S.

104 Andança



107 A língua dos pássaros, de Gígia Talarico, e reflexões afins (I)

111 A língua dos pássaros, de Gígia Talarico, e reflexões afins (II)

115 A língua dos pássaros, de Gígia Talarico, e reflexões afins (III)



118 Poetas cósmicos (1)

123 O milagre cotidiano das ruas

128 Poetas cósmicos (2)

133 Liberdade é uma calça velha



138 Pintando nossos jardins

143 A vendedora de magas e a generosidade

145 Geronimo (I)

149 Geronimo (II)

153 Sejamos sensatos

156 Dois mil, cento e um quilômetros



159 Literatura e política (e um episódio surreal): o reconhecimento público de Narcisa Amália de Campos

165 Enlaçada pelo fio do cordel

168 Adeus, Francisco!

171 O restaurante da Inês

175 O mundo sem Mujica

178 A impossibilidade de segurar o tempo com as mãos

181 Círculos dantescos em torno de nós: um mundo bizarro



185 Por que a moda nos pega?

187 Versos que valem a vida



189 Sobre a autora



Certa cena de rua

Semana passada me deparei com uma cena curiosa na calçada de uma rua quase sem movimento do bairro Co-roa do meio, aqui de Aracaju.

Eram quase dez horas da manhã, e eu acabara de deixar minha filha no trabalho, quando, ao fazer o caminho para retornar a casa, passei por essa rua e, de longe, vi que havia um senhorzinho com um celular na mão fotografando algo que eu ainda não podia perceber o que era.

Quando me aproximei um pouco mais, constatei qual era o foco de sua câmera: uma dupla de senhorinhas que, segurando guarda-chuvas, se abraçavam, posando para a foto. Não deu para perceber como estavam vestidas. Mas a cor preta dos guarda-chuvas e o chapéu de palha do fotógrafo ficaram registradas.

Como eu estava só de passagem, obviamente não pararia para satisfazer minha curiosidade de ter mais detalhes, invadindo, assim, a intimidade do trio. Porém, a cena seguiu comigo no carro e desencadeou uma série de reflexões.

A primeira reflexão que me veio à mente foi a relação entre guarda-chuva e sombrinha e imediatamente me veio à lembrança o quadro do pintor impressionista francês Claude Monet, intitulado “Mulher com guarda-sol” (“*Femme à l’ombrelle*”, 1875). Certamente Monet, se estivesse no carro comigo, faria a correspondência entre sua pintura e a cena, afinal, os “guarda-chuvas” não funcionavam como proteção contra a chuva, mas como sombrinhas, já



que o sol, às dez, no verão nordestino, era pleno e abraçador! No entanto, se, na pintura, o guarda-sol é verde e tem aparência de leveza, no caso de nossa cena, não havia como não dar às sombrinhas o reconhecimento inicial de “guarda-chuvas”, visto que tinham a cor e o formato mais tradicionais dos guarda-chuvas. Quanto à função, contudo, eram, na verdade, sombrinhas.

Continuei dirigindo e pensando: não seriam um guarda-chuva e uma sombrinha a mesma coisa?

Na minha curiosidade de cronista, fui pesquisar e encontrei uma definição bastante peculiar no site www.sombrinhas.com, que afirmar que a diferença entre ambos não está na função, mas no fato de que, e cito, “sombrinhas são femininas e guarda-chuvas são unissex, simples assim”. Gente! Esse “simples assim” não tem simplicidade alguma! Vejamos...

O site explica melhor: “O motivo dessa diferença é que antigamente havia poucas opções de tecidos impermeáveis, então os Guarda-Chuvas acabavam tendo de ser obrigatoriamente sem estampas, enquanto as Sombrinhas, que apenas protegiam do sol, não precisavam ser impermeáveis, e por isso havia muitas opções de estampas e bordados, o que as tornavam a opção favorita das mulheres”. Conclusões óbvias: somente as mulheres precisavam se proteger dos raios solares; homens não podiam usar guarda-chuvas coloridos, estampados, criativos. Que mundo estranho o nosso!

Mas as reflexões não pararam por aí. O trio voltou à minha mente. Eram três pessoas de idade mais avançada, numa cena de evidente conteúdo afetivo e íntimo, que entrou na vida desta cronista como a singela comemoração do aniversário de uma menina preta num bar do bairro



da Gávea, da cidade do Rio de Janeiro, caiu na de Fernando Sabino, levando-o a escrever “A última crônica” (leia, por favor, é linda!).

O olhar curioso e ansioso de qualquer cronista parece uma antena buscando captar, nos mínimos detalhes da vida, a matéria para o próximo texto. E o encontro com cenas assim provoca uma corrente de pensamentos e de imaginação que amplia potencialmente o que se viu.

Eu, está claro, não tenho a menor ideia de quem são aquelas pessoas. Contudo, uma fotografia assim, na calçada de uma rua quase sem movimento, que não tem qualquer apelo turístico, até porque o foco era mesmo o abraço das duas senhoras, pode acionar diversas questões: seria um mero registro de um abraço entre amigas ou parentes?; seriam elas moradoras da casa em frente da qual a foto era feita, o que justificaria o local escolhido?; teriam feito a foto ali justamente por estarem afastadas do movimento?; o fotógrafo era parente delas ou de uma delas ou um amigo ou desconhecido a quem se pediu que tirasse a foto?; por que mantiveram as sombrinhas abertas na hora da foto: o sol estava mesmo insuportável, ou ele e elas queriam mesmo registrar as sombrinhas como parte de tudo; e o chapéu dele? Seria seu guarda-chuva/sombriinha, compatível com a história contada pelo site?

Restavam poucos metros para eu chegar a minha casa. As necessidades de minha própria rotina logo desmancharam a cena e as reflexões. Mas ainda abri o portão com a imagem da pintura de Monet e a beleza terna da cena que eu testemunhei.

Agora, na minha imaginação de cronista, eu teria sido testemunha de um acontecimento digno de um pintor ou de uma pintora impressionista. Sol; mulheres; sombri-



nhas/guarda-chuvas; chapéu de palha; fotógrafo, fotografadas; e certa aura de afeto no ar cobriram a silenciosa rua da Coroa do Meio de importância. E me permitiram, na primeira semana de 2024, chegar a esta crônica e ao desejo, que dirijo a você que me lê, de que, no ano que se inicia, predominem essas pequenas cenas de simplicidade e afeto, essas pequenas surpresas que bordam as ruas esquecidas com linhas que afirmam garantem a humanidade que temos.

Feliz 2024!

(Aracaju, 8 de janeiro de 2024)



Arquitetura com traços de mim mesma

O que eu mais amo numa mudança, ainda mais quando feita devagarinho, é ir cuidando de cada detalhe, preparando rotinas futuras em que eu me veja realmente renovada, mas imediatamente aninhada.

Não tenho nada contra os belos móveis planejados e a decoração chique das revistas e eventos de decoração. Mas minha casa sou eu. Nada de arquiteto ou decorador criando meu ninho!

Gosto é de casa em que se sente vida humana, corriqueira, em que uma ou outra “peça de bom gosto” - o que é isso? - se mistura com as doces e afetivas cafonices - o que é isso?- de que a vida vivida é feita.

Por isso, pinto, furo paredes, limpo, organizo, mexo e remexo nos detalhes. Já são 34 casas diferentes, mas em todas eu estava lá, viva e feliz!

(Minhas desculpas a arquitetos/as e decoradores/as, mas minha casa quem a faz mais bonita sou eu, porque minha estética é subjetivamente a do amor!).

(Aracaju, 22 de janeiro de 2024)

“O futuro tem um coração antigo”

Acabo de chegar de uma viagem de férias pelo Nordeste e um dos locais que visitei se encontra na cidade de Recife: trata-se do Instituto Oficina Cerâmica Francisco Brennand, ou simplesmente Oficina Francisco Brennand, sobre a qual falarei em crônicas a serem publicadas na semana que vem e nas próximas. Nesta, em lugar de começar com uma visão panorâmica sobre o êxtase da experiência de lá estar, eu me concentrarei em um detalhe: a citação de uma frase de Carlo Levi, que aparece numa parede de azulejos da Oficina e que aqui trago como título.

A frase original é título de um livro *“Il futuro a un cuore antico. Viaggio nell’Unione Sovietica”*, publicado em 1956. Carlo Levi nasceu na cidade italiana de Turim, na Itália, em 1902, e faleceu em Roma, em 1975. Levi aparece assim descrito no artigo “Carlo Levi, um autor de múltiplos talentos, por Leila Marangon” disponível no Repositório da Universidade Federal de Santa Catarina na Internet: “Embora pouco conhecido no Brasil fora do meio acadêmico, Carlo Levi [...] foi um importante narrador da literatura italiana do século XX. Médico, pintor, jornalista, ativista político, escritor de sucesso e senador da república, era sobrinho de Claudio Treves, figura proeminente do Partido Socialista Italiano”. Mas, ainda que a figura de Levi mereça toda a minha consideração, não estabelecerei aqui relações diretas com a obra parcialmente referenciada no título desta crônica. A abordagem será outra.





Caminhar pelo imenso espaço Francisco Brennand, entre muitas experiências que ainda veremos, nos leva ao encontro de citações de autoria diversa espalhadas pelos recantos da Oficina. Quando me deparei com esta, sobre a qual me debruço, senti um impacto imediato. “O futuro tem um coração antigo”... Que afirmação forte e paradoxal. Foi logo o que pensei...

Lembro que o paradoxo é uma curiosa figura de linguagem, porque aproxima ideias ou imagens aparentemente antagônicas ou antitéticas, criando, entre elas, um laço de sentido inédito e provocante. A palavra “futuro” (que vem do latim “futurus”), todos/as sabemos, nos remete a um tempo ainda não vivido, sobre o qual lançamos muitas expectativas, antecipando-o por meio de nossos sonhos, planos e ilusões. É um tempo que nunca chega, porque, afinal, o que temos mesmo é o presente e a memória do passado (quando preservada).

Quando une “futuro” a “antigo” (que, por sua vez, vem do latim “antiquus”), Levi cria uma ponte temporal entre o que virá e o que já foi. E o próprio coração se reveste de figuras de linguagem, entre elas, a metáfora, porque “coração antigo” é usado como uma comparação implícita para explicar o que é o futuro (“O futuro tem...”), que, ao ganhar um coração, fica personificado. É um ser vivo. Além disso, o coração, em meio a tudo isso, é a ponte unindo os extremos futuro e passado. Mas de que matéria é feita essa ponte e como ela funciona?

Continuei caminhando e pensando na citação. Haveria, obviamente, relações claras a se fazerem entre a citação e a própria Oficina de Francisco Brennand, mas não tratarei disso aqui. Quero o pensamento livre dos contextos livro de Levi e Oficina Francisco Brennand. “O futuro tem um coração antigo”: como explicar essa imagem?



Bem, pensemos no futuro como uma construção. A matéria prima de que é feito envolve, como eu já disse, tempo não vivido, sonhos, planos, ilusões. Mas também envolve o presente, com seus contextos e possibilidades, o que faz “futuro” virar facilmente “utopia”, quando fica evidente que o que se deseja é impossível, inalcançável. Por isso, estabelecer elos entre presente e futuro não é tão difícil. O hoje, afinal, prepara o amanhã. “Coração antigo”, entretanto, não guarda vínculos de sentido com o presente ou o hoje. É passado mesmo. Então, é preciso caminhar mais em busca de sentidos possíveis.

“O futuro tem um coração antigo” constrói uma imagem bem concreta de futuro. É, como eu disse, um ser, no qual pulsa um coração. Não um coração qualquer, mas um coração antigo. Ou seja, um coração com uma história, com marcas temporais próprias, com desenhos incrustados, caminhos percorridos, memória. Eis o paradoxo ainda melhor explicado. Como o futuro pode ter um coração assim?

Haverá muitas respostas, muitos sentidos possíveis. Mas um pensamento foi se definindo como minha percepção pessoal dessa relação inusitada: não será o futuro a mais antiga das ansiedades humanas? Não será por ele que nosso coração bate mais acelerado? Não estará nele depositada desde nossa origem a motivação mais profunda para seguirmos existindo? Sem futuro, o que somos? Não há, desde tempos remotos, imagens proféticas norteando a existência humana? Não precisamos, desde sempre, de respostas sobre esse misterioso tempo sem tempo, que é sempre promessa?

Por que a serpente foi tão sedutora? Ora, porque fez com que o casal adâmico vislumbrasse um futuro, imaginasse um tempo a ser conquistado, sem a moldura de um



paraíso feito sem seus próprios sonhos. No paraíso, eles eram personagens de uma grande, belíssima, harmoniosa e onipotente narrativa divina. Mas não tinham a chance de criar o futuro. Tudo estava desenhado e previamente definido. Bastava estar ali e desfrutar de tudo. A sedução da liberdade como resultado da desobediência e da rebeldia era, afinal, um convite a se tornarem donos do próprio futuro. E foi o que fizeram.

“O futuro tem um coração antigo”. Sim. Parece-me bem viável seguir por esse caminho. O futuro é o coração do ser humano. Por ele nossas veias e artérias trabalham constantemente. Para bem e para o mal. Mesmo sabendo que o futuro, quando chega, já não é mais futuro. Mesmo sabendo que sonhar está cada vez mais difícil neste mundo apocalíptico em que o fim do humano parece cada vez mais próximo. Mesmo quando os acontecimentos do presente nos condenam à depressão, à angústia, à solidão e ao estresse, inimigos imediatos de um futuro bonito para nós.

Sim, o futuro tem um coração antigo. É preciso cuidar desse coração. Ele somos nós. Nós todos, pulsando em ritmo confuso, mas pulsando. Ainda há tempo para o futuro. Ainda.

(Aracaju, 29 de janeiro de 2024)



Pontos de vista

Um dos termos mais significativos para mim é “ponto de vista”. Eu, que tenho sempre o olhar derramado para as coisas, entendo que compreender o elo entre quem vê, o que se vê e como se vê é fundamental para que todo o processo resultante dessa relação entre o observador e o que se observa seja compreendido, incluindo a percepção de esse “ver” poder ter apenas a configuração de um “olhar”.

Dizem que olhar é algo circunstancial, imediato, rápido, estritamente ligado ao sentido da visão mesmo. Já o ver teria maior profundidade, ligaria a imagem vista ao pensamento e ao sentimento. Também há quem afirme justamente o contrário. Outras relações que surgem quando entramos nessa seara é a oposição entre “ver” e “enxergar” e por aí vamos... “Entre o ver e o olhar: ecos e ressonâncias ecrânicas” é, por exemplo, uma tese de Doutorado em Ciência da Comunicação de Pedro Daniel Rodrigues da Costa, defendida em Portugal em 2013, que atesta o interesse que o tema desperta.

Segundo Costa, na página 42 de sua tese: “o ver é algo que compreende uma descodificação racional e linguística da visão; já o olhar é algo mais maciço, compreende as imagens-nuas, coisas que arrastam consigo pedaços de inconsciente (Gil, 1996: 21). O ver racionaliza as imagens vistas; o olhar apreende delas o invisível, as pequenas percepções imperceptíveis, coisas que nos invadem e que se instalam no inconsciente (Ibid.: 12)”. Se caminhar-mos com Costa, perceberemos que tanto um como o outro ver-



bo estão carregados de peso e de significações. Mas meu foco não está nessa oposição e nas possibilidades que dela derivam, e sim no termo que dá título a esta crônica. Então seguirei apurando o foco, deixando o olhar e o ver irmanados por meu propósito particular.

O poeta também português Carlos Queirós (1907-1949) bem disse em versos: “Ver só com os olhos/ é fácil e vão/ Por dentro das coisas/ é que as coisas são”. Pois bem: o ponto de vista é inicialmente construído como o aparato que, numa câmera, nos permite definir o enquadramento e o foco que se busca. Feito esse enquadramento e ajustada a qualidade do foco, dirige-se o olhar para o ponto escolhido e exercita-se a ação de ver/olhar. Um ponto de vista só nascerá quando, após esse processo inicial, o que se olhou ou viu, em processo inverso, se inserir em nossa mente como uma válvula capaz de acionar nossos mecanismos cerebrais de reflexão e nossos canais sensíveis de percepção subjetiva.

Ponto de vista, portanto, não é um ponto sobre o qual se fixa o olhar ou a vista, mas o resultado de um olhar/ver que, após capturar o objeto pretendido, chegou à elaboração mental de algumas considerações sobre o que se olhou/viu. Esse processo invertido gera, dentro de nós, um outro ponto, uma marca simbólica que tem o desenho de nossos pensamentos, impressões e sentimentos sobre um determinado tema.

Quando dizemos “no meu ponto de vista...”, pressupõe-se que, alguma vez (ou algumas vezes) fixamos nosso olhar naquilo que se faz tema de debate e alcançamos uma compreensão própria e um fruto maduro desse mergulho que joga água para dentro de nós, irrigando nossa capacidade de pensar e também de sentir.



Ponto de vista, portanto, seria algo carregado de maturidade e responsabilidade, porque derivaria de uma relação especular em que o objeto contemplado ganha, em nós, uma materialidade própria ou peculiar, que nos permite assinar o que venhamos a dizer sobre esse objeto com a afirmação “No meu ponto de vista”.

Em vista disso, quando alguém diz “no meu ponto de vista”, esperam-se essa maturidade e essa responsabilidade. Contudo, ou mas, ou porém, ou entretanto, ou todavia, há inúmeros pontos de vista espalhados pelo mundo que nada têm de maduros ou responsáveis. E por que isso acontece? Porque, infelizmente, estamos em tempos de opiniões vestidas de “pontos de vista” que não possuem qualquer consciência do processo de olhar/ver, penetrar no “dentro das coisas” e deixar que esse dentro também se presentifique em nós, demarcando um ponto de vista próprio, legítimo, delimitado por nossas circunstâncias somadas a diferentes emanações contextuais relacionadas a esse processo.

Pontos de vista esvaziados de sentido porque ilegítimamente produzidos andam trazendo muita confusão ao mundo. Ouvimos as maiores barbaridades, assinadas como “pontos de vista” que um exercício às vezes até simples de revolvê-las já demonstra que nem o ver nem o olhar foram verdadeiramente exercidos. Copiam-se e se colam pontos de vista alheios sem a menor cerimônia. Depois faz-se uso desses pontos de vista como se fossem marcas autorais próprias. E se buscarmos a origem dos tais pontos de vista, muitas vezes sequer o objeto inicial é identificado. Vou materializar com exemplos palpáveis.

Há quem tenha pontos de vista sobre a pobreza sem jamais ter olhado profundamente para ela. Há quem ex-



presse categoricamente pontos de vista sobre questões como a política de cotas, as categorias reunidas na sigla LGBTQIA+, a luta pela descriminalização do aborto, entre outros temas complexos, sem jamais ter olhado para elas. Adota-se o ponto de vista alheio, alardeia-se esse ponto de vista, mas não há qualquer capacidade argumentativa por trás desse ponto de vista fake.

Se pensarmos na história da Humanidade, perceberemos facilmente que os pontos de vista históricos que explicam nossa caminhada por aqui partiram sempre dos mesmos olhos, das mesmas mentes e dos mesmos corações. E esses pontos de vista foram tomados pela própria Humanidade como parâmetros suficientes e legítimos. Porém, um dia, percebeu-se que esses pontos de vista tinham um vício na origem: entendiam os objetos observados como objetos mesmo, ainda que não o fossem. Seres humanos foram vistos como coisas. E coisas não têm dentro (a não ser no poema de Queirós, para quem coisas não são apenas objetos). Como não têm dentro, não precisam ocupar pensamento ou sentimento. Delibera-se sobre elas única e exclusivamente a partir do eu que olha/vê fixado em seu privilégio de olhar/ver e poder dizer algo, que, no caso, vem vestido de verdade.

Um dia essas verdades se tornaram pontos de vista. No outro, revelaram sua contaminação. E agora estão em pleno processo de implosão, porque a Humanidade, quer aceite ou não, sabe que ou se entra em contato profundo, maduro e responsável com o dentro das coisas (que não são objetos, mas termos indefinidos e abrangentes que podem traduzir tudo) ou corremos o risco de extinção.

Os pontos de vista marcados pela opressão e pelo silenciamento de outros olhares e pontos de vista já não dão



conta do mundo. E os falsos pontos de vista, copiados e colados de fontes desinformadas, irresponsáveis, fanáticas, artificiais ou tudo isso ao mesmo tempo, ampliam enormemente a desintegração do Humano, se é que ele algum dia existiu de verdade.

Concluindo, se um dia chegarmos à convivência entre diferentes pontos de vista, por trás dos quais estejam a responsabilidade, a maturidade, o respeito à diversidade, o humanismo, o afeto e a seriedade, talvez seja possível acreditar em um sentido pleno para a palavra “vida”.

Até lá, cuidado. Muito cuidado com o que se escuta, ouve, lê, olha, vê, porque estamos mergulhados no lodo da mentira.

(Aracaju, 6 de fevereiro de 2024)



“Nosso destino é ser onça”

O espetáculo das escolas de samba é uma das manifestações artísticas mais complexas, plurais e surpreendentes do mundo. A arte se multiplica, porque ali há a poesia da canção; a orquestração contundente da bateria para fazer essa poesia gerar dança, movimento, vida; o balé da comissão de frente, dos casais de mestre sala e porta-bandeira, da ala das baianas e das alas coreografadas; o coro ensaiado de milhares de vozes misturado às dos/as intérpretes do samba-enredo e aos sons dos instrumentos; a plasticidade das pinturas, das esculturas e do artesanato; a arte da indumentária; a teatralidade de um espetáculo que acontece ao vivo e sempre refém do tempo, das questões técnicas que envolvem máquinas em funcionamento, da cumplicidade ou não da plateia, da perfeição ou não no diálogo com fotografia, artes digitais, cinema; tudo isso amalgamado por um tema organizado em forma de enredo, no qual história e mito, em maior ou menor grau cada uma, se fazem presentes.

A intertextualidade, as figuras de linguagem, a auto e a hétero-referenciação, a ironia, a irreverência, a metalíngua, a inventividade, o trabalho em conjunto, os ensaios e todos os processos envolvidos nesse espetáculo demonstram a capacidade que o povo brasileiro tem de agenciar, de forma múltipla, seu natural talento para as artes em gerais. E essa capacidade também revela aspectos de nossa cultura (e de outras culturas também) que promovem reflexões, criticidade, maravilhamento.





Com esse preâmbulo, coloco em cena meu próprio maravilhamento com a escola de samba Acadêmicos do Grande Rio, da cidade de Duque de Caxias, no RJ, que ontem à noite apresentou “Nosso destino é ser onça”, um espetáculo de impressionante força artística em todos os sentidos.

Em determinados momentos, as luzes da avenida se apagavam e 50 mil pessoas das arquibancadas viam pulsseiras que lhes foram entregues na entrada na Marquês de Sapucaí virarem estrelas brilhando e criando uma avenida mais larga para a escola, cujas fantasias e carros alegóricos, preparados para a interação com a ausência de luz, se multiplicavam em cores cintilando na passarela do samba. O uso da tecnologia, neste caso, foi de uma inventividade única, demonstrando possibilidades positivas de união entre o humano, o artesanal e o artificial.

Aqui, porém, dou destaque a algo realmente espetacular: o enredo. Aparentemente leve e sem imediatos vínculos com a história em seu sentido mais ortodoxo, a Grande Rio, liderada pelos carnavalescos Leonardo Bora e Gabriel Haddad, colocou no centro do palco este animal que nos define ecologicamente, a onça-pintada, dando espaço a familiares e/ou a sinônimos como a jaguatirica, o jaguar, a pantera, a onça-preta, a onça-parda, a suçuarana, a maracajá e a jaguaruna. O enredo prestigiou, ainda, nossa identidade sul-americana, resgatando imagens míticas pré-colombianas ligadas ao jaguar.

O diálogo com imagens míticas tupinambás traz versos como “Trovejou, escureceu!/O Velho Onça, Senhor da criação/É homem fera, é brilho celeste/Devora e se veste de constelação/Tudo acaba em fogaréu/E depois transborda em mar/A terceira humanidade, Coaraci vem cla-



rear/Ê, Sumé, (nas garras da sua ira) alô, major/(Enfrentou Maíra, tanto perseguiu) tira onda, bateria/Seus herdeiros vivem essa guerra/Povoando a terra/A voz Tupinambá rugiu”, mas o espetáculo também investe no resgate da ideia de que “virar onça” faz parte necessária da vida em tempos de enfrentamentos diversos.

A onça é nosso destino, porque é nossa marca identitária como povo e cultura, mas também o é por nos ensinar que, sim, às vezes, se faz necessário despertar em nós a onça adormecida e fazer ressoar nosso rugido de protesto, nosso rugido de “basta”, nosso “não” às coisas que nos molestam e, principalmente, às coisas que molestam a própria vida, a própria Humanidade.

Sermos onças, nesse último sentido, não quer dizer necessariamente sermos feras, sermos violentos, mas sabermos impor nossa voz quando nos vemos envolvidos em situações que exigem que saiamos da pele de cordeiro pronto a ser imolado para revelar que temos sangue nas veias, sentimento no coração, capacidade de pensar, fibra de onça e coragem para dizer o que queremos e que, aparentemente, se deseja silenciar.

Quando o desfile da Grande Rio terminou, agradei à minha onça interior por estar vivíssima e pronta para rugir diante das injustiças. E, mais ainda, agradei ao samba por e dar o privilégio de viver, ainda que a distância, o maior espetáculo da terra!

Hoje tem minha Verde e Rosa, com a onça Alcione rugindo, poderosa, na avenida.

(Aracaju, 12 de fevereiro de 2024)



Maré baixa

Há também o tempo de antiáguas. Maré baixa que impede navegações e gestos. Ausência azul de ondas, silêncio na fala antes corriqueira das praias. Tempo de pensar nas águas como utopias ou tempo mesmo de sequecer a sede ou desejo de umidade lavando a pele. Antigoas de céus e oceanos abandonados permeiam poros e pensamentos. E, na inutilidade do vazio, seca, ainda mais, a possibilidade de reinauguração das íntimas fontes.

Tudo é secura e sepulcro. E nadar é apenas a conjugação de um verbo derivado de nada. Para que tudo se derrame em líquidos, de nada adiantam o choro engasgado na garganta ou os dentes trincados em plena renúncia da revelação dessa maré infame.

Toda e qualquer resistência férrea se desvanece ao se perceber igualmente inútil. Perde-se, portanto, o rumo das nascentes, dos gêiseres, dos poços, de todo e qualquer manancial. Da água, somente a remota maciez no solo do quarto secreto onde insistem em viver as esperanças.

Quem se acha em plena maré baixa, mas decide caminhar, sabe que pode se perder entre as brenhas e os cânions das horas. Sabe que, no labiríntico caminho, surgirão minotauros e faunos a serem enfrentados sem a possibilidade das lágrimas.

Sabe, enfim, que tudo parecerá percorrer os sons da palavra “não” ecoando nas cavernas próximas e distantes.

Na maré baixa, entretanto, sobrevive a metonímica gota da estação das cheias. Onde ela está? Na beira do caminho que se faz ao andar.

(Aracaju, 12 de fevereiro de 2024)



A fala

É impressionante o mau-caratismo de algumas pessoas. É clara e evidente a diferença entre o que o presidente Lula disse sobre o conflito entre Israel e a Palestina e o que destacam as manchetes de jornais sem compromisso com a seriedade.

Basta ter dois neurônios capazes de ler e fazer a comparação. Lula comparou líderes indignos de o serem. O médico francês que comparou - matéria de segunda - a situação dos palestinos em Gaza com os judeus do infame gueto de Varsóvia não foi tratado como um irresponsável ao fazer a comparação.

O presidente da Turquia que, bem antes de Lula e, ele sim, de forma direta, fez alusão ao Holocausto, não virou “persona non grata”. Nem viraria mesmo, já que o tal senhor não teria coragem de atacar desse modo um vizinho que belicamente lhe interessa.

Então, por que Lula? Porque a fala de Lula foi potente o suficiente para abalar o equilíbrio de um genocida extremista que se aproveitou de um horripilante e criminoso ataque terrorista para levar a cabo sua intenção de eliminar o povo palestino.

Qualquer pessoa com um mínimo de equilíbrio verá que esse senhor não está verdadeiramente preocupado com os reféns. Ao contrário: o que ele faz só aumenta o risco de morte dessas pessoas. E um segmento relevante da própria comunidade judaica sabe disso.

Qualquer pessoa com um mínimo de informação sabe que Estados Unidos e Israel têm tecnologia e inteligência



suficientes para chegar aos terroristas sem levar à morte milhares de pessoas.

São países com alta tecnologia de espionagem. Mas precisam bombardear hospitais, escolas e casas de civis para “chegar” aos terroristas. Obrigam mais de um milhão de pessoas a se deslocarem para o sul e agora bombardeiam o sul, criando novos pretextos para disfarçar de “guerra contra o Hamas”, o que, na verdade, é um genocídio.

É tudo uma grande mentira! A história do povo palestino mostra isso: um povo que foi perdendo ano a ano o direito à sua parcela de terra e à sua autonomia como nação. Pobres dos reféns judeus, que dependem de um governo dessa natureza.

Infelizmente essa direita tacanha, alimentada por fake news e gente infame, se estabeleceu no Brasil, fazendo caírem as máscaras de muita gente que ocultava sua violência, sua soberba, seus preconceitos e seu fanatismo.

(Aracaju, 20 de fevereiro de 2024)



A manifestante

O grupo do zap estava bombando. Ela sentia toda a força da emoção dos momentos pré-manifestação. Tinha quatro camisas da seleção brasileira, mas hoje vestiria a melhor: a oficial, que o filho, seu companheiro de passeatas e manifestações, lhe dera no Natal de 2021. Depois do banho, ajeitou os cabelos, passou seu melhor perfume, fez a maquiagem, escolheu um sapato bonito e se olhou no espelho.

Estava plena! Sentia-se uma guerreira. Ops, guerreira, não. Isso é coisa do outro lado. Era uma mulher engajada! Ops de novo. Ah, dane-se. Sentia-se uma minion de primeira grandeza. A verdade é que pouco se lixava quando a chamavam de minion. Uma amiga lhe explicou que pegaram essa palavra do vocabulário francês para dizerem que eles eram pequenos. Mas ela se sabia grande, grandiosa, cidadã do bem, pessoa de família... Lembrou-se do filho e correu para pegar a bandeira.

O filho costumava estar sempre com ela. Mas, agora, que andava de coisa com uma mocinha esquerdista e bem xexelenta, estava sendo mais discreto. Bem..., estava certa de que o rolinho com a tal moça não duraria muito. Ela tinha formado o filho muito bem. Ele logo acordaria do pesadelo. No entanto, verdade seja dita, ele apoiava a mãe em tudo. Na semana passada, por exemplo, comprou-lhe uma bandeira de Israel. Era linda demais! Pegou a bandeira dentro do armário. Estava bem cheirosa e limpinha. Colocou sobre os ombros e voltou para o espelho. Perfeita. Viva a democracia!



Mandou mensagem para as duas amigas com quem se encontraria: “Meninas, 11 h na saída do metrô Trianon! Não se atrasem! Quero ver tuuuuudo de perto!”. Suas amigas eram incríveis! Divertiam-se tanto nas manifestações. Observavam tudo, xingavam usando palavras que em casa nunca pensariam em dizer, observavam como as famílias tão organizadas e amorosas haviam se preparado para o momento triunfal, sentiam o coração bater forte quando seu Messias chegava, elegante, inteligente, bem articulado, super informado sobre tudo. Um homem por quem valia a pena gastar todo o dinheirinho que tivesse para seguir participando de manifestações, acontecessem onde acontecessem.

Retocou o batom, pediu o Uber para ir até a estação de metrô mais próxima e começou a contar as horas, ansiosa para dar seus gritos de Democracia, Justiça, Fora, Alexandre! Ops, não, hoje não era para gritar isso não. Repetiu as palavras Democracia e Justiça, para não esquecer. Ligou para o filho, que lhe pediu que contasse tudo depois. Ela percebeu que, no fundo no fundo, ele queria mesmo era estar com a mãe... Aquela comunistazinha sem graça!

Dentro do Uber, mal continha sua ânsia de gritar. Infelizmente o motorista não estava para muita conversa. Ficou acompanhando o grupo “A verdade vos libertará”. Era muito legal fazer parte de tudo isso.

Quando chegou à saída da estação Trianon combinada, as duas já estavam lá. Amigas, vocês estão sensacionais! Abraçaram-se efusivamente, embaralhando duas bandeiras do Brasil e a bandeira de Israel. Decidiram buscar uma sombra para esperar pelo início do ato. Mas uma sombra o mais próximo possível do palco. Queriam fazer selfies com a imagem de seu Messias ao fundo. Oh,



que pedaço de pão ele era. Com todo respeito à senhora dele, claro!

De repente, viram uma equipe de televisão se aproximando. Abriu rapidamente a bolsinha e retocou o batom. Nunca se sabe... Não deu outra. A repórter aproximou-se das três já com o microfone na mão. Sentiu-se uma diva. Uma diva irada! Vou dizer tudo o que penso agora mesmo! Mas a repórter se antecipou: “Senhora, veja que está com uma bandeira de Israel nos ombros? Por que essa bandeira? Por que o apoio a Israel?”. A resposta veio rápida e sintética: “Porque é um país cristão como o nosso!”.

(... pulemos maiores detalhes)

Como o celular ficou descarregado, só pôde ligar para o filho quando chegou à casa. Quando o telefone começou a funcionar, viu que havia centenas de chamadas do filho! Retornou. Ele já atendeu dizendo: “Mamãe, eu a vi na televisão!!!”. “Viu? Ai, Meu Deus, como eu estava? Fiquei bem?” “Linda, mamãe, linda! Como foi tudo?” “Perfeito, filho. Milhões de pessoas. Todo mundo com o manto da Pátria, bebendo das palavras de pessoas honestas, honradas, dignas do Brasil Verde e Amarelo! Dignas de Israel também, mesmo as cores sendo outras! Eles só têm uma estrela, né? Ah, filho, agora, além de Democracia e Justiça, também vamos gritar Anistia!” “Que legal, mamãe. Posso imaginar. Só gente boa, unida para salvar este país dos comunistas”. Ela sentiu que o filho estava mesmo mexido. Será que já teria rompido com a desclassificada? Tomara. Deus haverá de ouvi-la...

“Mamãe, só uma coisa: você disse que Israel é um país cristão. Não é não, mamãe. É um povo judeu...”. “Ah, a re-



pórter falou mesmo alguma coisa assim. Mas, ninguém se importa com esses detalhes! O que importa é que estamos com a verdade e ela nos libertará!! “Isso mesmo, mãe. Não importa! Adoro vê-la tão guerreira e engajada!” “Ei, esse tipo de elogio não quero não! Eu sou minion, com todo orgulho. Por Deus, pela Pátria e pela Família!”. O filho riu. A mãe estava realmente feliz e ninguém se importaria mesmo...

(o “Ninguém”)

O herói Ulisses (ou Odisseu), no livro IX da Odisseia, gritou para o Ciclope Polifemo, quando questionado sobre o nome que teria (o monstro ficou cego por conta de um stratagema de Ulisses, buscando libertar seus companheiros do gigante antropófago que os devoraria. E Polifemo queria saber o nome de Ulisses para denunciá-lo ao pai, o deus Poseidon): “Ninguém é o meu nome!”.

Apropriando-me da passagem homérica, meu nome é Ninguém. E eu me importo. Pelo menos, a manifestação pela Democracia, pela Justiça e, agora, pela Anistia, com “milhões e milhões” de cidadãos do bem, teve fundamento, pois, pelo andar da carruagem, ela está mesmo capenga.

(Aracaju, 28 de fevereiro de 2024)



Um raio vívido

Na crônica de hoje falarei brevemente das trapaças da memória, ou seja, tecerei uma pequena peça formada pelos fios que nos prendem à memória como fonte de sobrevivência cruzados por outros fios, que nascem quando ela não se presta a essa situação de eterna dependência a que a submetemos.

Respondam rápido: quem tem sempre dúvida se depois do primeiro “Ó Pátria amada/Idolatrada/Salve! Salve” vem “Brasil, um sonho intenso um raio vívido” ou “Brasil, de amor eterno seja símbolo”? Quem respondeu “eu” está comigo nesta luta inglória entre o que a memória oferece e o que ela nos nega.

Abrimos o peito e a voz para cantar o hino, mas, lá no fundinho do pensamento, vem aquela insegurança: qual verso vem primeiro mesmo? No embalo do canto, sempre há uma voz que se antecipa e faz com que percebamos o verso e a estrofe certos a serem cantados. E quando isso não acontece, lascamos o verso errado e tentamos remendar “Brasil, de amor eterno um raio vívido”... É ou não é uma trapaça da memória? O mesmo hino, cantado em diversas situações, ano a ano, e a danada da dúvida persistindo.

Eu não sei exatamente o motivo de alguns registros parecerem teimar em fugir da memória. Ou, para ser fiel à ideia da crônica, eu não sei que prazer a memória tem ao nos fazer passar por esses lapsos ao mesmo tempo ridículos e temerários. Bem, no caso do hino, o temerário acon-



tece quando alguém cisma de colocar um microfone em nossa boca para que nossa voz se destaque no momento de cantar o hino nacional.

A memória também trapaceia quando não nos deixa acessar o nome de alguém, o título de um filme, a data de aniversário de alguém que amamos, ou outro detalhe qualquer sem o qual podemos passar por situações embaraçosas. Talvez a pior, no sentido de mais aborrecida, seja a trapaça de não nos deixar lembrar o local onde deixamos as chaves. Há algo mais chato que precisar sair e não encontrar as chaves de jeito algum? Ah, há outro igualmente terrível: os óculos de leitura! Há objeto mais cúmplice da memória?

Dizem que esses lapsos de memória têm a ver com o estresse. Mas penso que essa questão do hino nacional desdiz essa visão. Parece mesmo que a memória escolhe certas coisas e, no meu caso, certas pessoas, para brincar. Uma brincadeira sem graça, cabe dizer... Mas, no campo das conjecturas sobre as razões dessa trapaceira, deve ter alguma graça para a memória nos ver transitando pela casa como baratas tontas, à procura de chaves e óculos. E ela deve rir um bocado quando encontramos alguém de quem não lembramos o nome e ficamos tensos/as, desejando ardentemente que esse alguém não nos pergunte: “Você se lembra do meu nome?”.

Se isso piora com os anos, temo pelo que virá. E fico pedindo aos deuses um raio vívido de amor eterno que me permita ficar “só” na questão dos versos, das chaves, dos óculos e dos nomes, porque, caso contrário, talvez eu comece a me perder de mim também.

(Aracaju, 28 de fevereiro de 2024)

De onde saiu a mulher de Caim? (I)

Este será um texto polêmico, porque traz perguntas que certamente parecerão indevidas a muitas pessoas. No entanto, se “perguntar não ofende”, me vejo em plena liberdade de exercer meu direito de perguntar, sem querer ofender ninguém, a não ser a estupidez humana.

Amo estudar os mitos. De toda ordem, de toda origem. Estudei muitíssimos durante a vida. Entre eles, os mitos bíblicos. Para quem não sabe, mito não é sinônimo de mentira, ou não deveria ser. É apenas uma linguagem simbólica, por meio da qual inúmeros mistérios do mundo foram sendo traduzidos. A linguagem mítica não deve ser processada pela razão, porque não faz parte do reino da lógica. Dito isso, sigo na minha intenção de questionar.

Por mais que a linguagem mítica tenha uma estrutura própria de sentido, há coisas de natureza desconexa que empobrecem o sentido da imagem mítica quando materializadas em narrativas, pinturas, esculturas, danças, músicas etc. Esse empobrecimento é ainda maior quando se tomam essas narrativas, pinturas, esculturas, danças ou músicas, buscando um sentido afinado com “religião”, cujo sentido etimológico, segundo Antônio Geraldo da Cunha, é “crença na existência de uma força ou forças sobrenaturais, considerada(as) como criadora(s) do Universo e que, como tal, deve(m) ser adoradas(s) e obedecida(s)” (1982). Explico melhor.

A leitura de “Gênesis” nos faz entrar em contato com a narrativa que apresenta da história da criação do mundo





e do ser humano. Linguagem mítica, linguagem simbólica, ok. Muitas pinturas (viva Michelangelo!), muitas produções artísticas (literatura, pintura, escultura, música, dança, cinema e por aí vamos), nas mais diversas formas de representação da criação divina, tal como a Bíblia, no Antigo Testamento nos conta, circulam e circularão vida afora. Mas, em geral, essas representações se concentram nos três primeiros capítulos: “A Criação”, “O Paraíso” e “A culpa original”.

Nessas passagens, sabemos que, antes da criação divina, nada, absolutamente Nada, havia. Deus, então, criou céu, terra, luz (para se contrapor às trevas, que, estas sim, nasceram naturalmente com a terra: “A terra estava sem forma e vazia; as trevas cobriam o abismo”, 1, 1), plantas, ervas, árvores frutíferas, estrelas, todos os seres vivos (inclusive “monstros marinhos”, 1, 20), incluindo uma divisão entre animais selvagens e animais domésticos muito curiosa, já que animais domésticos são aqueles que podem ser criados em “casas” e não havia casas ainda (mas, tudo bem, não é para usar a razão). Depois de tudo isso, como sabemos (a Bíblia é o livro mais lido do mundo. Depois, vem o Livro Vermelho, de Mao Tsé-Tung ou o Dom Quixote de la Mancha, de Cervantes, a depender das fontes e dos critérios muito sérios desses rankings. Amo rankings! Obs.: contém ironia!), Deus criou o homem. E, depois de constatar que não havia, no âmbito de suas criações, uma “auxiliar” competente para aliviar a solidão do homem e ajudá-lo “a cultivar o solo e o guardar” (2, 15), Deus resolveu tirar uma costela do homem e criar, finalmente, a auxiliar desejada: a mulher.

Só no capítulo “A culpa original”, ficamos sabendo que esse homem tinha nome: Adão, e que teria sido ele o res-



ponsável por dar nome à mulher: “Eva”. Esse nome foi dado a ela, porque ela “era a mãe de todos os viventes” (3, 20), o que torna a história um pouco complicada, já que, até então, não houve maternidade envolvida na narrativa. Presumivelmente quem deu nome a Adão foi Deus mesmo, visto que diversas fontes afirmam que o nome teria origem no hebraico *ad’ham*, que significaria “homem de barro vermelho”. Portanto, Adão era vermelho como o barro de que foi feito.

Expulso do Jardim do Éden, depois de Eva atender à sedução da serpente – ela também, obviamente, uma criação divina – e levar o marido, junto com ela, à desobediência da Deus, o casal passa a estar sujeito aos castigos divinos, que envolvem as dores do parto para a mulher, a submissão da mulher ao homem, o dever de trabalhar para ter o próprio sustento. Mas, com algum resquício de generosidade, Deus ainda “fez para Adão e sua mulher umas vestes de peles e os vestiu” (3, 21). E os dois partiram para o “orientes do Jardim do Éden” (3, 23).

Como eu disse, em geral, o interesse maior das representações artísticas está nesses três capítulos. Em seguida, vem o episódio de Caim e Abel, os dois primeiros filhos de Adão e Eva. Caim, lavrador; Abel, pastor de ovelhas. Nesse capítulo sabemos que Deus, após receber de Caim “frutos da terra em oblação ao Senhor” (4, 3) e, de Abel, “primogênitos do seu rebanho e das gorduras deles” (4, 3), resolveu ignorar completamente a oferta de Caim: “e o Senhor olhou com agrado para Abel e para sua oblação, mas não olhou para Caim, nem para deus dons” (4, 5). Caim, com inveja e irritado, matou Abel. E, como havia ocorrido com seus pais, foi expulso por Deus dali. Caim, o fratricida, deslocou-se até a região de Nod, que, segundo o quarto capítulo, também ficava “ao Oriente do Éden” (4, 16).



Porém, quando chegamos ao quinto capítulo, “Descendência de Caim”, a tal desconexão nos toma: “Caim conheceu sua mulher. Ela concebeu e deu à luz Henoc” (5, 17). Aí vem a questão: de onde saiu a mulher de Caim, se não havia nada, absolutamente Nada, antes da criação divina e se Caim e Abel foram os primeiros filhos de Adão e Eva? Seria essa mulher também filha do casal e teria sido, igualmente, banida?

Minha questão é antiga. Nada tem de original. Mas é realmente curioso ver sites e sites tentando explicar, logicamente, essa aparição da mulher da Caim. E é sobre isso e outras questões derivadas que falarei na continuação deste texto.

(Aracaju, 11 de março, de 2024)





(I)mundo

Quanto vale a liberdade, ainda que provisória, de um estuprador? Segundo a lei espanhola, um milhão de euros. E lá vai mais um homem condenado por violência contra uma mulher viver um ano livre, à espera da decisão sobre seu recurso. Mais um homem não, “o” homem, “o” famoso, “o” ídolo.

Repetirei a pergunta, modificando-a, para ser mais precisa: quanto vale a liberdade, ainda que provisória, de um estuprador milionário? Resposta: um milhão de euros. E se for um estuprador não milionário? Bem, aí, resta a prisão mesmo. Normal. O mundo é dos ricos e poderosos. O que importa, nesse caso, não é, minimamente, o estupro, mas a condição financeira de quem o cometeu. Aliás, a sentença já havia sido “atenuada” com o pagamento de 150 mil euros.

O outro “herói” estuprador do futebol brasileiro vai penar por aqui mesmo. Mas, com a grana que também tem (esperou, numa mansão, a decisão sobre vir cumprir a pena no Brasil), é capaz de comprar um fã clube e ser homenageado em eventos, tal como ocorreu com um homicida que voltou a ser ídolo do futebol após sair da cadeia. Para esses homens, sempre há “parças” dispostos a investir em rumos menos sofridos para heróis tão famosos. Estupradores ou homicidas, pouco importa. São referências nacionais e internacionais e, por isso, parecem ter direito à empatia, direito a serem tratados como “garotos que fizeram besteira”. Coitados. Realmente, é comovedor.



Depois de meses e meses ouvindo falar dos crimes de estupro cometidos por dois dos “heróis” de futebol brasileiro, resta o sabor amargo de constatar que, de fato, somos massa de manobra. Ficamos reféns das notícias, acreditando nelas, quando, na verdade, tudo se resume em grana. Pior. Sabemos que, quando a grana não consegue comprar o objeto de desejo desses heróis, os caminhos da violência são de fácil acesso, e a punição, diferenciada.

Aliás, depois da revelação de ontem sobre os mandantes do assassinato de Marielle e, por tabela, de Anderson, essa verdade se reafirma, ainda que em outro âmbito penal: o homicídio. O responsável por desvendar o crime era, afinal, segundo a própria justiça afirma, um dos envolvidos na arquitetura macabra de tudo o que aconteceu. A mola disso tudo? Grana.

No futuro, podemos esperar que esses homens todos sejam alçados novamente ao poder, dentro de suas áreas de atuação. E, dependendo da grana investida, podem mesmo chegar à liderança religiosa, como aconteceu com o assassino de Daniela Perez, que o coisa-ruim levou para passear nos seus aposentos em 2022.

Sinceramente, não há muito o que esperar deste mundo. A grana e a violência movem todos os setores da sociedade. Muitas vezes com o aplauso da própria sociedade (basta ver o “sucesso” dos criminosos milionários e a horda de “armamentistas”, homens e mulheres, que o Brasil recente revelou, inclusive em “flashes” dentro de templos e igrejas). Quem tenta escapar disso pode até ter alguns momentos de paz. Mas é impossível o isolamento total, porque amamos pessoas, e a dor delas também nos atinge.



Ficam o luto e a luta; o desgosto e a descrença; a revolta e o nojo; a dor e a compaixão pelas tantas e tantas mulheres que têm suas vidas destruídas pela violência do estupro e pelas tantas e tantas mulheres para quem a morte é apenas um registro policial que, pouco a pouco, vai se apagando da memória do mundo.

O (i)mundo, infelizmente, não é terreno de justiça e paz.

(Aracaju, 25 de março de 2024)



Jesus Cristo

Passado o feriado de Páscoa, trago a você algumas reflexões que fiz, em minha tese de Doutorado, sobre a imagem mítica de Jesus Cristo em suas variações mais recorrentes. E faço isso motivada pela visão de que é realmente necessário mergulhar na simbologia dessa imagem para desfazer, dentro de nós, uma série de roupagens superficiais e destoantes do sentido mítico e místico da presença de Jesus Cristo na história da Humanidade. O texto sai da tese e ganha, aqui a acolá, alguns ajustes, para não ser pesado.

Jesus Cristo, o Deus encarnado como homem e feito “cordeiro” de seu Pai, é, sem dúvida, o herói épico – aquele cujos feitos se fundem no campo da história e do mito – natural mais importante do Ocidente e, por que não dizer, do mundo. Seu “feito histórico” foi tão representativo que estabeleceu a divisão do tempo histórico em “antes” e “depois” Dele.

Por outro lado, sua inserção no plano maravilhoso ou, em outra linguagem, no campo do ilógico, do que extrapola o conhecimento humano, torna-se igualmente incontestável ao se observarem as religiões que se originaram do Cristianismo. Suas palavras, jamais registradas por Ele por escrito, vieram consolidar a Lei divina, mas, ao mesmo tempo, adaptá-la às novas exigências socioculturais.

Seu nascimento virginal, sua árvore genealógica (Lucas destaca o fato de Jesus pertencer à 77^a. geração de Israel), seus milagres, a pregação na Galileia e em Jerusalém, o



enfrentamento das tentações no deserto, a Santa Ceia, a onisciência acerca de seu destino, a crucificação e a ressurreição, entre outros, constituem as ações e os eventos que consolidaram a fusão do histórico com o divino. A imagem mítico-religiosa bíblica de Jesus Cristo, ampliada em diferentes religiões e representações artísticas e literárias, serviu de modelo para inúmeras outras representações do messianismo e da redenção. Como exemplo, posso citar quadros que representam Tiradentes fazendo uso de traços recorrentes de representação de Jesus, de modo a criar uma correspondência inequívoca.

Nesse sentido, a principal influência da imagem mítica de Jesus Cristo será a consolidação da redenção como modo de expandir e aperfeiçoar a experiência humano-existencial. Assim, outros nomes, tal como Tiradentes, cuja inscrição na dimensão histórica (e obviamente podemos contestar a própria construção dos registros históricos sobre Joaquim José da Silva Xavier, mas isso é assunto para outro texto) consolidou um “feito”, realizado à custa de martírios, a partir do qual a sociedade ali inscrita pôde ascender ou se elevar (em quaisquer termos), receberam a “aura mítica” de redentores/as.

Um outro aspecto interessante sobre a imagem mítica de Jesus Cristo, sobre o qual é adequado discorrer, refere-se às representações simbólicas das imagens mítico-religiosas sob forma de animais.

Jack Miles, no livro “Cristo. Uma crise na vida de Deus”, discorre minuciosamente sobre a presença de Cristo no mundo, suas relações com o divino e com o real. Segundo Miles, a imagem que causa maior “estranhamento” é a de Cristo como o “Cordeiro de Deus”. Advém, contudo, daí o seu martírio: ser Deus e morrer, em sacrifício, como



homem. Todas as possíveis leituras desse auto sacrifício divino são matéria para instigante exercício crítico, inadequado, contudo, para este momento.

Já Aniela Jaffé, em “O homem e seus símbolos”, faz alusão à simbologia animal relacionada a Cristo e a seus emissários: “Mesmo no cristianismo, o simbolismo animal representa um papel surpreendentemente importante. Três dos evangelistas têm emblemas de animais: São Lucas, o boi; São Marcos, o leão; e São João, a águia. Apenas São Mateus é representado como um homem ou um anjo. O próprio Cristo aparece simbolicamente como o Cordeiro de Deus ou como o Peixe; é também a serpente, louvada na cruz, o leão, e, em alguns casos raros, um unicórnio. Estes atributos animais de Cristo indicam que mesmo o Filho de Deus (a personificação suprema do homem) não prescinde da sua natureza animal, do mesmo modo que da sua natureza espiritual. Considera-se tanto o sub-humano como o sobre-humano como partes do reino divino. Esta relação entre os dois aspectos do homem é admiravelmente simbolizada na imagem do nascimento de Cristo em um estábulo, entre animais”.

Outro aspecto importante se relaciona à imagem mítico-religiosa bíblica da “Santíssima Trindade”, que tem dupla função, ou seja, integrar Pai, Filho e Espírito Santo e, ao mesmo tempo demarcá-los com diferentes inscrições do divino. Logo, conforme aponta Reginald H. Fuller, no “Dicionário da Bíblia”: “Quando chamamos Jesus de Deus, isso deve ser cuidadosamente nuançado: Jesus não é tudo que Deus é. Ele é a encarnação daquele aspecto do divino que é Deus saindo de si mesmo em atividade criadora, reveladora e salvadora. Em termos do dogma posterior, ele é a encarnação da Segunda, não da Primeira, pessoa da Trindade”.



Tal citação reforça a ideia de que está na “revelação” e na “salvação” a marca de Cristo. Deus é o Criador, Cristo é o Redentor. Essa separação, todavia, não foi simultânea ao advento da crucificação, mas uma interpretação desenvolvida com o passar dos tempos. Os elementos que incidiram para essa diferenciação entre Deus/Criador e Jesus/Redentor foram, entre outros, a celebração da Sagrada Ceia, na qual Cristo se fez vinho e pão, a ser consumido pelos homens, o fato de Cristo ser denominado “Cordeiro de Deus” e o de o sangue de Cristo consolidar-se como o último sacrifício de sangue, o sangue “da nova e eterna aliança”.

Sobre o trabalho redentor de Cristo, Reginald H. Fuller aponta que os quatro evangelistas tiveram concepções diferentes. Segundo ele, Marcos fez a correspondência entre a crucificação de Cristo e o cumprimento do messianismo do Antigo Testamento. A crucificação teria consolidado Cristo como o Filho de Deus. Mateus vê na crucificação a rejeição dos judeus a Cristo. Assim, por causa dessa rejeição, “o julgamento de Deus se abateu sobre a nação na queda de Jerusalém em 70 d.C.” e “uma nova nação, a Igreja Cristã, surgiria no lugar de Israel”. Lucas compreende a morte de Cristo como o evento necessário para que a missão da Igreja atingisse uma dimensão universal. Sobre João, Fuller afirma ter ele compreendido a vinda e a morte de Cristo como anúncio de um novo céu e uma nova terra à qual uma parte da Humanidade

A partir da consolidação de fato da Igreja Cristã no Ocidente, outras visões sobre o messianismo e a redenção impregnaram os discursos religiosos. Mais modernamente, passou a se valorizar a imagem mítico-religiosa introjetada de Cristo, ou seja, Cristo está dentro de cada indi-



víduo. Todavia, ainda que resida em cada indivíduo, e, por isso, ser múltiplo, Cristo detém também a propriedade do Uno.

No Cristianismo, a evolução continuou no sentido do Deus ou Cristo exterior transformar-se pouco a pouco no Cristo interior do indivíduo e, embora presente em muitos, permanece sempre um e o mesmo; uma verdade que já fora antecipada da psicologia do totem, em que durante as refeições o animal totêmico era morto e comido em muitos pedaços e no entanto era sempre único, tal como existe só *um* Menino Jesus e *um* Papai Noel.

Segundo Carl Jung, em “Os arquétipos e o inconsciente coletivo”: “A fragmentação da imagem de Cristo, nos rituais e nas manifestações discursivas em geral, em Menino Jesus, Cristo Pregador, Cristo Crucificado e Cristo Ressuscitado, fez-se recurso retórico para reflexões isoladas sobre os diferentes significados impressos em cada uma dessas imagens. Contudo, a unicidade de Cristo sustenta-se em sua personalíssima filiação a Deus”. O Cristo da Páscoa, contudo, é sem dúvida, o mais presente. Basta ver o uso da cruz em todos os cantos, inclusive como “adorno” ou “enfeite”, como se a cruz fosse algo compatível com a função de enfeitar...

Esse caráter de “único” de Jesus Cristo inseriu nas culturas ocidentais a expectativa da redenção através do indivíduo e habilitou seres históricos a ganharem relevo mítico quando as sociedades os reconhecessem como “messias” ou “mártires”. Os/as novos/as redentores/as assumem, invariavelmente, imagens individualizadas e carregam consigo “missões” que, realizadas, promovem mudanças no encaminhamento histórico da experiência humano-existencial.



A grande e grave questão que fica, e com a qual finalizo esta reflexão, é a banalização da imagem redentora de Jesus Cristo em nome de se criarem “messias” que, de Cristo, nada têm. Muito pelo contrário. A Páscoa deveria servir para quem se diz cristão avaliar com mais profundidade as coisas em que anda acreditando por aí...

(Aracaju, 4 de abril de 2024)



De onde saiu a mulher de Caim? (II)

Dando continuidade à crônica da semana passada, procurarei, nesta, mostrar alguns caminhos para responder à questão.

Primeiramente, cito o site <https://biblia.com.br>, que trata, especificamente, de responder à questão “Quem foi a esposa de Caim, e como ele fundou uma cidade?”. A explicação é antecedida pelo seguinte argumento: “É certo que as Escrituras não mencionam o nome da mulher de Caim e nem a sua procedência. Porém, devemos nos lembrar que a Terra já tinha começado a ser povoada quando ele se casou. Com certeza, naquela altura dos acontecimentos, havia muito mais do que apenas 5 pessoas, inclusive outras mulheres além de Eva”. Logo em seguida, cinco itens buscam provar que, “logicamente”, a mulher de Caim era, como ele, descendente de Adão e Eva, já que todos os povos vieram, via incestos constantes, do par e de sua prole.

Depois, o texto dimensiona a possibilidade de a esposa de Caim ter sido sua irmã ou sua sobrinha e leva em conta o fato de que: “Há ainda comentaristas que admitem que no espaço de 300 anos, o número de filhos e filhas de Adão era superior a 50, e mais de 20 os filhos de Sete”. Ora, é naturalmente compreensível que, sendo o incesto uma prática determinada por Deus e sendo a longevidade humana extremamente ampla (todos viviam centenas de anos), nada haja de estranho ou reprovável no fato de Caim ter “conhecido” uma irmã ou sobrinha, e, banido, ter



fundado uma cidade. Por isso, a justificativa final: “Esse costume, o casamento entre irmãos consanguíneos, continuou por muito tempo. Tanto que Abraão se casou com sua meia irmã Sara (Gênesis 20:12). Posteriormente, pelo degenerar-se da raça humana, essa prática foi proibida (Levíticos 18:6-17). A Bíblia é muito clara em afirmar que toda raça humana descendeu de Adão e Eva, e, portanto, qualquer teoria contrária não passa de mera conjectura que não possui base bíblica: “De um só fez ele todos os povos, para que povoassem toda a terra, tendo determinado os tempos anteriormente estabelecidos e os lugares exatos em que deveriam habitar” (Atos 17:26).

Já no site “Palavra bíblica” (<https://www.palavrabilica.net/quem-era-a-mulher-de-caim/>), apesar do título trazer a questão “Quem era a mulher de Caim?”, há um claro desvio no final do breve texto, que, tal como o anterior, aponta para o fato de, “presumivelmente”, a esposa de Caim (e também a de “Sete”) serem igualmente filhas de Adão e Eva. Esse “presumivelmente” se faz acompanhar por: “Muitas vezes, essas perguntas são respondidas pela Bíblia um pouco mais adiante, como neste caso. Portanto, sempre vale a pena continuar lendo a Bíblia e ver se ela responde à sua pergunta”. Ou seja, “vire-se!”. E, então, aparece um novo item intitulado “Não é sobre quem eles eram”.

Esse novo item mostra o propósito real do texto: comparar Caim e Sete. Vejamos: “a linhagem de Caim é dada em Gênesis 4:17-24: é claramente uma linha ímpia (dada a jactância de Lameque sobre assassinato e o fato de ele ter duas esposas, Gênesis 4:19, Gênesis 4:23-24) seguindo de um homem ímpio, Caim. Em contraste, a linhagem de Sete é uma linha divina, como visto na segunda metade



de Gênesis 4:26: *‘Naquele tempo, as pessoas começaram a invocar o nome do Senhor’*, presumivelmente referindo-se a Sete e seu filho Enos (Gênesis 4: 26a), bem como outros. Em última análise, isso nos leva a fazer a pergunta ‘que exemplo eu quero seguir? Serei como Caim ou Lameque que rejeita a Deus e Suas leis, ou serei como Sete e Enos e invocarei o nome do Senhor para resgate e salvação?’ Ou seja, Enoque, filho de Caim e da esposa-irmã-sobrinha, pertence a um “linhagem ímpia” (bárbara, cruel), enquanto Enos, filho de Sete, também com uma esposa-irmã-sobrinha, a uma linhagem divina.

Entretanto, se nas páginas citadas, a esposa de Caim não tem nome, em outra, “Medium” (<https://medium.com/@mundodrive/quais-os-nomes-dos-filhos-de-ad%C3%A3o-e-eva-1e3239d4c852>), tanto ela quanto a esposa de Sete têm sua identidade revelada: “Azura, segundo o Livro dos Jubileus, foi uma das filhas de Adão e Eva. Ela tornou-se a esposa de (seu irmão) Sete e posteriormente mãe de seus filhos. A outra filha mencionada no Livro dos Jubileus é Avan, algumas vezes grifada como Awan. Esta casou-se com Caim, após o assassinato Abel, partindo com ele para a ‘Terra de Node’, lá eles teriam fundado a primeira cidade que foi batizada com o nome de seu filho, Enoque.

No blog do “Professor Janildo Arantes” (<https://www.professorjanildoarantes.com.br/2022/04/avan-esposa-de-caim.html>), há mais informações sobre Avan. Seu nome significaria, em hebraico, “vício” e “iniquidade”. Ou seja, Caim e Avan seriam a banda podre da prole de Adão e Eva.

Feitos os esclarecimentos e juntando as informações obtidas, conseguimos entender tudo: Caim se casou/se uniu com a irmã/sobrinha Avan, tal como era a tradição



divina da época. Não havia, pois, “pecado” nem “incesto”. No entanto, os dois pertenciam à linhagem da prole ímpia de Adão e Eva e foram os pais de Enoque, que não é o “filho de Jared, e pai de Metusalém (avó de Noé)” ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Enoque_\(antepassado_de_No%C3%A9\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Enoque_(antepassado_de_No%C3%A9))), mas um descendente maldito, ou seja, é o Enoque que não entrou na linhagem dos patriarcas. Por conclusão, “presumivelmente”, o Enoque de Caim e Avan tratou de encher a terra de novos amaldiçoados.

Feitas todas essas considerações, prefiro ficar com *O Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), romance de José Saramago. Por quê? Farei como segundo site: é preciso ler para entender.

Concluo apenas com uma questão: “De onde saiu a mulher de Caim?”. Para bons entendedores e boas entendedoras, uma questão basta. Despeço-me cada vez mais convicta de que o “meu” Deus está bem longe de tudo isso. Ainda bem.

(Aracaju, 8 de abril de 2024)



Brincando de *War*?

O jogo de tabuleiro *War*, criado em 1972, até hoje faz sucesso e tem versões mais condizentes com as tecnologias bélicas do mundo. Eu mesma joguei muitas vezes quando tinha dezoito, vinte e poucos anos... Esse sucesso tem correspondência direta com um fato inequívoco: o ser humano gosta de jogos de guerra. E quando falo em “jogos”, poderia falar em “estratégias”, o que nos leva aos livros, às obras de arte, aos filmes e às séries e etc. que giram em torno de distintas guerras.

No Ocidente, a *Ilíada* de Homero, epopeia cuja data gira em torno dos séculos IX a VII antes de Cristo, destacou os feitos de Aquiles e Heitor e de muitos outros guerreiros que atuaram na famosa e ainda misteriosa “Guerra de Troia”, que alimentou e alimenta o imaginário bélico do mundo.

As estratégias, os dramas, a violência, a diversidade de armas, os episódios em que se destacam ações “corajosas” dos heróis, tudo, na *Ilíada* e em outras muitas guerras, reais ou fictícias, nos envolve numa teia de relações perigosas e sangrentas que acende em nós esse gosto por situações de conflito em alto nível de desumanidade. É um grande paradoxo mesmo: seres humanos são fãs da desumanidade!

Eu poderia citar um sem número de guerras, de pequenas ou de grandes dimensões, em todas as partes do mundo, e também os produtos derivados de sua existência: livros, filmes, séries, pinturas, esculturas, álbuns, montagens teatrais etc. Mas escolhi alguns, apenas para



ilustrar mesmo (certamente terei esquecido referências importantes).

Da pintura *Guernica* (1937), de Pablo Picasso, à série *Stars Wars* (criada por Goerge Lucas em 1977); da pintura *Batalha do Avaí* (1872-1877), de Pedro Américo, à série *Game of Thrones* (cuja primeira temporada estreou em abril de 2011), criada por David Benioff e D. B. Weiss, com inspiração nos livros de George R. R. Martin reunidos sob o título *A song of ice and fire* (coleção iniciada em 1996 e ainda em fase de composição de novos livros); do *Mahabharata* indiano (séculos IV a III antes de Cristo), que narra a guerra entre Pandavas e Karauvas, ao filme também indiano *RRR Rajamouli, Ram Charan e Rama Rao*, aqui conhecido como *RRR, Revolta, Rebelião, Revolução*, lançado pelo diretor S. S. Rajamouli, em 2022; de *Guerra e Paz* (1867), de Liev Tolstói a *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha; de *A arte da guerra* (século V antes de Cristo), obra atribuída ao chinês Sun Tzu, a *Os cus de judas* (1987), do português António Lobo Antunes, e muitíssimos outros exemplos em que ou sob o patrocínio do deus da guerra Ares (grego) ou Marte (romano) e deuses de espírito assemelhado, ou com a aprovação de “Deus”, seja ele de qualquer religião e tenha o nome que tiver, nós, seres humanos sempre fomos, definitivamente, bélicos. E talvez seja essa a nossa maior doença.

Neste momento, as mídias andam celebrando as guerras em curso e as guerras futuras que elas podem gerar (Europa contra Rússia; Israel e aliados conta países do Oriente Médio; sem falar no projeto de Maduro para uma guerra aqui na América do Sul). Sim. Há uma celebração implícita, porque guerra também é sinônimo de audiência, o que gera mais patrocinadores e mais dinheiro. Guerra e



riqueza formam um dos pares mais fiéis do planeta. A indústria bélica agradece imensamente todos os conflitos. Os fanatismos religiosos, idem, afinal, matar “em nome de Deus” foi a máxima e o suporte “filosófico” de muitas e muitas guerras. As pessoas religiosas fanáticas ou fundamentalistas sempre se sentem em júbilo quando há guerras de fundo ou motivação religiosa. O Deus que mata é infinitamente mais importante que o Deus que ama.

A realidade das guerras é que, no fundo, não importa quantas vidas sejam interrompidas. Aliás, aqui no Brasil, um sujeitinho baixo nível chegou a dizer em alto e bom som, em vídeo de 1999 (veja lá: <https://www.youtube.com/watch?v=ElBQbueU0tQ&t=3s>). Eu não sou da horda de irresponsáveis que propagam *Fake News*), que era preciso matar “uns trinta mil” para resolver os problemas do país por meio de um golpe de Estado e que “morrer gente inocente” fazia parte disso (fazer o quê, né?). E essa fala não significou nem significa absolutamente nada para seus e suas fãs, porque, afinal, desprezar a vida humana faz parte da ideologia que os/as une. Faz parte dessa doença que consome o humano através dos tempos desde sempre. Armar, matar, exterminar. Verbos conjugados em todos os tempos e modos. Na maioria das vezes, como eu já disse, “em nome de Deus”, para não dizer da família e das “pátrias”.

O problema maior desse real jogo de *War* é que ele não acontece apenas num tabuleiro. E os/as jogadores/as não são familiares ou amigos/as buscando uma diversão que alimente essa paixão pelas guerras. Ao contrário, de diversão, ele nada tem, que o digam, hoje, o povo ucraniano e o povo palestino, que o digam os reféns israelenses e estrangeiros do Hamas, que o digam as famílias dos comba-



tentes de todos os lados que convivem diariamente com notícias de morte.

O show pirotécnico promovido pelo Irã em Israel provocou êxtase nas mídias. Líderes do mundo inteiro aproveitam o episódio para demonstrar seu gosto pela guerra. Fala-se em Terceira Guerra como se falasse em receita de pudim de leite condensado. Buscam-se, em fontes nada confiáveis, (des)informações ou, até pior, reproduzem-se, sem qualquer consulta prévia, as “manchetes” que atraem patrocinadores e aumentam a popularidade nas redes sociais. Mas eu, por exemplo, não vi ninguém questionar: como um país como Israel, que tem o poder de interceptar 300 mísseis iranianos (ou 99% deles), não conseguiu até agora resgatar os reféns hediondamente capturados pelos fanáticos e terroristas do Hamas e, por isso, precisou assassinar quase 40 mil pessoas na faixa de Gaza, um quarto delas, ou mais, crianças?; Terá sido mesmo um ataque em repúdio exagerado ao bombardeio da embaixada do Irã na Síria ou um espetáculo de estratégias para demonstrar ao mundo o poder bélico dos dois países (principalmente o de Israel)?; Como um país fundamentalista como o Irã, com o poder bélico que tem, faz um ataque desses, avisando vizinhos e conhecendo o poder de reação de Israel, se não fosse apenas para se exhibir?

Enquanto os poderosos desfilam seu poder bélico nas mídias, nós, os/as descartáveis, alimentamos essa paixão pelas guerras revelando nossa precariedade intelectual e nossa pouca sensibilidade humana. Comentários em postagens diversas afirmam absurdos como “tem que ter guerra mesmo”, “tem que atacar mesmo”, “Estou com Israel”, “o Irã fez bem” e por aí vamos, sedentos/as por mais sangue, mais mortes, mais fanatismo. Cristãos ignoram



completamente o “Não matar” e se fazem fãs de armas e de morte. Não cristãos se agarram às suas crenças com “unhas e dentes”, facas, fuzis, bombas. E quem não crê em deuses também não escapa da insanidade e fica esperando a próxima manchete escrita com sangue.

E aí? Vamos continuar jogando *War*? Vamos continuar reproduzindo imagens e textos absurdamente contaminados pela ignorância? Vamos nos tornar soldados dispostos a morrer por esses monstros perversos que manipulam o tabuleiro do mundo nos fazendo acreditar que as guerras são necessárias? Vamos continuar sendo massa de manobra de gente que despreza qualquer vida humana que não caiba nos seus padrões ideológicos? Vamos continuar dizendo sim à imbecilidade, ignorando signos visíveis de manipulação?

Para finalizar, uma dica: se você gosta de buscar informações na Internet, porque é mais fácil e mais rápido, deixe um pouquinho a preguiça de lado e, pelo menos, visite o “google acadêmico” (<https://scholar.google.com.br/?hl=pt>), que (dos males o menor) “facilita” seu acesso a textos de pesquisadores e pesquisadoras dedicados/as aos temas de seu interesse. Talvez (apenas talvez), lendo um texto mais profundo sobre assuntos que despertam sua atenção, você possa descobrir que o tabuleiro, afinal, é uma grande arapuca (cilada, armadilha) que os poderosos constroem para que você (nós) se voluntarie a morrer (ou aceite com naturalidade a morte dos outros) enquanto eles se fazem mais poderosos e mais ricos.

Nunca foi tão necessário pensar.

(Aracaju, 16 de abril de 2024)

Minha amiga Ailezz é pássaro musical, generoso e pleno

Há pessoas que entram em nossas vidas como pássaros musicais que, percebendo a beleza do pôr do sol, com ele se misturam, ampliando a sensação de beleza e de movimento. Enquanto o sol se esconde, cheio de pompa e circunstâncias, esses pássaros criam seus próprios movimentos, insinuando canções sobre liberdade, coragem e leveza. Nessa imagem metafórica, o sol é o próprio tempo, com seus inevitáveis ciclos, e os pássaros, como eu disse, são essas pessoas especiais que a vida não permite que passem sem serem notadas. Assim é minha amiga Ailezz. Pássaro musical, generoso, pleno.

A história de vida de Ailezz, que já pode ser lida, em fragmentos, em alguns de seus livros, e que, em breve, virá, com mais detalhes, em *Diário de Maria Fujona*, é, em si mesma, uma sinfonia. É quase inacreditável que a menina que, ainda pequena, assistiu à morte da própria mãe (você saberá as circunstâncias, se ler o livro), possa ter trilhado tantos caminhos tortuosos, ainda que repletos de momentos de grande felicidade, e chegado aos 75 anos capaz de iniciar uma carreira literária. Não é fácil ter 75 anos e ainda crer que há espaço e tempo para uma realização assim. A prova é que hoje, com 90 anos completos, ela já alcança 19 livros publicados.

Quando eu a escuto falar, ou pessoalmente ou através das vozes de seus livros, percebo como essa presença-pássaro foi fundamental para mim. Não que eu fosse



uma pessimista por natureza ou que considerasse a velhice como um conjunto irrefreável de nãoos, mas o pássaro-musical Ailezz me trouxe uma canção muito superior à pequenina melodia de esperança que me habitava. Ela é explosão de vida, de autodescobertas, de reinvenção do existir. Ela é a canção que brota do pacto com a sabedoria que não aniquila a espontaneidade (ah, quantas vezes a sabedoria se faz menos sábia por não aceitar a criança que também está em nós...). Ela é o anúncio vivo de que o pôr do sol é o momento mais pleno e impressionante do tempo.

Ailezz é sábia porque, como todos/as os/as grandes sábios/as, conhece suas limitações e imperfeições e segue, curiosa, em busca de oportunidades de transformação. Outro dia iniciou aulas de teclado. Com insegurança? Sim! Porque, como eu disse, ela tem a sabedoria de afastar a presunção antes de qualquer empreitada. Quantas vezes nos perdemos em nossos novos caminhos porque os iniciamos cheios/as de presunção e orgulho? O desafio do novo instrumento foi como o desafio de aprender a cozinhar, costurar, bordar, esculpir, pintar. Sim. Ela fez tudo isso e, na medida do possível, segue fazendo, ainda que, na maior parte das vezes, através dos relatos que nos conta sobre suas aventuras na culinária, na costura, no bordado, na escultura e na pintura.

Hoje, na plenitude de seus 90 anos, meu pássaro-musical é puro diamante. Uma joia que se contempla em êxtase, porque as marcas de sua plural lapidação estão espalhadas como os raios de um pôr do sol enriquecido por um conjunto de nuvens que lhe confere ainda maior impacto estético.

Ailezz, minha amiga amada, entende de nuvens. Entende de trovões, tempestades. Entende até (e se poderá ver



em seu novo livro) de ausência de pássaros e de maus-presságios. Mas, esse enredo alinhavado de tristezas, de medos e de inseguranças é como aquela nuvenzinha alongada, que parece ter franjas soltas ao vento, e por trás da qual, majestoso e definitivo, brilha o sol em seu movimento diário de adeus ou de até já.

Neste ano, chegamos juntas a etapas marcantes da vida: 90 anos, ela; 60 anos, eu. Mas, entre nós, não há 30 anos de diferenças, há 150 anos de comunhão, de afeto, de compartilhamento de gostos, de certeza sobre o tanto que nos falta para compreendermos o que, de fato, é a vida.

Esta crônica, por tudo isso, é um texto bordado com as letras da gratidão. A ela, à família dela que se tornou minha também, aos pássaros, ao pôr do sol, ao tempo, à velhice e a todas as artes que, que tanto para ela como para mim, são sinônimos de vida. Vida que necessita, urgentemente, de mais e mais pássaros-musicais como minha amiga Ailezz.

(Aracaju, 23 de abril de 2024)

Uma foto sua, agarrado à sua amante, caiu no grupo da família. E agora?

Nada como um título chamativo para capturar a atenção leitora. Pois bem. Vamos ao que interessa: desenrolar o fio dessa meada.

Em primeiro lugar, é preciso ressaltar que tudo o que for dito no masculino pode ter exato valor no feminino. Ou seja, onde se lê “o marido e sua amante” pode ser “a esposa e seu amante” e variações possíveis. Seguimos...

Imagine a situação: a tal foto do título chega ao grupo de sua família. Um quiproquó tem início. Você? Logo você, que sempre pareceu tão reto, tão bom esposo? Coitada da Fulana, ela não merecia algo assim! Um primo mais chegado, percebendo que você não viu a foto, manda no privado: “Camarada, o que foi aquilo? Perdeu a cabeça?” Você, sem saber, ainda, do que se trata, responde: “O que houve? Aquilo, o quê?”. “Sua foto lá no grupo, rapaz! Você tá ferrado! Ainda bem que a Fulana (sua esposa) não está no grupo...”.

Você corre para o grupo e vê a foto. Caos. O chão parece ter sumido. Há de tudo. Até postagens assim: “Sempre soube que de santo ele não tinha nada...!; “Esse nunca me enganou!”; “Desgraçado, fazer isso com uma pessoa como a Fulana!; “Que asco! Que vergonha!...” Enquanto o chão some, uma parenta solidária, escreve para sua esposa: “Fulana, aconteça o que acontecer, conte comigo. Você não merecia algo assim!” E compartilha a foto com sua esposa. Caos ao quadrado.





E aí? O que achou do enredo? Poderia acontecer com você? Nunca, né? Você não tem amante, logo, não haveria uma foto assim. Pois bem, é aqui que começa o verdadeiro enredo: não era mesmo você. Foi uma montagem. Enviada sem dó para o lugar certo, se o objetivo era destruir sua paz. Ou consegue imaginar que a conversa com sua esposa seria pura paz?

Mudemos de contexto. De repente, chega ao grupo do trabalho uma foto sua, nu, sentado no vaso sanitário. Furdunço. Risadas. Comentários do tipo “Sempre soube que ele era um cagão!”, “Ai, que nojento!”, “Que absurdo! Um deboche!” entrarão na pauta dos comentários. E a foto, obviamente, será encaminhada ao chefe por alguém. Lembre-se: sempre há “esse” alguém. E novamente não era você.

Mais um exemplo, para ficar bem claro do que se falará daqui para frente (fato já ocorrido recentemente com algumas mocinhas cariocas): uma foto de sua filha adolescente nua começa a circular no grupo da escola. Também não era ela. E, mesmo que fosse, seria uma violência esse compartilhamento, assim como nos dois casos acima.

Sentiu o peso dos dramas? Percebeu que, até esclarecer que tudo foi resultado de uma montagem, muita gente terá duvidado de você? Pensou que, mesmo com o truque comprovado, muita gente continuará achando que era verdade, já que é “impossível” reproduzir com tanta perfeição o rosto de alguém? Ou você acha que 100% da população entende de recursos que a Inteligência Artificial nos oferece hoje? Pensou que, no primeiro caso, em meio às tensões e às dúvidas, seu casamento poderia, inclusive, não sobreviver? Considerou que, no segundo caso, seu chefe, muito conservador, diante da dúvida, poderia até afastá-lo



ou mesmo demiti-lo pela “falta de decoro”, pelo “desrespeito”? Imaginou que sua filha adolescente, sem suportar o peso do disse-me-disse poderia tomar uns comprimidos e tentar o suicídio? Exageros? Serão mesmo exageros?

“Ah, você diria, essas coisas não aconteceriam comigo! Não tenho inimigos!” Não? E pessoas invejosas? Conhece algumas? E pessoas que morrem para não perder a piada e acham engraçado criar “brincadeiras” assim? Conhece? Ou você é do tipo que ama as cenas à moda Silvio Santos de envolver pessoas em “pegadinhas” em busca de capturar o público que se interessa por essas coisas? Engraçado, não é? Também há certa graça na foto em que você está agarrado com sua amante. Há certa graça em ver seu desespero para provar que é tudo mentira. Há certa graça no parente irônico e sádico, que, depois de tudo provado, ainda posta: “Ah, vamos lá... confessa...”. Há certa graça em ver todos os colegas de trabalho pensando na sua nudez e na imagem escatológica do seu defecar. Há certa graça nos comentários dos rapazes sobre os seios ou a bunda de sua filha, que, aliás, nem dela são. Ou será que o nome certo não seria “graça”, mas “desumanidade”?

Espero que esses exemplos tenham atingido sua sensibilidade e que se imaginar no meio de mentiras quase perfeitas dessa natureza acenda uma luz vermelha na sua mente. Estamos diante de uma encruzilhada: o que fazer com esse mundo que ganhou uma realidade paralela onde tudo é possível?

Infelizmente, boa parte da população brasileira e mundial se permite ser massa de manobra para gente (gente?) que ganha com essas mentiras. Não a sua, obviamente. Na sua insignificância material, a sua situação só serviria mesmo para um desafeto seu, uma pessoa invejosa, al-



guém que quer desmoralizá-lo na família ou no trabalho ou atingir sua filha. Mas, a depender da armação, ganha-se muito, MUITO dinheiro com a mentira.

Mentiras (ou Fake News) dão lbope, são manchetes de jornais, alimentam páginas de fofocas, provocam debates, mudam o destino de países, de povos, de empresas! São quase um “xeque-mate” no jogo de xadrez da vida! E quem usa o recurso da mentira? Quem quer o caos. Quem não tem como conseguir o que deseja sem destruir o outro por meio da virulência da mentira. Quem não tem a menor ideia do sentido da palavra “ética”. Quem só se importa com a própria vida.

Quando você acredita que o tal Elon Musk é um democrata e levanta a bandeira do “Abaixo Alexandre de Moraes! Abaixo a censura! Viva a liberdade!”, você está sendo massa de manobra dessa gente que ganha com a mentira. Gente que, diferentemente de você, se for também atingida pela mentira, terá grana e especialistas capazes de atuar rapidamente para esclarecer o que aconteceu. E ainda fará de seu drama fonte de mais seguidores, de mais “apoiadores”. E você? Tem esses meios? Resolveria rapidamente tramoias quase perfeitas envolvendo sua imagem? Lembra que o reitor da Universidade Federal de Santa Catarina se suicidou por não suportar ver seu nome envolvido em um caso grave de corrupção que, no fim das contas, não existiu de fato? A divulgação de um processo ainda em trâmite parece ter atendido mesmo ao propósito de atingir a universidade pública brasileira. Mas matou um ser humano. E a gaúcha Manuela D’Ávila? Inacreditável o que ela e a família passaram e têm passado: “Justiça ordena exclusão de 91 links com mentiras sobre Manuela D’Ávila” (UOL, 10/11/2020). Já pensou em se colocar



na pele dela? Ou sua resposta será: “Não me coloco em peles de comunistas!”, mesmo que sequer saiba direito o que significou (observe o tempo verbal) o comunismo? Quantos exemplos de sofrimentos semelhantes há? Qual é a sua capacidade de aceitar mentiras que envolvam pessoas que não admira ou que até “odeia”?

Elon Musk, a quem, vergonhosamente, uma porção de brasileiros e de brasileiras, saúda como um grande ídolo ou herói, é aquele da manchete do site “NSC Total”: “Elon Musk ganha 14 bilhões de dólares em um dia e ultrapassa Jeff Bezos na lista de bilionários”. É essa competência para ser o homem mais rico do mundo que faz dele um ídolo ou herói? É esse seu parâmetro de ser humano? Pois bem, esse homem, que já tem dez herdeiros, deu a um deles o nome de X Æ A-XII Musk e à outra, Exa Dark Sideræl Musk. Você poderia dizer: “E daí? Ele tem o direito de batizar os filhos como quiser!” Verdade. Inclusive, com a grana que possui, tem até o direito de definir o gênero humano a partir de si mesmo. Tem direito de criar linguagens. Tem direito de se fazer dono do sistema solar! Nesse sentido, segundo a CNN, “O bilionário Errol Musk, pai de Elon Musk, revelou que foi procurado para doar seu esperma a mulheres ricas e, assim, criar uma nova geração de “Elons”. Legal. Em lugar de “homo sapiens”, seremos “elon super sapiens” e só haverá bilionários no planeta. Só uma perguntinha: você acredita mesmo que haverá espaço para você nesse mundo? Acredita mesmo que balançar uma bandeirinha num comício com a imagem do poderoso Musk fará de você um “elon super sapiens”? Acho que não, hein? Aliás, tenho certeza de que não.

Entenda. Controlar o que se cria a partir dos recursos tecnológicos que ditam os rumos do mundo não é cen-



sura à liberdade. Controlar a circulação de informações não é querer implantar qualquer tipo de ditadura. É sensata e necessária censura à desumanidade. E não tente simplificar tudo acreditando em polarizações políticas. A grande e esmagadora maioria da população mundial não atua diretamente na política. Mas, ainda assim, pode ser vítima de difamações, truques, mentiras, violência. Cada vez mais e com maior perfeição técnica. Não à toa pessoas andam perdendo dinheiro em golpes de arquitetura cada vez mais sofisticada. São vítimas em menor escala? Sim. Mas você, em sua pequeníssima medida dentro do contexto do mundo, acharia pequeno ou insignificante passar por qualquer um dos três exemplos citados na abertura desta crônica? Melhor ditado de todos os tempos: “Pimenta nos olhos do outro é frescor!”.

Se você, depois de todos esses argumentos, continua pensando que a preocupação do Supremo Tribunal Federal, representado por Alexandre de Moraes, em criar instrumentos eficazes para criminalizar a violência contra o humano gerada pelos artifícios perversos de diferentes tecnologias e pela circulação sem freios de mentiras (fomentada por canalhas como Elon Musk, para quem só interessa um mundo habitado por réplicas suas), tem a ver com ditadura e censura à liberdade de expressão, siga em frente. Se gente que usa a mentira, às vezes em profundo grau de perversidade, para construir uma trajetória política merece seu voto e sua paixão, prossiga. Se tudo o que pessoas comprovadamente ligadas a esse universo de mentiras dizem é sinônimo de “E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará”, siga seu caminho. Às vezes, a estupidez é uma causa pela qual se luta toda uma vida. No final dela, a cova.



Escrevo porque o instante de ver a desumanidade corroendo a vida existe. Talvez seja poeta. Mas, certamente, sou triste.



(Aracaju, 30 de abril de 2024)





R.I.P. bom senso

“R.I.P.” é uma síntese da expressão latina *Requiescat in pace*, que, em português, significa “Descanse em paz”. Pois bem, é com R.I.P. que dou início a esta crônica que, se fosse um poema, seria uma elegia e, se fosse uma composição musical, seria um réquiem, ambas composições que tematizam a morte. Sim, infelizmente é necessário escrever sobre o fim do bom senso em nosso país e no mundo.

O termo “bom senso” traduz pensamentos e comportamentos que equilibram razão e emoção, em busca de contemplar o quê das coisas com serenidade, sabedoria, firmeza e inteligência. Como resultado, bom senso acaba sendo também um parente direto da sensibilidade.

O uso do bom senso deveria ser o princípio basilar da relação dos seres humanos com a vida. E se assim fosse, teríamos, de fato, uma experiência plena de humanismo e “biofilia”, termo que, por sua vez, significa “amor à vida”, o que inclui não apenas os seres humanos, mas o planeta, que não só é casa dos seres como parte mesmo de todos que nele habitam.

Infelizmente, volto a dizer, o bom senso está morto. E são inúmeras as razões para uma afirmação tão drástica. Certamente há quem tente ressuscitá-lo de algum modo, mas os grãos de areia de bom senso de quem resiste ao trágico fato de sobreviver num mundo sem bom senso são micropartículas dentro de um cosmos todo feito de total falta de senso.



Penso, primeiramente, no mais óbvio, por conta das circunstâncias que nos envolvem hoje no terrível quadro de desolação que atinge o país por conta das inundações no Rio Grande do Sul: a natureza foi abandonada pelos seres humanos. Tratada como “fonte” de enriquecimento material; violentada em suas estruturas básicas de harmonia e equilíbrio entre as diversas vidas que a formam; desprezada como fonte de reinvenção da vida que é; maltratada pela ganância; a natureza responde com seu grito de agonia, devolvendo, em forma de fenômenos naturais de dimensão inimaginável, o desequilíbrio que a falta de bom senso dos seres humanos causou.

A morte do bom senso tem, como uma das causas de seu óbito, a ganância e o materialismo. É como se cada ser humano fosse o protagonista do jogo “Quem quer ser um milionário?” (Slumdog Millionaire), em que as regras não fossem como a do filme de mesmo título (baseado no romance Q & A, do indiano Vikas Swarup) lançado em 2009, dirigido por Danny Boyle e escrito por Simon Beaufoy, mas um “vale-tudo” em que destruir a natureza fosse apenas uma das necessárias etapas para alcançar o “sucesso”.

Obviamente, esse é um sórdido jogo de cartas marcadas. E os vencedores, sabendo do que a brutalidade do jogo causará ao planeta, já arquitetam suas colônias de férias no espaço, disfarçando, desse modo, a construção de suas novas casas e definindo rotas de fuga espetacularmente tecnológicas.

Todavia, esse jogo não funciona sem os peões. Sem as peças que são eliminadas primeiro. Nós, que também assassinamos o bom senso, nos deixando ser massa de manobra. Por isso, sempre quem morre primeiro, em casos como as inundações no Rio Grande do Sul, são as pes-



soas mais pobres e desamparadas. E, no entanto, passada a tormenta, muitas pessoas continuarão sendo massa de manobra e logo apagarão de suas mentes a verdade, escarrada diante de todos nós: esses fenômenos são uma resposta ao que a Humanidade tem feito com sua própria casa.

Outra causa da morte do bom senso é o negacionismo, estratégia forte desse jogo cruel, que, por meio da circulação ampla de mentiras ou informações incompletas ou sem fundamento sólido, leva, por exemplo, um povo como o nosso, que sempre esteve atento à vacinação como forma de prevenir doenças, a abandonar as vacinas, gerando um absurdo retrocesso no controle da saúde nacional. E isso é só um exemplo nacional. O mundo inteiro esparama pelo planeta as mais absurdas mentiras em busca de negar qualquer projeto ou ação voltado para eliminar a violência do materialismo, da desigualdade e da violência entre os seres humanos.

A melhor forma de combater o negacionismo seria a leitura de textos fundamentados. Mas a preguiça de ler textos dessa natureza é flagrante. A sede por textos rápidos, sintéticos, fáceis de serem entendidos (e às vezes nem entendidos, mas compartilhados) retrata a precariedade e é mais um reflexo da morte do bom senso.

Fator igualmente fundamental para que o bom senso chegasse ao fim é o ódio. Alimenta-se de tal forma o ódio ao outro que não há a menor possibilidade de se chegar à harmonização das diferenças. O que é diferente se torna alvo. Um imóvel alvo, que, faça o que faça, aconteça o que aconteça, está ali apenas para receber a rajada de balas. O desejo de ver o outro morto porque ele é diferente foi banalizado, naturalizado.



O ódio, por isso, é irmão gêmeo do armamentismo. E os dois juntos estão construindo um dos piores cenários de guerra da história humana. Fala-se em armas atômicas e químicas como se se falasse sobre fórmulas para novos perfumes. Lançam-se mísseis para testes de guerra como se fossem fogos de artifício para alguma comemoração. Bombardeiam-se espaços habitados por populações indefesas como se fosse uma necessária etapa do jogo. “Podem morrer uns trinta mil”, disse certa figura asquerosa. Talvez possam morrer milhões. E as cartas marcadas do jogo assistirão à explosão do planeta sentindo-se deuses, donos de um futuro onde, “felizmente”, não haverá gente pobre, gente que não se adeque a seus padrões genéticos de “superioridade” (eis uma conhecida ideologia se repetindo).

No Brasil, a morte do bom senso cria espetáculos macabros, como a fusão da imagem de Jesus com as armas; a fala de “pastores” dizendo coisas como “algumas crianças são culpadas pela violência sexual que sofrem”, “eu beijei minha filha na boca” (e a filha teve que ir para as redes sociais desmentir e defender o pai, que, sim, disse isso, num evento “religioso” só para homens); a deformação voluntária de rostos em prol da “face perfeita”, criando Frankensteins pós-modernos; o envolvimento de pessoas que, normalmente, seriam até consideradas razoavelmente equilibradas na disseminação de mentiras por meio de suas redes sociais; a exposição crua e insensível da morte e da fome alheias apenas com o propósito de “lacrar” nas redes; e por aí vamos...

O que vemos, no que se refere ao quadro da circulação de mentiras, é gente que, sem bom senso, nunca procura verificar se o que está compartilhando é mesmo verdade.



Isso não importa. O ódio precisa da mentira para ganhar força. E, nesse sentido e como exemplo, demonstrar revolta contra o genocídio na Palestina se torna, para quem ama alimentar o ódio, antisemitismo. A ausência de bom senso impede que se distinga o que é condenar o extermínio de um povo e o que é ter ódio aos judeus (sim, esse ódio existe e deve ser identificado e punido). Os odientos acusam de odientos quem tenta usar o bom senso. E o ciclo infundável de ódios vai se ampliando enquanto mais gente inocente morre, e a Terra vai de dissolvendo nas fraturas do desamor.

Aqui em nosso país, de repente, a dor gaúcha (e nacional, volto a dizer, porque há quem, contaminado pela falta de bom senso, insista em tratar da questão por meio do viés separatista, como se essas inundações não aconteçam ou possam acontecer também em diferentes partes do território nacional) é mote para uma outra enxurrada: a desse ódio. Insatisfeitos com as inundações provocadas pelas águas, os odientos querem as inundações do ódio. Ler os comentários às postagens sobre a situação no Rio Grande do Sul é uma overdose de tristeza. É o canto fúnebre, de fato, para o bom senso. Escorre fel, insensatez e crueldade de pessoas nas quais mal conseguimos ver o humano. E a dor se amplia quando essas pessoas estão presentes em nossa própria história de vida.

Em meio ao velório do bom senso, me abraço a Alberto Caiero (heterônimo de Fernando Pessoa, ou, em outra linguagem, um poeta fictício e com estilo próprio criado pelo poeta português) e assino com ele o poema de “O guardador de rebanhos”:



XVIII - Quem me Dera que eu Fosse o Pó da Estrada



Quem me dera que eu fosse o pó da estrada
E que os pés dos pobres me estivessem pisando...



Quem me dera que eu fosse os rios que correm
E que as lavadeiras estivessem à minha beira...



Quem me dera que eu fosse os choupos à margem do rio
E tivesse só o céu por cima e a água por baixo. . .

Quem me dera que eu fosse o burro do moleiro
E que ele me batesse e me estimasse...

Antes isso que ser o que atravessa a vida
Olhando para trás de si e tendo pena ...




R.I.P., bom senso. Que sua memória ainda possa persistir em corações que nunca desistem. Eu estou à beira de desistir.

(Aracaju, 7 de maio de 2024)



Cascas de alho



Ontem, a fila no supermercado de bairro estava pequena. À minha frente, uma senhora magrinha e bem idosa organizava, na esteira da caixa, uns cinco ou seis produtos (de que não me recordo mais). Ela aguardava que a cliente anterior finalizasse o pagamento.

Uma cena corriqueira, que habita todas as cidades do mundo. E eu nela, sem pensar em nada que não fosse o cumprimento de uma tarefa igualmente comum: abastecer um pouco a geladeira de minha casa.

De repente, percebi que a senhorinha tinha duas cabeças de alho nas mãos. Ela verificou o andamento da finalização da compra da outra cliente e, olhando para as duas cabeças de alho, começou a descascá-las meticulosamente. Jogava, paulatinamente, as cascas na cestinha plástica e voltava a observar os alhos, para conferir o trabalho feito. Tirou, cuidadosa, mais uma pelezinha de um, e se voltou, satisfeita, para as compras, mantendo as cabeças de alho nas mãos.

Quando chegou a vez de ela passar os produtos para a mocinha da caixa, manteve as cabeças de alho nas mãos e passou o resto. A mocinha foi processando a compra, e quando havia lido o código de barras do último produto, a senhorinha lhe perguntou qual era o total a pagar até ali. E a mocinha disse o valor (também não me recordo) e a senhorinha, balançando afirmativamente a cabeça, lhe entregou uma das cabeças de alho para pesar, aguardou o novo total e, mais uma vez assertiva, entregou a segunda



cabeça, ouviu o total definitivo e tirou da bolsinha de pano que carregava o dinheiro para pagar as compras.

Então eu entendi tudo! Ela tirou as cascas do alho para que o peso diminuísse e, em seu dinheiro, pudessem caber todas as compras. Sequer posso imaginar quanto de peso foi eliminado com a estratégia. Quantas microgramas? Nunca saberei, mas acreditei na sabedoria daquela senhora e imediatamente me lembrei das inúmeras vezes em que as cestinhas dos supermercados têm restos de cascas de alhos abandonadas no fundo.

Esse fato mexeu comigo. Minha vontade foi ir até o hortifrúti do mercado e pegar trinta cabeças de alho para dar àquela senhora. Pareceu-me tão duro que alguém chegasse ao ponto de precisar tirar as cascas de alho para poder realizar a desejada compra... Lembrei de muitas coisas tristes relacionadas à pobreza, ao enfrentamento diário das dificuldades para levar alimentos para casa, à injustiça que coloca uns no setor de importados, diets, queijos e guloseimas e outros na corda bamba da soma que definirá se o que se escolheu irá ou não para suas casas...

Passei o dia pensando naquilo. Lembrei do livro *A fome*, do argentino Martín Caparrós, cuja leitura me causou profundo espanto, dada a natureza inacreditável das fomes descritas e narradas a partir das viagens que ele fez pelo mundo, na condição de observador desse fenômeno aviltante que comprova os descaminhos da Humanidade. Lembrei da luta que é convencer quem só considera o país a partir de índices do mercado e acredita, com força, na “lei do esforço” e no “mérito”, como se qualquer pessoa pudesse enriquecer rapidamente a partir de esforços próprios. Recordei que há pouco tempo, passou-se a considerar normal filas para comprar ossos ou pés de galinha. E



foi me doendo a certeza de que levar em consideração, em primeiro lugar, as pessoas que pouco ou nada têm é visto por muitíssima gente como populismo ou um assistencialismo que prejudica que essas pessoas “tenham sucesso” ou sejam “empreendedoras”.

Contudo, esse acúmulo de lembranças e sentimentos negativos, repentinamente, deu uma cambalhota: retirar as cascas de alho não foi só uma estratégia da senhorinha sabida para comprar tudo o que queria! Ela, na verdade, me ofereceu uma bela metáfora da própria sobrevivência! Afinal, quantas metafóricas cascas de alho precisamos descartar para podermos seguir em frente na vida?

Cascas de alho podem ser os defeitos das pessoas com quem convivemos. O amor nos faz eliminar esses defeitos na hora da balança afetiva para podermos seguir admirando, nelas, as qualidades que nos fazem bem.

Cascas de alho podem ser os traumas que todos temos e que precisam ser deixados de lado se queremos (mesmo!) encontrar alguma felicidade nesta vida.

Cascas de alho são pessoas que, definitivamente, não devem estar em nossa rotina, porque nos fazem mal.

Cascas de alho são as imbecilidades que circulam nas mídias e redes sociais, exigindo de nós o “respirar fundo” para ignorá-las, a fim de que não se fixem em nossa pele e em nosso pensamento como o próprio cheiro do alho, exímio em se impregnar em nossas mãos e em nosso hálito.

Cascas de alho são os ressentimentos, os desejos de vingança, o orgulho, a vaidade, a inveja, o consumismo, o materialismo, a insensibilidade, o desamor.

Cascas de alho são os pesos extras dos quais devemos nos livrar, principalmente quando percebemos que é preciso estar mais leve para passar pelo pedágio da vida.



E aquela senhorinha imediatamente saiu da bagagem das lástimas e das penas (essa que costumamos carregar para aliviar nossa consciência e nos sentirmos sensíveis e humanos, mesmo que não façamos coisa alguma por qualquer senhorinha como aquela) e entrou na bagagem das mestras. Em seu gesto, ela compôs uma metáfora perfeita. E, ainda que cascas de alho possam ter finalidade medicinal, se aproveitadas adequadamente, vou preferir descartá-las, deixando essa missão de resgate para outros espíritos mais elevados.

Eu quero ser como aquela senhorinha, que saiu toda prosa com suas duas sacolinhas de compra, que, claro, incluíam as duas cabeças de alho. Obrigada, mestra!

Mas, convém dizer para concluir, há quem prefira ser as cascas de alho agonizando no fundo da cestinha.

(Aracaju, 14 de maio de 2024)





Quem vai me servir um suco de laranja?

A pergunta que se fez título da crônica poderia ser muitas outras: Quem vai me trazer um copo d'água?; Quem vai arrumar minha cama?; Quem vai limpar meu banheiro?; Quem vai lavar minhas calcinhas?; Quem vai fazer meu almoço?; Quem vai trocar as fraldas do meu bebê?; Quem, enfim, vai me servir? etc. Todas ou qualquer uma dessas questões falam de uma condição muito comum no cotidiano do mundo: servir e ser servido. E é sobre isso que vou falar hoje.

Termos como “servir”, “servidão”, “serviço”, “servil”, “subalternidade”, “subalterno”, “subserviência”, “submissão”, entre outros, estão relacionados a um mesmo processo: o que estabelece uma relação entre alguém que realiza uma ação em prol de outro alguém ou em prol de um coletivo, que, como consequência, se beneficiará dessa ação.

Absolutamente ninguém no mundo pode prescindir do serviço de outro alguém. Assim como também é impossível, durante a vida, não realizar a ação de servir. Desse modo, o par “servir e ser servido” não representa, em si, um problema, já que as duas condições estão presentes na vida humana e fazem parte do que chamamos de relações sociais. Mas é preciso aprofundar o tema.

Segundo Plácido e Silva, no *Vocabulário Jurídico*, a palavra “serviço” vem do latim “servitium (condição de escravo) e “exprime, gramaticalmente, o estado de que é servo, encontrando-se no dever de servir; ou de trabalhar para o amo. Extensivamente, porém, e expressão designa



hoje o próprio trabalho a ser executado, ou que se executou, definindo a obra, o exercício do ofício, o expediente, o mister, a tarefa, a ocupação ou a função”. Serviço e escravidão, um par perverso. Sigamos...

Como se vê, em sua origem, a palavra “serviço” estava atrelada à ideia de “escravidão”. E aí começa o real problema: servir é uma atribuição específica e obrigatória de alguém? Ou, em outras palavras, servir é uma condição que define alguém como naturalmente subalterno a outro alguém? A história das diferentes formas de escravização dos seres humanos nos conta exatamente isso: a humanidade criou parâmetros para definir a superioridade e a inferioridade entre os próprios seres humanos e estabeleceu como legítima a prática de submeter o outro, por meio de violência física e psicológica, à eterna condição servil.

Todos nós, em tese, deveríamos assumir a dupla condição de servir” e “ser servido” como experiências inerentes à existência, visto que somos seres sociais e, sem relações, não sobrevivemos. Entretanto, um mundo construído a partir de diferentes e perversos processos de escravização de alguns (muitos) gera a falsa impressão de que alguns nasceram para servir (subalternidade fixa) e outros para serem servidos (os “senhores”).

Numa sociedade materialista, em que a condição econômico-financeira e o status social definem as metas de vida das pessoas, estar quase que de forma insuperável atrelado à condição servil significa não ter qualquer ou quase nenhuma possibilidade de ter acesso à outra condição: a de ser servido. Ou seja, quem, segundo essa perversa regulação social, nasceu para servir sucos de laranja sequer pensará na questão “Quem vai me servir um suco de laranja?”.



Ter consciência de que ser servido, na maior parte das vezes, extrapola uma experiência natural e humana de relação com o outro, em que qualquer um de nós pode estar numa das extremidades (servir e ser servido), porque nos coloca sempre nessa posição (a de ser servido) e quase nunca na outra (a de servir), é fundamental para que possamos romper com essa perversidade. Para que possamos romper com o signo da escravização do outro, ainda que essa escravização venha disfarçada de “oportunidade de emprego”, de “salário mínimo”, de tratamento “generoso” do outro como “alguém da família”, etc.

Muitas vezes, como reflexo do materialismo obsessivo em que vivemos, lemos matérias que falam da “oportunidade de emprego” como algo extremamente positivo, ainda que essa oportunidade signifique trabalhar de domingo a domingo, com folga a cada quinze dias, por um salário irrisório (que os que são servidos jamais aceitariam, porque sequer seria suficiente para comprar um de seus pares de sapatos).

Se vemos o outro como eterno e justo subalterno, não importará que ele receba por seus serviços um valor que é irrisório para nós. Afinal, o lugar dele é aquele. E ele saberá “se virar” com o dinheiro que, para nós, é insuficiente até para comprarmos um par de sapatos. Naturalizar, pois, a condição eternamente servil do outro nos faz extrapolar a real necessidade de ser servido a ponto de realmente acreditarmos que necessitamos, todo o tempo, de alguém que nos faça e sirva um suco de laranja ou de alguém que arrume nossa cama; lave nossas cuecas e calcinhas; cuide de nossos bebês, deixando para nós apenas a parte “cheirosa” da maternidade ou da paternidade; limpe nosso banheiro e coisas do gênero, que somos perfeitamente capazes de fazer, mas que, por serem ações aborrecidas,



malcheirosas, chatas ou ações ínfimas se comparadas à grandeza das outras coisas que fazemos, preferimos delegar a quem “nasceu para servir”, porque temos dinheiro para isso e “merecemos” isso porque “batalhamos” (ou herdamos) por esse privilégio.

A subalternidade está nas relações familiares, quando se naturaliza a mulher como aquela que deve ser vir a todos. Está nas relações de trabalho, quando o outro produz, por remuneração até desumana, alimentos, objetos e outros produtos que serão consumidos por quem nasceu para ser servido. Está nas relações de gênero, quando se naturaliza que as mulheres sempre devem assumir as tarefas servis. Está nas relações étnicas, quando naturalizamos a escravização de grupos étnicos. Está em todo tipo de “clivagem”, que é a separação de grupos sociais a partir de parâmetros criados e conduzidos por ideologias opressoras, discriminatórias e desumanas de ordem política, religiosa, econômica etc.

O problema da pergunta que dá título a essa crônica reside, portanto, na ideia de que necessitamos que sempre nos sirvam “sucos de laranja” e de que, para essa ação de servir haja pessoas naturalmente destinadas a ela.

A desigualdade está expressa com todas as letras no par “servir e ser servido” quando é evidente que sempre serão os mesmos que servirão e os mesmos que serão servidos. Talvez seja a hora de levantar a bunda da cadeira e fazer o próprio suco e, mais, aprender que fazer suco para quem jamais foi servido pode ser uma imensa experiência de transformação pessoal e social.

(Aracaju, 4 de junho de 2024)



Revolta

O título da crônica de hoje não poderia ser outro. Mentira. Poderia sim, se não fosse pesado e vulgar descambar para o palavrão. A notícia que produz esse sentimento terrível é a intenção da câmara dos deputados de tornar crime de homicídio o aborto realizado, após 22 semanas de gestação, por mulheres e crianças estupradas.

Essas mulheres e essas crianças, à luz do projeto de lei 1904/2024 vinculado a: Sóstenes Cavalcante - PL/RJ, Evair Vieira de Melo - PP/ES, Delegado Paulo Bilynskyj - PL/SP, Gilvan da Federal - PL/ES, Filipe Martins - PL/TO, Dr. Luiz Ovando - PP/MS, Bibo Nunes - PL/RS, Mario Frias - PL/SP, Delegado Palumbo - MDB/SP, Ely Santos - REPUBLIC/SP, Simone Marquette - MDB/SP, Cristiane Lopes - UNIÃO/RO, Renilce Nicodemos - MDB/PA, Abilio Brunini - PL/MT, Franciane Bayer - REPUBLIC/RS, Carla Zambelli - PL/SP, Dr. Frederico - PRD/MG, Greyce Elias - AVANTE/MG, Delegado Ramagem - PL/RJ, Bia Kicis - PL/DF, Dayany Bittencourt - UNIÃO/CE, Lêda Borges - PSDB/GO, Junio Amaral - PL/MG, Coronel Fernanda - PL/MT, Pastor Eurico - PL/PE, Capitão Alden - PL/BA, Cezinha de Madureira - PSD/SP, Eduardo Bolsonaro - PL/SP, Pezenti - MDB/SC, Julia Zanatta - PL/SC, Nikolas Ferreira - PL/MG, Eli Borges - PL/TO e Fred Linhares - REPUBLIC/DF, serão consideradas assassinas e terão punição que pode chegar a 20 anos de prisão, enquanto que a punição para o estupro é de até 10 anos.

Conforme conta o site “Extra Classe”: “Em 2022, 74.930 pessoas foram estupradas no Brasil, 61,4% delas



tinham até 13 anos, segundo dados do Fórum de Segurança Pública”, ou seja, esse revoltante projeto de lei, assinado pela pior classe de deputados e deputadas que este país já teve, atinge mais diretamente a meninas de até 13 anos.

Eu realmente estou prestes a desistir da Humanidade. Não é possível que esses senhores e essas senhoras possam ser considerados como porta-vozes da população brasileira a ponto de propor, com risco iminente de aprovação, algo tão nefasto.

Acredito que boa parte das pessoas que concordam com isso não têm a menor capacidade de sentir ou de medir a dor de uma mulher ou de uma menina que se veja agarrada, agredida e humilhada por um homem ou por alguns homens que a penetrarão na vagina, no ânus, na boca e onde mais lhes dê na telha e, após passar por tudo isso, descobrir uma gravidez, não conseguir fazer o aborto a que teria direito (seja por não ter forças para buscá-lo, seja pelos atrasos no sistema que deveria protegê-la), fazer o aborto depois de 22 semanas e ainda ter que viver a experiência de uma prisão como se fosse uma assassina. É realmente inacreditável. É desumano. É hediondo. É horrroso.

A revolta é tão grande que pensamentos absurdos passam pela cabeça. Expulso todos. Não quero destruir a bondade que habita meu ser. Mas a vontade de desistir é imensa. Desistir de acreditar que o ser humano pode ser melhor. Desistir de acreditar que podemos depositar nossa confiança em quem legisla neste país. Desistir de acreditar que haja realmente religiões pautadas pelo amor. Porque, sabemos, grande parte desse horror vem de gente que se crê cristã, que fala em “defesa da vida”, mas que



ignora completamente o significado de um estupro na vida de uma mulher.

Caso essa lei seja aprovada, mais injustiça acontecerá neste país. Mais estupradores se sentirão animados a seguir com sua prática hedionda, porque, afinal, esse tipo de ser se realiza sadicamente a partir do sofrimento da outra pessoa, a quem subjuga com violências de todo tipo.

Caso essa lei seja aprovada, muita gente estará jogando numa cova de leões mulheres e meninas que nunca, jamais, foram criminosas. Apenas exerceram o direito de não terem suas vidas marcadas por um nascimento que, de forma alguma, significa vida, porque foi gerado pela morte, a morte da dignidade, a morte da esperança, a morte do sonho.

É muito fácil dizer: “que tenha a criança e dê para a adoção”. Há tanta gente querendo adotar... Há mesmo? Será? Será que todas as pessoas que querem adotar uma criança adotariam de bom grado o fruto de uma violência hedionda? Ou será que essa criança viveria na roda dos enjeitados? Como se sentiria uma criança quando crescesse e soubesse que foi fruto de um estupro? Feliz? E a mãe? Como seguiria em frente tendo na memória não só o estupro em si como a gestação, o parto, o nascimento, a doação da criança, os olhares da sociedade?

Onde colocarão essas “homicidas”? Em presídios onde se misturarão com verdadeiras homicidas, traficantes etc? Que tipo de vida terão depois de cumprirem a pena? Dependendo da idade, serão condenadas a nunca terem um filho ou uma filha numa relação de amor?

O que essa gente nefasta e seus/suas seguidores/as querem alcançar com isso? Será que realmente acreditam que uma lei dessa natureza associada a seus nomes lhes



aproxima de Deus? Que Deus é esse em que acreditam? Que religião é essa que têm? Que raio de maldade habita essas pessoas a ponto de priorizarem temas como esse, criando uma lei podre que amplia o sofrimento de quem passou por uma das piores violências, quando tantos outros assuntos importantes aguardam serem apreciados?

Minha revolta é realmente imensa. E, para aumentá-la, imagine que, por trás da história de vida de gente que apoia isso, há abortos. Praticados às escondidas. Em clínicas para quem pode pagar. Há pais e mães que apoiaram o aborto da namoradinha do filho, porque não queriam que uma criancinha “atrapalhasse” a juventude do seu filhinho. Há mulheres que, na adolescência ou mesmo depois, fizeram aborto, e agora, arrependidas (mas sem contar para ninguém o que fizeram no passado), tornam-se porta-vozes desse descalabro. Há também quem, no fundo sórdido de seu ser, tenha até um prazer sádico ao imaginar estupros. Há, enfim, gente que é absolutamente incapaz de representar uma sociedade que se organize em prol de um mundo melhor.

Não há mundo melhor quando o fanatismo e a crueldade escrevem as letras da tortura e da injustiça.

(Aracaju, 12 de junho de 2024)

De volta à Idade das Trevas? (parte I)

Que a Humanidade, volta e meia, retoma pedaços de sua própria história para reinventá-la com novo rosto, nova roupagem e elementos estruturantes próprios, isso qualquer pessoa que visite, cronologicamente, a trajetória humana pelo planeta logo constata. Não é à toa que, na área das artes, por exemplo, períodos da cultura ocidental tenham sido batizados como “Renascimento”, “Neoclassicismo”, “Parnasianismo”, “Neossimbolismo” e por aí vamos.

Quando pensamos em moda, o mesmo procedimento se repete. A calça boca de sino é um símbolo disso. Deitada e motivo de riso em algumas décadas, volta, de repente, faceira e ainda mais exagerada, em outras. Na mesma sintonia, uma palavra que anda circulando abundantemente por aí é “vintage”, que se relaciona ao desejo de se resgatar, não só na moda do vestuário, mas nas decorações e nos artefatos, tudo o que se produziu no século XX até os anos 70.

Revisitar o passado e trazer de volta hábitos, atitudes, nomes, arte, costumes etc., é, portanto, parte da própria vida, da maneira de os seres humanos dimensionarem o sentido de sua existência. Até aí, só constatações óbvias.

O problema se dá quando a sociedade se move em direção à recuperação ou à retomada de estruturas do passado que, comprovadamente, foram superadas a partir de uma séria consciência de que não atendiam à própria condição humana de vida. E, nesse sentido, a Idade Média, em





que pesem as manifestações artísticas de altíssimo nível e de grande interesse para a compreensão da trajetória humana pelo mundo, conseguiu reunir diversas estruturas que contribuíram para que o intervalo entre os séculos V e VX fosse severamente marginalizado a ponto de se considerar parte desse período como “Idade das Trevas” (péssima generalização cabe dizer).

A obra *Literatura europeia e Idade Média Latina*, do alemão Ernst Robert Curtius (1886-1956), é excelente fonte para se conhecer melhor tanto o contexto literário e artístico da Idade Média quanto para se obterem informações bem sustentadas sobre as diferentes percepções acerca desse longo período ainda tão cheio de mistérios. No entanto, o que quero sublinhar aqui é a alcunha (injusta em muitos aspectos, mas isso é tema para outro momento) de “Idade das Trevas”, que acabou levando as pessoas a verem esses dez séculos como “tenebrosos”.

De forma geral, entre a queda do Império Romano e a posterior decadência da Igreja Católica, que resultou no surgimento da Reforma Protestante, o que encontramos são guerras das mais variadas, abuso de poder, tirania, corrupção, absurda desigualdade social, misoginia, perseguição a quem não se submetia ao poder religioso e às estruturas feudais, etc. Até uma “Peste Negra” entrou no rol dos “acontecimentos” ligados à Idade Média. Daí a ideia de, no conjunto, esses dez séculos serem sinônimos de flagelo, doença, guerra e poder desvairado sustentado na religião.

Quando o mundo entra na chamada “Idade Moderna”, tinha-se a impressão de que um novo horizonte de compreensão da existência humana e das relações sociais se abria e que o quadro violento até então desenhado ga-



nharia outros tons. Mas logo o expansionismo marítimo e o genocídio na África e nas Américas provaram que não seria bem assim. O que tivemos foi uma fantasia ou uma roupagem mais elaborada que dava à cultura europeia um “ar” de dona do próprio sentido de cultura. Os outros eram os bárbaros, postura semelhante à dos gregos (olhem a re-visitação à história), que assim alcunhavam os povos que tinham hábitos culturais distintos dos seus.

Um pouco menos (mas nem tanto) afastada do poder político, a Igreja Católica deu as bases ideológicas para justificar o genocídio das “terras descobertas”. Aqui no Brasil mesmo, os povos indígenas não tinham nem Fé, nem Lei, nem Rei, apenas porque não se podiam reconhecer as letras F, L e R nas línguas aqui faladas. Argumento perfeito para justificar a imposição da Fé, da Lei e dos “Reis” europeus nas colônias aqui instauradas.

Se, de um lado, a separação entre a Igreja e a Política era conduzida por caminhos cada vez mais afeitos à ideia de “estados laicos”, de outro, o moralismo religioso, agora ampliado pela circulação de novas religiões e pelo próprio contato com religiões orientais, continuava a interferir nas bases legais e nos costumes que organizavam as sociedades humanas.

A ascensão da classe burguesa trouxe transformações. Mas, ainda nela, estavam impregnados os valores de uma moralidade de fundo patriarcal, branco e eurocêntrico, arraigada na clivagem que continuava a separar os seres humanos em castas. Basta pensarmos no sentido que a palavra “burguesia” hoje tem. Ou recordar a máxima do final do século XIX de que o homem “é fruto da tríade raça, meio e momento” (para se aprofundar, buscar o pensamento do francês Hippolyte Adolphe Taine, 1828-1893). Ou seja,



quem nasceu para ser capim não chega a roseiral. A contrário, precisa ser exterminado para não atrapalhar a beleza da flor. Ou se conformar em ser alimento de gado e só.

Dando um salto no tempo, chegamos à primeira metade do século XX e eis que a Humanidade, plena em conhecimentos tecnológicos, realiza dois feitos aterrorizantes: a primeira e a segunda guerra mundiais. Se as guerras medievais pareciam brutas e perversas, pela natureza dos confrontos, pelo corpo a corpo e por instrumentos bélicos como espadas, facas, lanças e machados, que geravam espetáculos envolvendo cabeças decepadas e muito sangue, a Primeira e a Segunda guerras evidenciaram os avanços tecnológicos que permitiram a destruição em massa de forma muito mais rápida, certa e menos “individualizada”.

Contudo, se usarmos apenas um pouquinho de nossa capacidade analítica e formos capazes de estabelecer relações de sentido entre palavras e épocas, não teríamos nessas duas guerras a vivência do terror que levou a história a atribuir esse valor de “trevas” à parte da Idade Média (ou a seu todo, no momento em que se trata dez séculos como uma coisa só)?

Os dias 6 e 9 de agosto de 1945, no entanto, marcaram uma ruptura com essa trajetória abjeta. As bombas atômicas que os Estados Unidos jogaram em Hiroshima e Nagasaki pareciam ter definido o fim de uma aberração: o uso da inteligência humana em prol da destruição da própria vida e do planeta. E a segunda metade do século XX tratou de produzir inovações e destruição de paradigmas. Mas não foi capaz de transformar a consciência humana em seu aspecto mais relevante: o necessário amor pela vida como força básica para um mundo diferente, mais igualitário e pacífico.



Hoje, ano de 2024, infelizmente, são inequívocos os registros de que estamos caminhando rumo a reviver as trevas. E não faltam os elementos básicos desse enredo: alta tecnologia militar; ameaças de nova guerra de feição mundial; fanatismo religioso; interpenetração entre religião e política; precariedade de condições de trabalho dos menos favorecidos, criando novas formas de escravização; imperialismos disfarçados de superioridade econômica; pobreza extrema em contraste com riqueza extrema; novas pestes (como a recente e terrível Covid-19); destruição da natureza; culto à mentira; entre outros.

Será que conseguimos atualizar o termo “Idade das Trevas”? A reflexão continuará na próxima semana.

(Aracaju, 26 de junho de 2024)



De volta à Idade das Trevas? (parte II)

Voltando à questão da semana passada, quero lembrar as palavras de Mídia Gislene A. S. Santos e Maria Inês Paulista no artigo “Idade Média x Idade”, publicado na revista *Mirandum*, da Universidade do Porto, em 2009:

“Quem possuía terras, tinha poder. A Igreja tinha terras, poder espiritual, se fazia presente na vida de todos, desde o nascimento até a morte, comandando tudo com mão de ferro e tornando-se insaciável na busca de riquezas. Ao mesmo tempo, procurava atrair para si o maior número de fiéis e para esse objetivo, buscou na educação dogmática uma forma de manter as pessoas em seu ministério”.

“O paradigma medieval era: — ‘Deus é o centro de tudo’ (teocentrismo), a vida cultural estava ligada ao cristianismo, as obras de arte e os livros importantes tratavam de temas religiosos, a verdade estava sempre na Bíblia e na autoridade da Igreja, os clérigos detinham o conhecimento. No paradigma medieval, o homem era reflexo de Deus, a razão humana era reflexo da revelação divina, custodiada pelos padres e pelo Papa, verdadeiros intérpretes da Bíblia”.

Tomando como ponto de partida esses dois trechos, que se referem ao modo como a Igreja Católica chegou ao poder, caracterizando a natureza religiosa da política medieval, percebe-se, claramente, o que, em território brasileiro, podem significar, em termos de retrocesso a essa fusão entre Religião e Política, a explosão de novas religiões, gerando todo o tipo de “igreja” em cada cidade; a



crescente influência política da chamada “bancada evangélica”, infiltrando uma suposta religiosidade onde só deveria existir laicidade – “doutrina ou sistema que preconiza a exclusão das Igrejas do exercício do poder político e/ou administrativo” (Dicionário Oxford) –; a violência cada vez mais exacerbada contra as religiões de origem africana, respaldada por princípios que se assemelham à ideologia que sustentou a Santa Inquisição no final da Idade Média; a demonização dos diferentes e a aceitação da violência como forma de “limpar” a humanidade; o crescimento da violência contra as mulheres somado à violência cruel contra pessoas identificadas como LGBTQIAPN+; entre outros.

Falar em “Deus” ou em “Jesus” alcançou um nível de banalização jamais visto. Em nome de Deus ou de Jesus, tal qual faziam os jesuítas na época da colonização via cristianização dos “bárbaros”, partidos tido como conservadores e religiosos, defensores da máxima “Deus, Pátria e Família” criam, sem qualquer vergonha, projetos de lei como o 445/2023, do vereador Rubinho Nunes (União Brasil), da cidade de São Paulo, que buscava multar em R\$ 17.680,0 as pessoas que alimentassem moradores de rua sem cumprir toda a burocracia que seria criada.

Gente dessa mesma estirpe defende a criminalização, com pena de até 20 anos, de mulheres e meninas que, grávidas após estupro, realizem o aborto após 22 semanas de gestação, desconsiderando a legislação vigente e fazendo dessas mulheres e meninas meros úteros a serviço de ideais fundamentalistas.

Uma suposta candidata à presidência da República foi capaz de dizer num discurso público que “eu acredito em um Deus vivo. Um Deus todo poderoso que é capaz de



restaurar e curar a nossa nação”, demonstrando o desejo evidente de fortalecer a mão das igrejas evangélicas na política nacional.

Em Miguel Pereira, no estado do Rio de Janeiro, será criada a “Cidade da Bíblia”, parque temático com 11 mil metros quadrados. Segundo o site *Alô Alô Bahia*, “O espaço terá uma bíblia gigante, com 12 metros de altura e 22 metros de largura, além do Jardim Santo de Israel, com árvores mencionadas nas escrituras: amendoeira, aloés, alfarrobeira, acácias, cedros-do-líbano, figueira, oliveiras, palmeiras e outras”.

A música religiosa nunca esteve tão forte. As rádios religiosas, idem. Pastores e padres “popstars” nos cercam por todos os lados. A vivência da religião se tornou um espetáculo. Às vezes, mal se percebe a religiosidade em si, porque há tanta produção, tantos eventos sociais, tanto enriquecimento, tantas citações bíblicas levemente reproduzidas, tanto comércio de objetos dos mais diversos, tanto desrespeito ao direito de não querer nada disso, que, no final, não se sabe muito bem no que creem as pessoas envolvidas nesse espetáculo. Pelo tamanho dos templos e pelo acúmulo de bens, parece que a crença é mesmo no poder do dinheiro.

Na Idade Média, o Feudalismo evidenciava essa concentração de poder: tínhamos os senhores e os servos (e a esses cabia estar em seu lugar). E, por trás dos reis, o poder papal. Hoje, fazendo uma correspondência, parece que nos encaminhamos (ou já chegamos) para um mundo regido pelos 2.781 senhores bilionários a partir dos quais tudo se organiza. A luta para sair do grupo dos servos é sangrenta. E tola. Muito tola.

Há aqui no Brasil, por exemplo, gente de classe média



que se põe na defesa desse novo feudalismo acusando de “comunista” e “guiada pelo demônio” qualquer pessoa que ouse pensar em distribuição de renda ou igualdade social. Gente que tem um carro na garagem e acha que os “comunistas” vão tirar seu bem. Gente que se espelha nos bilionários e crê, verdadeiramente, que, com esforço, pode chegar à riqueza material deles.

Chegamos a um nível de imbecilidade inimaginável, se levarmos em consideração o amplo acesso à informação. No entanto, maior que a informação é a mentira que chega aos lares pelo telefone celular disfarçada de conhecimento. Além, claro, da mentira que chega às pessoas dentro dos próprios cultos religiosos. Não à toa, o jornal *Correio Brasiliense* noticiou, em março de 2023, que “Universal terá que pagar R\$ 200 mil para fiel que comprou ‘lugar no céu’”. Não à toa, pessoas com ganhos que mal podem sustentar o alimento da família são capazes de dar o pouco que têm às igrejas que frequentam.

Quando pensamos na palavra “trevas”, logo nos vem a imagem de uma noite sem o brilho da lua ou das estrelas. Ou imaginamos um céu cor de chumbo, anunciando tempestade. O cenário atual apresenta um panorama assim. De retrocesso em retrocesso, de fanatismo em fanatismo, de mentira em mentira, caminhamos rumo à destruição de nós mesmos. Mas o tema exige mais reflexões. E continuarei nele na semana que vem.

(Aracaju, 3 de julho de 2024)



De volta à Idade das Trevas? (final)

Chego, enfim, ao final da reflexão “De volta à Idade das Trevas?”, embora o tema ainda nos permita pensar e dizer muita coisa sobre os retrocessos que estão definindo os anos 20 do século XXI. Por isso, “chegar ao fim” tem aqui, na verdade, a intenção de, quem sabe, despertar um desejo de recomeço, a partir da constatação de que há retomadas que não fazem qualquer sentido. No entanto, é impossível ser 100% otimista, quando dia após dia notícias vindas de todos os lados anunciam o quão distante estamos de romper com esse movimento-caranguejo.

Somente nestes últimos dias, vimos coisas como a matéria da *Euronews* alardeando que Baba Vanga (1911-1996), vidente búlgara cega bastante famosa, havia anunciado que o fim da Humanidade teria início em 2025, com uma grande guerra na Europa, que se expandiria e causaria a morte de grande parte da população mundial. Pois bem, na Idade Média não foram poucos os videntes com esse tipo de profecia: Beato de Liébana, Sexto Júlio Africano, Gregório de Tours, Thiota, Papa Silvestre II, Joaquim de Fiore, Papa Inocêncio III, Joaquimitas, Joan de Rocatallada, entre outros. Esse surto de profecias apocalípticas parece ter, de fato, muita conexão com conjunturas trevosas. E basta nos encontrarmos em fases assim para que elas sejam resgatadas também.

Segundo o site “Café História” (<https://www.cafehistoria.com.br/fim-do-mundo-dos-medos-medievais-ao-novo-coronavirus/>): “A história mostra que em momentos de crise aguda, de fome, pestes ou guerras, o medo do fim



se torna mais latente e se manifesta de diversas maneiras. Elementos como a desesperança e a crença demasiada, a fuga e o apelo aos discursos religiosos dogmáticos que dão contornos ao problema, tornam o fim do mundo um momento negativo e aterrador”. É bom lembrar que, se o período medieval ficou marcado pela “Peste Negra”, nossos anos 20 se iniciaram com o signo da “Covid-19”. E agora, depois do horror da pandemia, nos vemos cercados pela ameaça de uma nova guerra mundial.

Muitas pessoas pensaram que a pandemia geraria uma nova consciência humana acerca do planeta e da experiência humana por aqui. Mas, ao contrário, o que parece é que a grande maioria das pessoas mal se lembra do que se passou no mundo. No Brasil, os quase 700 mil mortos entraram no limbo do esquecimento. Importam mais os “reality-shows”, os procedimentos estéticos cada vez mais inacreditáveis e bizarros, a velocidade incontrolável da circulação de Fake News, as fofocas sobre bilionários, os horrores vendidos por gentinha que se autoneomeia “influencer” e os fanatismos plurais.

Nesse cenário, é compreensível que o otimismo ande muito tímido. Eu, porém, não quero encerrar essa crônica em três partes com o tom de Baba Vanga. Vou preferir me agarrar em uma experiência recente que me trouxe esperança: o espetáculo “Jacksons do Pandeiro” do grupo Barca dos Corações Partidos, que se apresentou no Teatro Tobias Barreto neste mês de julho.

Quando a arte se coloca em cena, trazendo música, dança, interpretação e figurino da mais alta qualidade; quando um gênio como Jackson do Pandeiro é homenageado de forma criativa e exuberante; quando uma cidade recebe luz através de artistas iluminados, saímos das tre-



vas e sentimos o coração pulsar diferente. Nesse momento, parece ser possível reinventar a vida.



Tal como cantou Jackson, interpretando “O canto da Ema” (1956), de João do Vale, Ayres Viana e Alventino Cavalcanti, de que reproduzo um trecho,



Você bem sabe
Que a ema quando canta
Vem trazendo no seu canto
Um bocado de azar



Eu tenho medo
Pois acho que é muito cedo
Muito cedo, meu benzinho
Para esse amor se acabar



Vem morena (vem, vem, vem)
Me beijar (me beijar)
Dá um beijo (dá um beijo)
Pra esse medo (se acabar)

precisamos, com afeto, humanidade e força, lutar contra o “canto da ema” destes anos 20, abandonar as terríveis profecias à moda de Vanga, acionar nosso coração e nosso pensamento e não permitirmos que a burrice e a falta de sensibilidade nos transformam em marionetes dessa gente que, sob a capa do moralismo e da religião (falsa), busca fazer de nós soldados de uma guerra que tem um só rei: o capital.

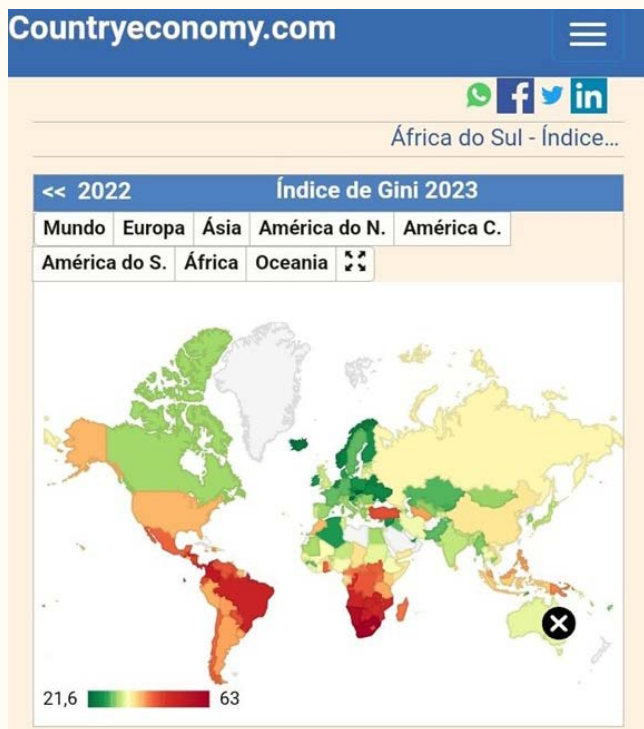


Beijemos a vida, pra esse medo acabar.



(Aracaju, 17 de julho de 2024)

Sobre mapas, pobreza e riqueza



Observando o mapa mundial que pinta as cores da riqueza e da pobreza no mundo, eu pergunto: em meio a essa desigualdade gritante, há países gastando um dinheiro inimaginável com guerras. Que países são esses? E essas guerras têm que propósito?

Não são questões político-ideológicas nem religiosas. Isso é pura fachada. A questão principal é a disputa por mais e mais poder econômico/financeiro.



Petróleo, urânio, ouro, lítio, etc e etc. E enquanto esses países ricos e violentos ameaçam o planeta inteiro, nós, os babaquaras, ficamos defendendo um ou outro e brigando entre nós, como se importássemos alguma coisa para essa gente.

Enquanto a indústria bélica bilionária aposta em mais e mais violência, nós, os babaquaras, defendemos direito às armas, colaborando para que o clima bélico habite não só esse cenário dos poderosos, mas a vida da gente simples que, em geral, somos nós.

Entretanto, há gente por aqui que teme que o bicho papão do “Comunismo” (teoria das mais ignorantes que há) roube seu apartamento ou seu carro. E fica defendendo escórias como Elon “Mosquito”, Trumps de todo tipo e uma série de mentecaptos megalomaniacos que enriquecem mais e mais com o apoio alienado de quem se deixa manipular por grupinhos de WhatsApp cheios de “verdades” e “opiniões”, que não resistem a uma pesquisa séria.

Para piorar tudo, boa parte das religiões resolveu voltar à mentalidade medieval e se infiltrar com força na política. Em nome de um “Deus” que é tudo, menos Amor.

Quem desenha os mapas somos nós. Mas parece que estamos nos contentando com o papel de dados estatísticos como se isso fosse o fim.

Pode ser.

(Aracaju, 23 de julho de 2024)

“Versos sertânicos”: de Lau Siqueira para Sergipe

Uma das atrações da Festa Literária de Glória, a FLIG, que acontecerá entre 27 e 29 de agosto, será o poeta gaúcho-paraibano Lau Siqueira, cuja poesia tem qualidade incontestável. Como um presente para Sergipe, a Criação Editora lançará a coletânea *Versos sertânicos*, especialmente preparada por Siqueira para oferecer a Sergipe um pouco do que seus livros nos trazem. Acreditem, é um presente dos dois (da Criação e do poeta) para nós, pois, assim, poderemos ter rápido acesso à arte lírica desse poeta híbrido, que uniu o sul e o nordeste.

Em “Um passo largo no sertão de Sergipe”, que abre o livro, Lau Siqueira sintetiza o impacto do encontro dele, em 2018, com Sergipe e, mais especificamente, com Nossa Senhora da Glória, para nós, a “capital do sertão”, onde a FLIG acontece e faz acontecer. Pois eu amplio: só quem sabe dos caminhos (quase descaminhos) do interior deste país consegue viver plenamente a magia do encontro com pessoas que tentam abraçar a esperança em lugar de ficar no muro das lamentações, reclamando das injustiças (que há) e sofrendo com a sensação de impotência (que também há, se não compreendemos que podemos mais do que pensamos).

Lau Siqueira não se emocionou à toa. Ele, não só por conta da época em que foi Secretário de Cultura do estado da Paraíba, mas por toda a sua trajetória de vida, sabe que, na aparente simplicidade das coisas, reside o princí-





pio dos movimentos da transformação rumo a algo que sequer sabemos nomear, mas que, certamente, se relaciona com uma vida mais plena em termos de humanidade.

Antonio Candido, para muita gente de forma utópica, acreditava no poder de transformação da literatura (e das artes). Por isso, defendia o direito das pessoas ao encontro com ela(s). Lau é dos que acredita. Eu também. Ainda que, muitas vezes, pareça ser uma crença sustentada apenas pela teimosia de uma resistência quase triste, quase fatigada.

Neste retorno a Sergipe, a Glória e, claro, à FLIG, seis anos depois, o poeta itinerante, conhecedor de muitos sertões, defensor incansável do direito de todo mundo à literatura e às artes, nos traz *Versos sertânicos*, por meio do qual podemos conhecer poemas de uma vida dedicada à literatura, iniciada, como ele nos contou, com *Comício das Veias*, em 1993.

No entanto, *Versos sertânicos* tem vida própria. Os poemas, cujas origens não vêm datadas, se abraçam, criando, sertanicamente, um novo todo, e vão nos contando (não à toa “contos” no subtítulo), um bocado sobre a sensibilidade de uma criação que entende que o verso/o poema sempre será menor que a vida (“penso que poema algum é tudo”), e, por isso, como você verá ao ler o livro, segura e doma com sabedoria os narcísicos movimentos que o verbo muitas vezes tem, e nos oferece o verso seco, o verso sertânico, que, como a vegetação da caatinga, se converte em flor quando recebe as águas atentas de nossos olhos e de nossa emoção.

Assim, se um dos poemas nos conta que “queria/num poema/oferecer flores”, como se as “mãos vazias” e a “paixão petrarquiana/de insuportável hálito/modernista”



impedissem essa oferta, nós, aqui do sertão sergipano, respondemos: ninguém como um sertanejo para entender a florada implícita no vazio dos impossíveis verdes que impossíveis não são. Sua oferta de flores aparentemente ausentes traduz o segredo das melhores metamorfoses.

Não me perderei mais em análises ou levantamentos sobre temas, influências (precisaria de uma tese de doutorado ou mais) e estilo. Não vale a pena. Acredito, inclusive, que, arrastadas por um texto analítico, as flores que podem nascer nos e dos olhos de leitores murchariam. Prefiro deixar um convite para que leiam *Versos sertânicos* uma vez e de novo e mais uma vez, porque, se “poema é face descoberta/de tudo que pulsa”, revisitar os poemas de Lau Siqueira sempre significará sentir a pulsação da vida.

Curiosamente, e para encerrar este breve anúncio, o “ponto final” do livro nada tem de sintético ou contido. É um ponto final cheio de pulmões, ponto final explodindo sua resistência, círculo que guarda ainda muitos mistérios, o que faz dele um ponto final pronto para o mergulho no silêncio que devolve o verbo, o ser e os novos passos que desenharão mais e mais caminhos.

Obrigada, Lau. Obrigada, Criação. *Versos sertânicos* tem certidão sergipana de nascimento. E isso é um baita privilégio.

(Aracaju, 30 de julho de 2024)



Entre coaches e influencers, S.O.S.

Estou na fase de observação do mundo a partir de um lugar de despedida - bem, espero ter longos anos neste lugar, mas... . A ideia de despedida não é trágica nem triste.

Ao contrário. Traz, pelo menos no meu caso, plena consciência de saciedade e realização, condição que me permite olhar para o mundo sem sedes e fomes exageradas.

A condição de observadora é muito curiosa. Principalmente quando o que vemos já não tem tantos vínculos com o que imaginamos como “futuro”, porque “futuro” se tornou uma palavra relacionada com os sentidos místicos que, cá entre nós, são muitíssimo interessantes.

O mundo que observo, sentada na cadeira dos 60 anos, tem, no entanto, me assustado. Principalmente o mundo que se materializa na realidade virtual que é ou tem sido, na verdade, mais real que o real.

O mundo virtual, que leva celulares para a cama, para a cozinha e até para o vaso sanitário, tem, como células básicas, a lógica dos coaches e influencers. E o que é isso? Sigo...

No auge de minha casmurrice, já sem queixo, grito um S.O.S.. Será mesmo que o destino da humanidade é ter como líderes ou modelos de sucesso pessoas que, atendendo à lógica rasa do mercado de patrocínios e produtos, se tornam populares e arrastam multidões virtuais em suas redes e canais?

Há exceções? Claro! Sempre as há. Mas são raras. Em geral, o que se vê é pouco ou rápido conteúdo. Muita capacidade comunicativa e só. Porém, um “só” que pode



gerar muito dinheiro. E isso basta para tornar essa posição atraente para quem pensa em se integrar ao mundo a partir de valores como grana, fama e sucesso.

Seguir, indiscriminadamente, coaches e influencers acaba sendo sinônimo de seguir uma moda, sem cuidados, pesquisa ou preocupação com a qualidade do que se recebe.

Por causa do vazio que tenho encontrado, dei adeus ao Facebook. Menos uma fonte de cansaço mental. Menos chances de ficar sem meu queixo, ainda que sinta a falta de pessoas de quem gosto e que só “encontro” por lá.

Contudo, pelo menos me livre das sugestões e propagandas que o Facebook me enviava todo o tempo, capturando, por meio desse raio de inteligência artificial, alguns possíveis interesses meus.

Sigo no Instagram, curtindo principalmente algumas páginas de arte, literatura e cultura em geral. E também gostando de postar, sem pretensões comerciais umas coisinhas que crio.

No mais, seguir em frente, às vezes correndo atrás de meu queixo, às vezes feliz, por não precisar sonhar com coaches e influencers. E, quando a observação me faz constatar a presença de rebanhos saltando no precipício da ignorância, seguir gritando S.O.S., ainda que em vão. Como vã é esta crônica.

(Aracaju, 14 de agosto de 2024)



Andança

Houve um tempo em que eu, adolescente, cantava com minhas amigas da escola, dentro do ônibus, na volta para casa. Em nossa leveza, ingenuidade e alegria, aproveitávamos aquele tempo dentro do coletivo para homenagearmos a vida e a amizade com canções.

Nossas vozes eram até afinadas e não provocávamos reações negativas. Ao contrário. Creio que alegamos o final da tarde de muita gente nos três anos de cantorias, o tempo que levamos para, de normalistas, nos tornarmos professoras da Educação Infantil (que nem tinha esse nome naquela época).

Uma das canções presentes no repertório era “Andança”, composição de 1968 assinada por Danilo Caymmi, Edmundo Souto e Paulinho Tapajós, que ficou em terceiro lugar no III Festival Internacional da Canção. Na voz da incrível Beth Carvalho, “Andança” parecia, para nós, uma espécie hino à amizade, embora a letra não fale disso.

É que, quando cantávamos, fazendo uso, como a canção pede, da segunda voz, nos sentíamos unidas em nossos corações desejosos de todos os futuros, num tempo em que acreditar no amor e sentir na pele o arrepio da influência da lua era, ao mesmo tempo, doce e ardente.

Éramos mocinhas, sonhando com a chegada do amor, mas sonhando coletivamente, naquele pacto de amigas juvenzinhas que sabem bem o que as outras estão sentindo. Éramos também passarinhas soltando o canto sem medo de censura, porque, afinal, estávamos tão plenas e



felizes em nossa cantoria que os demais passageiros do ônibus não conseguiam evitar sentir simpatia por nós. Quando a primeira de nós desembarcava, a cantoria cessava. Precisávamos de todas para estarmos completas.

Hoje, relembrando “Andança” ao som de nossas vozes e naquele contexto tão trivial, revisito os versos “Vim tanta areia andei/ Da lua cheia eu sei/ Uma saudade imensa” e vejo claramente o poder que a poesia tem de atravessar o tempo e de sempre poder ser ressignificada.

Sim, hoje eu realmente posso dizer que já andei por muitas areias. No grande salto dos 16 aos 60, a lembrança varre as avenidas do tempo, criando torvelinhos de uma emoção que consegue fundir a mocinha e a mulher de tal jeito que quase me sento novamente naquele banco de ônibus para soltar a voz.

Hoje também posso dizer que, nessa já longa trajetória, “Vagando em verso eu vim”, porque a menina que fazia ingênuos poemas de amor continua a fazê-los, ainda que a ingenuidade tenha hoje, uma boa dose de ironia, porque não só o amor me ensinou aonde chegar. O desamor também o fez. Infelizmente.

Lembro, ainda, que, quando cantávamos “Por onde for quero ser seu par”, não estávamos pensando em nenhum possível namoradinho. Estávamos mesmo era nos declarando umas às outras, ainda que fôssemos mais que um par. Queríamos seguir juntas, pois, mesmo tão juvenzinhas, já nos sentíamos “cansadas” de sermos “sozinhas”. Ah, como saberíamos, naquela época, o significado profundo da solidão?

Andamos todas. Uma para cada lado. Histórias diferentes. Dores diferentes. Histórias parecidas. Dores parecidas. Todas hoje sessentonas, certamente menos es-



perançosas, porque a vida vai lanhando a carne verde da esperança e desenhando nela cicatrizes delicadas que, como a princesa do conto “A princesa e a ervilha”, precisam de muito pouco para despertar.

De toda maneira, ainda que o mundo hoje tenha poucos bancos de ônibus para acolher mocinhas cantando “Andança” e saudando a chegada do luar e a beleza pura da amizade; ainda que estes tempos tão violentos e destituídos de delicadeza, educação e generosidade deem pouco ou nenhum espaço a “versos encantados”; ainda que a “mão direita”, em lugar de rosas prefira portar armas; ainda com tudo isso, não há como negar que “Meu olhar em festa se fez feliz/ Lembrando a seresta que um dia eu fiz”.

E é por esta pequena felicidade que deixo esta crônica como um bálsamo ou como passarinhas cantando na janela da consciência.

(Aracaju, 5 de setembro de 2024)

A língua dos pássaros, de Gígia Talarico, e reflexões afins (I)

No dia 29 de agosto último, na Casa Cultural Carmen-cita, em Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, a escritora Gígia Talarico, chilena de nascimento e já boliviana de coração, lançou o livro *La lengua de los pajaros*, com poemas de sua autoria, publicado pela Plural Editores, uma editora independente boliviana muito bem-conceituada.

Dado o acesso ainda tão precário no Brasil a tudo que se produz na América Latina, aproveito este espaço para dar notícias sobre esse livro e também para trazer algumas reflexões sobre o impacto da imagem dos pássaros na vida humana.

Gígia Talarico tem produção literária premiada, que envolve poesia, ficção e literatura para crianças e adolescentes. Além disso, é professora universitária, formada em Artes (na França) e em Literatura (na Suécia), e mestra em Educação Universitária. Entre seus livros, estão os romances *La sonrisa cortada* e *El secreto país de las aguas*; os livros de poesia *Ángeles de fuego*, *Púrpura*, *La manzana dorada* e *Grietas del tempo* e o ensaio *El espíritu de la palabra*, além de contos para crianças, que a fizeram ser incluída no *Catálogo Internacional de Literatura Infantil* e no livro *Existencias Insurrectas (Mujeres en la cultura boliviana)*. Talarico também está à frente do coletivo *Poetas del mar interior de América* (do qual também fazem parte Homero Carvalho Oliva e Sandra Concepción Velasco), cuja atuação cultural tem promovido a reunião de poetas





de diferentes países, tanto em encontros virtuais como em presenciais, com publicação de coletâneas.

O livro, que tem belíssima arte de capa, assinada por Lara Sabatier, está dividido em duas partes. A primeira, sem título, apresenta 38 poemas e a segunda, intitulada “Caos”, reúne outros 21 poemas. Entre o prólogo e o primeiro poema intitulado, aparece um breve poema de abertura que diz assim: “Furtiva luz/lar da memória/onde não sou/nada mais que um punhado/de cinzas/buscando sua morada” (tradução minha).

Não há como ler esse poema e não pensar em uma das imagens míticas egípcias (tomada em algumas fontes como grega) mais interessantes: a ave fênix, com seu dom de renascer das próprias cinzas? Nessa imagem mítica, a fênix é uma ave autógena – pai/mãe e filho/filha de si mesma –, que cumpre o ritual da migração das cinzas remanescentes, ou seja, à fênix renascida cabe a missão de transportar os resíduos de sua existência anterior até o altar do Sol, onde ocorrerá a definitiva sublimação física do passado.

Os versos de Talarico, nesse poema introdutório, parecem descrever esse exato momento em que a ave filha leva as cinzas da ave mãe para serem depositadas no altar do sol, “morada” do passado (ou da “memória”) e, ao mesmo tempo, ponto de partida para o futuro.

Para ampliar a reflexão, lembro que o poeta francês Guillaume Apollinaire (1880-1918) relacionou o mito da fênix à perenidade concedida ao poeta que faz da poesia sua força renovadora e ressuscitadora. Ou seja, a poesia é a fênix do poeta, que volta à vida cada vez que seus versos revivem.

Se transportamos tudo isso para o valor metafórico do poema, é possível compreender a “furtiva luz”, “lar da



memória”, como o próprio altar do sol, o elo que, afinal, nos prende à vida, mesmo que, para isso, seja necessário apagar o passado. Juntando a essa reflexão a visão de Apollinaire, o poema introdutório de Talarico sugere exatamente o início do movimento que transformará cinza em poesia.

Nesse sentido, a “cinza”, como matéria alquímica, não é apenas um signo de morte, como aparentemente pensaríamos. Se viemos do pó e a ele voltaremos, a cinza é um signo do ciclo da vida. No caso da fênix, ela é o próprio reinício da vida, que, como rito de passagem, precisa passar pelo altar do sol. Diante do processo iniciático de apresentar a “língua dos pássaros”, o eu lírico revela seu momento do “punhado de cinzas” (a fênix-mãe), que, voando com a poesia, através da fênix-filha, se reinventará.

A poesia é, pois, a memória que se reveste com a língua dos pássaros para voar em direção à permanência da vida. Esse voo, contudo, não é fácil, porque a poesia desafia o apagamento, o silenciamento, revolve o passado, viaja nas entranhas da emoção. Portanto, a partir desse poema inicial, quem lê o livro é instigado a conferir que traçado de voo será vivido e quais serão os signos que *La lengua de los pájaros* trará para revelar as memórias que transgrediram o ritual de apagamento da fênix-mãe.

A primeira parte do livro nos oferece um prólogo assinado por Claudia Vaca Flores, poeta, ficcionista e professora boliviana, que está entre os grandes nomes da literatura boliviana contemporânea. Traduzindo uma passagem de seu prefácio, destaco aqui algumas das marcas impressas na personalidade do livro: a vivência do desenraizamento; a procura por um lugar próprio no mundo; a migração do ser; o sentimento de fazer parte e também de se separar



de diferentes lugares, habitados e desabitados; a fragmentação de uma memória continuamente restaurada.

Curiosamente o primeiro poema da primeira parte se intitula “*Prisión*” (Prisão), que traduzi assim: “Por trás da janela/a cada tarde/observa o sol/a se esconder/em seu abrigo/e o índigo/preenche o cárcere/refletido em seus olhos”. O valor metafórico desse poema continua me convidando a associar a poesia que se constrói com essa maravilhosa ave chamada fênix. Se a fênix-mãe é deixada pela fênix-filha no altar do sol, como não ver nesse poema a própria voz da ave-mãe, vendo-se prisioneira desse altar e, ao mesmo tempo, tendo a antevisão do azul-violeta que anuncia a chegada da noite gerando o dia que virá? Como não associar tudo isso ao que apontou Claudia Vaca, principalmente quando ressalta “o sentimento de fazer parte e também de se separar de diferentes lugares”, visto que se tem, no poema, a prisão, que isola, e a janela, metaforicamente a porta da memória ou a própria poesia, estabelecendo uma conexão com o mundo?

Como se vê, *La lengua de los pájaros* traz muitas possibilidades de reflexão. E quero continuar caminhando por suas veredas ou seus céus, a partir, inclusive, de outros pássaros.

(Aracaju, 11 de setembro de 2024)

A língua dos pássaros, de Gigia Talarico, e reflexões afins (II)

Dando continuidade à proposta de voar poeticamente com a obra recém-lançada em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, *La lengua de los pájaros*, da poeta e escritora chilena/boliviana Gigia Talarico, destaco aqui um aspecto interessante: além do título e de menções a ele nos prólogos das duas partes em que se divide o livro, a palavra “pájaros” (pássaros) aparece exatamente assim apenas em um poema: “Visita” (p. 48), enquanto o singular “pájaro” surge em outros dois: “Frenes” (p. 19) e “Ladrón” (p. 61). Ou seja, pelo título, poderíamos pensar que, volta e meia, os poemas nos trariam a palavra pássaros ou pássaro, mas, entre os 59 poemas, apenas três referenciam explicitamente o título. E sobre eles falarei na terceira parte destas reflexões sobre a obra.

Antes disso, é preciso dar destaque a um aspecto interessante: o livro contém 13 ilustrações internas. Dessas 13, seis apresentam imagens de pássaros. E por que esse dado é interessante? Porque, ainda que os poemas em si não tragam, com contundência, a imagem explícita de pássaros, o diálogo criado pela inserção das imagens nos convida sempre à volta ao título.

Uma dessas ilustrações (p; 83) é fortemente poética e está inserida entre dois poemas – “Chiquitanía” (p. 82) e outro sem título (p. 84) –, formando um trio de sentidos muito coesos entre si. Eis a imagem:





A pluralidade de pássaros, voando ou pousados em torno de outro, por sua vez humanizado e feminino e, ao mesmo tempo, em situação de simbiose fauna-humano-flora, já que o pássaro com seios também está integrado ao corpo de uma árvore (cortada ao meio), compõe uma coletividade que ratifica e complementa os sentidos criados pelos dois poemas.

O primeiro, “*Chiquitanía*” (Chiquitânia, região da Amazônia boliviana, com vasta presença da floresta), em tradução (minha) para o português, nos traz: “A terra chora/o ataque/a ferida de morte/do rio que voa/do vasto mar verde/e de seus filhos calcinados/A terra chora/a tola cegueira do homem/sua ganância mercantil/sua inércia egoísta/sua avara miséria/da alma/a terra chora o ataque/do fogo



do homem”. Atualíssimos, esses versos remontam ao cenário trágico e criminoso da ação humana que incendeia a própria terra. E nem preciso citar as manchetes diárias que revelam o terror que assaltou nosso país e nosso continente.

O segundo, também em tradução minha para o português, diz o seguinte: “E nós/penas sementes/da amorosa mãe/a ferida de morte/a terra/a mãe/clamamos pela vida/que nos estão queimando”.

A relação entre os poemas e a imagem nos permite ler o pássaro-mulher-árvore que chora como um retrato do que fala o primeiro poema. Nessa leitura, o pássaro individualizado é a terra-mãe chorando, a árvore cortada, vivendo sua situação de morte, enquanto os outros pássaros, ou pousados ou voando, nos reportam ao segundo poema. Eles somos “nós”, os que clamam pela vida, os que se irmanam ao sofrimento da terra-mãe ferida de morte pelos próprios seres humanos. Nós, que nos diferenciamos dos humanos incendiários e que vestimos a pele zoomorfizada de pássaros, para podermos falar a língua da terra-mãe, para podermos chorar com e por ela.

Essas leituras fazem da palavra “pássaros” um signo múltiplo, porque, ao mesmo, assume a voz e o choro da terra-mãe; o clamor dos seres humanos que se importam como a violência incendiária que a aniquila; e a voz da própria poesia, como fonte de materialização, por meio da palavra, de todos os sentimentos envolvidos nesse processo doloroso de ruptura com a vida.

Se me volto à crônica anterior, em que trouxe a imagem da fênix, logo recupero a visão do fogo que gera as cinzas da fênix-mãe que reviverá na fênix-filha após chegar ao altar do sol. Talvez, e aí crio uma suposição intuitiva, a “lín-



gua dos pássaros” metaforize o próprio idioma da poesia, que, ao ser fruída ou lida de forma sensível por nós, se faz um “altar do sol”, iluminando as ideias e permitindo o ressurgimento da vida.

Não há como deixar de seguir voando com o livro, e, com isso, me sentir um pouco pássaro e um pouco poema, já que *La lengua de los pájaros*, além do idioma íntimo próprio das questões subjetivas que permeiam a existência de cada um de nós, traz o coletivo para o campo das reflexões. E, por isso, podemos nos sentir pássaros também. E fazer poesia com nossa imaginação. Seguirei.

A língua dos pássaros, de Gígia Talarico, e reflexões afins (III)

Volto ao livro *La lengua de los pájaros*, de Gígia Talarico, para as últimas considerações, ainda que, de modo algum, o que tenho a dizer sobre os poemas cesse aqui. Na verdade, o objetivo maior era mesmo trazer para você um pouco da sensibilidade de Talarico e as oportunidades de voos que a poesia dela nos oferece.

Como eu disse, na segunda parte desta abordagem, os poemas “*Visita*” (p. 48), “*Frenes*” (p. 19) e “*Ladrón*” (p. 61) são os únicos entre os 59 do livro, que trazem, literalmente, a palavra *pájaros* ou seu singular *pájaro*. Como já sugeri que a presença de “pássaros” no título pode metaforizar a língua da própria poesia, vamos ver para que outro sentido possível a presença direta da palavra (no plural ou no singular) aponta.

Início com “*Visita*”, com tradução minha para o português: “O amanhecer/chegou/como um poema/escrevendo-se/em verde/sobre esta pele/de realidade estrangeira/ Eu não contava/com a luz/sobre a paisagem/nem com a magia/de onças/nem com pássaros cantores/nascendo com a aurora/nem contigo/rastejando/em meu úmido sonho/amanhecido”. Milagres da poesia são assim: de um lado, “pássaros” como metáfora, como signo a traduzir os múltiplos desenhos da criação lírica; de outro, “pássaros” como presença natural, impregnando o espaço e a sensibilidade lírica com sua sonoridade, capaz de inaugurar o dia integrado a outros elementos.





A “Visita” que chega é plural. A luz, as onças, os pássaros e o outro são os elementos surpresa (“Eu não contava”) que promovem a conexão entre o sonho e a realidade. No entanto, todos esses elementos, em conjunto, se equiparam ao impacto que um poema traz à sensibilidade do eu lírico, ou seja, também se inscrevem em sua pele com o verde, metonímia de um contexto natural que era estranho à identidade desse eu, mas que, no entanto, o arrebatava. Assim, em “Visita”, os pássaros são parte da linguagem do poema.

Passo a “Frenesi” (também traduzido para o português): “Novembro/canta em luz e cigarras/atordoando o dia/e os sentidos/o perfume/o pássaro/a pedra/luxúria fragmentada//Há/um tremor tenaz/à espreita/prazeroso”. Nesse poema, tal como em “Visita”, a presença do pássaro se soma ao campo semântico da natureza (cigarras, dia, pedra). E também no cenário espaço-tempo Natureza/Novembro, o pássaro se liga aos estímulos sensoriais (visão, olfato, audição e tato) que resultam em atordoamento, “luxúria fragmentada” e “tremor prazeroso”. Em vista disso, o canto de Novembro tem o impacto da própria poesia, porque traz os elementos da natureza que provocam esse impacto. Entre eles, o pássaro.

Por fim, em “Ladrão” (igualmente traduzido) o pássaro aparece assim retratado: “Não sei/com que engenhocas/de experiente ladrão/conseguiste ingressar/no meu refúgio/nem como/tomaste posse/eliminando assim/todas as distâncias/e até esse silêncio/que agora exiges de mim// Mas tu não sabes/que despertaste/um invencível/pássaro de fogo/que agora sobrevoa/esperando tua saída”. Nesse último poema, a presença do pássaro se distingue das demais aparições. Não é metáfora de poesia nem um elemento natural que faz parte de um todo.



Acionado pela “invasão” de um “ladrão” capaz de acessar um espaço íntimo e aparentemente intransponível do afeto do eu-lírico, o pássaro que surge é descrito como um “pássaro de fogo” (o que nos faz recordar novamente da fênix, mas sem o mesmo sentido trabalhado no primeiro texto). E o valor metafórico que, entre outros possíveis, irrompe, nos leva à ideia de “tensão”. A tensão ou o conflito como algo incontrollável e incapaz de contenções ou de silêncio. Ao somarmos o pássaro de fogo, a incapacidade do silêncio e a espera da partida do outro, chegamos à possibilidade de interpretar a cena líricamente descrita como a de uma desejada (“sobrevoa”) ruptura.

Porém, a ambiguidade inerente a esse conjunto de signos também pode nos levar a ver o “pássaro de fogo” como metáfora de uma paixão “invencível”, incontrollável, que atordoia o outro a ponto de que o pássaro possa antever sua partida.

Como foi possível constatar, por meio da leitura das três caminhadas por *La lengua de los pájaros*, Gigia Talárico, com essa obra, nos faz aprender a elaborar nossas próprias asas e a nos fazermos pássaros também. Pássaros que voam, pousam e voltam a voar, sempre em busca de uma experiência de vida permeada pela beleza que só a poesia tem.

(Aracaju, 3 de outubro de 2024)



Poetas cósmicos (1)

Com este texto inicio uma reflexão sobre o que estou chamando de “poetas cósmicos” (ou “poetas cósmicas”, no feminino). E para que você possa compreender desde já de que se trata, retomo a visão muito comum de que o gênero lírico, concretizado em palavras por meio de poemas, tem o tradicional papel de estar muito ligado à subjetividade e à intimidade de quem cria esses poemas.

Assim, em geral, atribui-se ao poema a função de expressar sentimentos, vivências íntimas e visão própria de mundo, em um processo no qual o “eu” se manifesta mais vivamente. Soma-se a essa visão outra: a de que o poeta, ao falar de si e de seu lugar, se o faz de forma profunda e figurada, acaba projetando sua criação no universal. Teríamos, então, um percurso gradativo: o eu, o entorno desse eu, a cidade, o estado, a região, o país, o continente e o planeta como focos mais próximos e mais distantes da criação poética. Traduzindo: é possível encontrar um maior número de poemas intimistas seguidos, gradativamente, dos outros.

Não discordo dessa visão. De fato, muitos poetas ganharam o mundo falando de suas próprias coisas, de seus lugares, de seu pertencimento. Não há como não se emocionar com a presença de Itabira, na poesia de Drummond; a de Recife, na de Manuel Bandeira; a de São Paulo, na de Mário de Andrade; ou as representações de Goiás, na poesia de Cora Coralina; ou as do sertão, em Patativa do Assaré. Aqui, no entanto, quero chamar a atenção para outra categoria: os poetas cósmicos.



A poesia cósmica é aquela que extrapola os limites da Terra e parte para considerações que se sustentam no imenso imaginário que se abre à experiência humana quando pensamos que nosso planeta azul é apenas um nano elemento na infinita realidade do cosmos. Aparentemente distante da mais comum visão dos temas que interessariam à poesia, o cosmos desperta, sim, a atenção de poetas e o que eu quero aqui é apresentar alguns nomes e algumas obras que comprovam esse interesse.

Fazendo um percurso cronológico ao contrário, começo com o poeta mexicano Roberto Reséndiz Carmo-
na, nascido em 1954, em Zitácuaro, Michoacán, México, e que pude conhecer pessoalmente em novembro de 2022, no encontro intitulado “Pájaros errantes”, realizado no Chile. Foram 35 poetas de várias nacionalidades, reunidos em um evento itinerante, que envolveu visitas e declamações em espaços culturais, escolas, bibliotecas e até um bosque.

Na ocasião, ganhei o livro *Los intrincados silencios de la materia oscura* (em português, *Os intrincados silêncios da matéria escura*), que Reséndiz havia lançado naquele mesmo ano. Fiquei absolutamente curiosa quando, ao folhear suas páginas, me vi diante de títulos como “Turmalia”, “Crisolia”, “Próxima Centauri b”, “Barnard b”, entre outros. Era o cosmos abrindo seus véus diante de mim.

O livro reúne 37 poemas, antecédidos pelo prólogo da boliviana Valeria Sandi, e pela epígrafe de Epicuro, extraída da obra *Carta a Heródoto*, datada de aproximadamente 300 a.C.: “Há um número infinito de mundos, alguns como o nosso, outros diferentes” (traduzido por mim). Sandi sintetiza a viagem que o livro nos oferece: “Os passos que damos entre cada poema nos convidam a compreender



que, se os astrônomos podem determinar a metalicidade, a massa e as propriedades das estrelas mediante a observação do movimento através do espaço, a partir da poética de Roberto Reséndiz, com toda a sua luminosidade e espectro, nós também podemos explorar novos espaços, sem fugir das sombras, porque confiamos nas palavras”.

Os poemas, apesar de aparentemente soltos, revelam, aos poucos, um percurso, já que, no primeiro poema, “Turmalia”, o eu lírico se apresenta como um viajante que rompe com o intimismo usual para percorrer espaços novos e cheios de mistério, dando protagonismo a exoplanetas (planetas fora do Sistema Solar) como os psicoplanetas (Turmalia é o “Kepler 442 b, descoberto em 2015 pela NASA, que está a 1.115 anos-luz da Terra), os mesoplanetas, as superterras, os planetas rochosos e os termoplanetas.

Ao final de cada poema, em nota de rodapé, Reséndiz descreve o nome científico do elemento cósmico em foco, quando foi descoberto e a que distância está da Terra. A maior parte deles leva o nome do astrônomo e matemático alemão Johannes Kepler (1571-1630) que, por sua vez, batiza o telescópio da NASA responsável por importantes descobertas. As “Leis de Kepler” provocaram uma revolução na compreensão da chamada “mecânica celeste”. Mas há outros nomes científicos, como “Tau Ceti f”, “Dimídio 51”, “Gliese 832 c”, “Barnard b”, entre outros.

Na obra de Reséndiz, contudo, o nome científico aparece com menor frequência no título do poema, o que nos leva à reflexão sobre o como e o porquê da nomeação diferente. Além disso, cada poema é acompanhado de uma epígrafe própria, o que, de imediato, cria um convite à compreensão da intertextualidade possível.



Você pode me perguntar: e há como extrair lirismo de tudo isso? O resultado não fica frio demais, por contar com referentes tão científicos? Boas perguntas. E as respostas são “sim” para a primeira e “não” para a segunda, porque Reséndiz faz uso de diversos recursos para tornar concreto o paralelo com nosso mundo. Algumas vezes a voz lírica é a do próprio elemento cósmico em foco, em outras, o eu lírico descreve o elemento. E, além das epígrafes próprias, Reséndiz recorre a imagens míticas, literárias, culturais, geográficas e naturais para criar essa relação entre o “nós” e os “outros”, que se revelam na viagem lírico-cósmica que *Los intrincados silencios de la materia oscura* nos propõe.

Para que este texto não se torne extenso demais, trago uma versão em português que fiz para o poema “Amatis” (p. 35), cuja epígrafe é: “Desejava ser teólogo, mas agora me dou conta, através de meu esforço, de que Deus pode ser celebrado também pela astronomia” (Johannes Kepler, tradução minha). A leitura dirá, por si só, o que fez Reséndiz em seu livro, que, cabe dizer, merece uma edição em português. Eis a versão (a barra indica mudança de verso):

“Os duendes/onde encontram a rocha/tecem ninhos que abrigam as raízes?//Onde as fadas resgatam cicatrizes dos escombros/Tétis abraça o filho do defunto?// Deus/terá que esperar novas juventudes/para que renasçam os pardais//cadeias de átomos/as células de Armstrong/o amor que reconforta a alma.//Talvez/possamos abolir o pranto/esperar a eternidade da aurora/a dois mil e novecentos anos-luz/florescer saguaros/baobás/jabuticabeiras para os dias de festa./um antigo planeta que chamaram de terra.//Falar do hidrogênio/do hélio/do lítio/é entrar no instante/em que a energia expandiu o/universo/a dúvida sobre os íons de potássio.//Os elementos formam



a secreta cumplicidade do universos/a ponte que alarga/a frágil nostalgia do primeiro reflexo;//Outros helenos/falaram do novo acontecimento dos seres/do aroma do bosque/da utopia na Constelação do Cisne”.

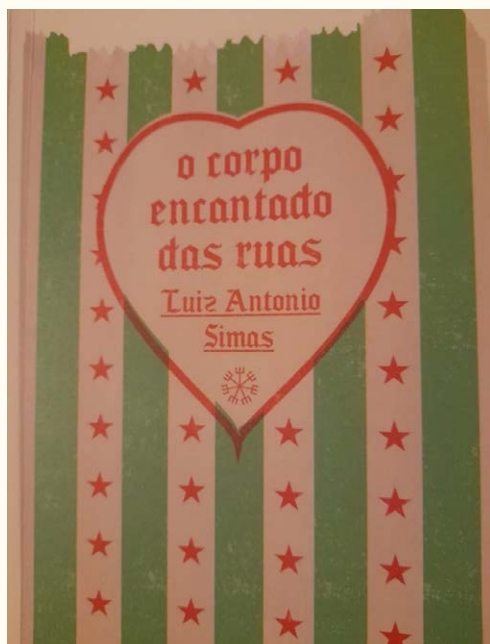
“Amatis” que, em latim, é uma conjugação do verbo amar (amam), fala sobre o mesoplaneta Kepler 1638 b, que está a 2866 anos-luz da Terra e que, segundo estudos, é 87% maior do que a Terra e tem órbita semelhante à do nosso planeta. Ao trazer duendes, fadas, Tétis e Deus para o poema, e citar a Terra como um planeta antigo, o poema penetra no universo mítico da criação que é, no plano científico, associado aos elementos químicos também ligados à origem da vida. E, de repente, Kepler 1638 b é o signo da vida renovada, que faz renascer saguaros (tipo de cacto), baobás e jabuticabeiras, em um novo acontecimento dos seres, tal como a epopeia de Neil Armstrong, pisando na lua ou a dos antigos gregos, desbravando mares.

O poema, enfim, tece uma rede de sentidos e de relações, em que a descoberta científica não fica isolada do humano e da arte. Se o telescópio Kepler, direcionado para pontos entre a Constelação de Libra e a Constelação do Cisne, alcançou descobertas impactantes, que incluiu possíveis “sósias” da Terra, a utopia da “Constelação do Cisne” fala de espiritualidade, superação da dor, amor e romantismo. Ou seja, o poeta cósmico Roberto Reséndiz Carmona, na esteira do que afirmou Kepler, prova que a astronomia também pode ser celebrada pela poesia.

Na semana que vem, outro poeta cósmico: o nicaraguense Ernesto Cardenal.

(Aracaju, 9 de outubro de 2024)

O milagre cotidiano das ruas



Minha filha Gabriela, que vive no Rio, é leitora assídua de obras atualíssimas – tanto literárias quanto críticas – voltadas para temas muito interessantes e importantes.

Ela também busca autores e autoras que expressam o que podemos considerar como os pensamentos e as estéticas que fazem a vida valer a pena.

Por exemplo, quando o atual Nobel de Literatura foi anunciado, a sul-coreana Han Kang, Gabi já havia lido três livros dela - *Atos humanos*, *A vegetariana* e *O livro branco* – e comemorou o prêmio.



Ainda que ser filha de uma professora de Letras possa lá ter tido seu peso, ela própria se formou em Letras/Português na USP. Depois fez outra graduação e seguiu um caminho profissional diferente, mas a literatura e a leitura são parte de sua personalidade. Assim, Han Kang e outras tantas leituras que ela me indicou já estão na fila.

Mal cheguei e, claro, já tinha vários livros da estante dela para saborear. Contudo, um, em especial, foi recomendação imediata: *O corpo encantado das ruas*, de Luiz Antonio Simas.

“Mãe, você precisa ler esse livro. Vai adorar!”. E foi o que aconteceu com todas as letras. Por isso, falarei um pouco sobre ele hoje e deixarei os poetas cósmicos me esperando para a semana que vem. Sei que você compreenderá...

O livro, publicado pela Civilização Brasileira em 2023, reúne 42 crônicas do historiador e professor Luiz Antonio Simas, que ganhou o Prêmio Jabuti em 2016, na categoria “Livro do ano de não ficção”, com seu *Dicionário da história social do samba*. O currículo é vasto e a sabedoria também.

O corpo encantado das ruas tem um ascendente direto: “A alma encantadora das ruas”, do cronista que marcou o antes e o depois da história da crônica brasileira: João do Rio.

As crônicas de João do Rio, escritas entre 1904 e 1907, nos fizeram percorrer as ruas do Rio de Janeiro da época de tal forma que essa relação entre o ser e as ruas poderia ser vista como um paradigma filosófico repleto de carioquice por todos os lados, mas, ao mesmo tempo, metonímia das relações de todos os seres com suas ruas mundo afora.

Entretanto, as crônicas de Luiz Antonio Simas, além da homenagem, extrapolam conceitos. Saem da “alma” para



o “corpo” e nos aproximam ainda mais desse ser que dá identidade às ruas do Rio, também revelando seus traumas, entre denúncias e otimismo.

Impossível não nos emocionarmos com a leitura de cada crônica, em cujo início está sempre o termo “As ruas”. Impossível também não sair do livro com bagagem inédita de conhecimentos sobre como uma cidade, por meio de suas ruas, sobrevive aos ultrajes e às violências a que são submetidas as pessoas mais pobres e, principalmente, as pessoas pretas desta cidade.

Ademais, ao recuperar histórias, tradições, nomes e eventos, Simas nos faz mergulhar numa nostalgia que acalenta o coração.

Obviamente não tenho aqui espaço para passear criticamente por 42 crônicas. Por isso, contarei a você apenas alguns dos “sabores” que esse “corpo encantado” tem.

Em primeiro lugar, o maravilhamento com o repertório musical que Simas traz à tona. Lendo suas crônicas, conheceremos ou revisitaremos a história do samba, incluindo a origem do “surdo de terceira” da Mocidade Independente de Padre Miguel; a importância do tambor como símbolo de resistência.

Sim: a história de Pixinguinha e do Dia Nacional do Choro. Muitos relatos curiosíssimos sobre acontecimentos do antigo carnaval carioca e também do recente, os caminhos que levaram o Rio a ser a Cidade Maravilhosa, as malandragens do sagrado Wilson das Neves e o que, ao fim, Simas define como a musicalidade do Rio: “As sonoridades de choros, sambas, rojões, polcas e baiões cortadas [infelizmente, grifo meu] por uma metralhadora ferindo a noite”.



Em segundo lugar, Simas recupera a origem de diversas tradições e imagem míticas, como “Seu Zé Pelintra”, “Sabina”, “Cosme e Damião” e seu irmãozinho Doum; a disputa alegre das crianças pelo saquinho de doces de Cosme e Damião; a história da Praça Onze e do que ele chama de “pequenas Áfricas” da cidade; o mito do “Bebê Diabo”; o jogo do bicho e a zebra; as fantasias do carnaval de rua.

A origem do Ano Novo em Copacabana na primeira metade do século XX, quando “ateus, católicas, crentes, budistas, flamenguistas, tricolores, bacalhaus e botafogueses, por via das dúvidas, garantiriam o ano bom recebendo passes de caboclos e pretas velhas nas areias, com direito a cocares, charuto e sidra de macieira”.

Em seguida, destaco o tanto que conhecemos da religiosidade afrobrasileira através do corpo encantado das ruas que Simas apresenta. Desde o “ipadê” ou “o padê de Exu, a cerimônia propiciatória com farofa de dendê com cachaça (oti) e cantos rituais, para que Exu traga bom axé”, tantas vezes presente tanto nos terreiros quanto nas encruzilhadas das ruas, às origens da Umbanda, ao nascimento dos terreiros, à divindade “Legba”, à “Bombogira” (sim, com “b” em sua origem), à mistura de São Jorge com Ogum, aos sabores sagrados, entre muitíssimas outras referências presentes nas crônicas.

Simas também aborda temas como a educação infantil; o “assassinato” do Maracanã fruto do extermínio da geral, com sua torcida tão peculiar e tão pobre - hoje as “arenas” são espaço para elites -; histórias do futebol; relatos sobre os bairros históricos da cidade, como a Penha, por exemplo; o espetáculo das pipas; o ovo cozido com sal exposto nos botecos da cidade; a cerveja como ritual; as lutas políticas; o preconceito; a esperança.



Antes de tudo, *O corpo encantado das ruas* é um canto de esperança traduzido pela voz de um cronista potente, para quem só as ruas têm a necessária força para dar a re- viravolta e recuperar os seres que por elas transitam, sem imaginar que, nesse trânsito, estão se construindo como seres a quem JAMAIS deveria se impor o silêncio e a opres- são.

Viva João do Rio, Viva Luiz Antonio Simas, viva meu Rio de Janeiro e, claro, viva minha Gabi, que me fez sentir e aprender tanto.

(Aracaju, 11 de outubro de 2024)



Poetas cósmicos (2)

Volto, como prometido, ao tema da poesia cósmica e, desta vez, para falar de *Cântico Cósmico*, obra de 1989 do nicaraguense Ernesto Cardenal (1925-2020), que, em 1996, foi publicada em português (Editora Hucitec), em tradução do também grande poeta Thiago de Mello (1926-2022), que levou cinco anos para completar seu trabalho, dada a grande extensão e complexidade da obra.

Em primeiro lugar, ressalto que Ernesto Cardenal foi um autor cuja própria existência é um tema à parte. Foi monge, sacerdote e revolucionário. Combateu a ditadura de Somoza na Nicarágua, lutando pela Frente Sandinista de Libertação Nacional e, com a vitória do movimento, chegou a ser Ministro da Cultura. Por sua atuação política, foi publicamente repreendido pelo Papa João Paulo II em visita à Nicarágua em 1983 e viu o Vaticano decretar sua suspensão do sacerdócio dois anos depois, em tempos nos quais se buscava afastar a Igreja Católica de ideias socialistas (hoje vemos no que isso deu...).

Cardenal é um dos nomes mais importantes da Teologia da Libertação, em cujo centro de reflexão estão os oprimidos. Ao ver que os rumos da política nicaraguense seguiam novamente os caminhos da ditadura e dos desmandos do poder, rompeu com a Frente Sandinista e seguiu em sua missão de lutar criticamente pelos oprimidos, pela aceitação das diferenças e contra as injustiças. Conhecer sua história é realmente muito interessante. Mas volto à sua literatura.



Não há dúvidas sobre a importância de Ernesto Cardenal para a literatura universal. São muitos os estudos sobre suas obras, traduzidas em vários idiomas, e cujo interesse se torna ainda mais amplo hoje, dada a contemporaneidade da grande maioria dos temas presentes em sua produção. Eu mesma tenho me dedicado a ela e aproveito aqui algumas considerações anteriores que fiz.

Epigramas, Hora Cero, Salmos, Vida en el Amor, Oración por Marilyn Monroe, entre muitas outras, compõem um legado realmente impressionante. Cardenal foi indicado ao Nobel de Literatura e recebeu muitos prêmios importantes em diversas partes do mundo.

É possível reconhecer Cardenal como um “poeta cósmico” também em outras produções, como *Telescopios en la noche oscura [Telescópios na noite escura]* ou *Hijos de las estrellas [Filhos das estrelas]*, este de 2019, que traz versos assim: “Bilhões de galáxias com bilhões de estrelas/(há mais de cem bilhões de galáxias//.../abro a janela e vejo/as estrelas de onde viemos/parece que o universo teve um propósito/no qual estamos nós/o universo consciente de si mesmo://.../Nascidos de explosão de supernovas/filhos do Sol e do Sistema Solar/Temos um papel no universo?/Eu diria que sim” (tradução minha de trecho da *Obra completa*, 2019, p. 1129).

Estruturalmente, a obra reúne 43 “cantigas” (partes), perfazendo um total de 15.856 versos agrupados em 545 estrofes. O número de estrofes e versos em cada cantiga é diferente, portanto não existe um padrão fixo. As mais curtas são a Cantiga 4 e a Cantiga 21, que possuem 147 versos cada. A mais longa é a Cantiga 41, com 890 versos. A Cantiga 10 e a Cantiga 29 são as únicas que possuem uma única estrofe. A cantiga 41 tem o maior número de



estrofes: 72. Todas essas cantigas têm títulos próprios: a primeira é intitulada “El Big-Bang”; a última, “Ômega”.

No seu conjunto, o campo semântico criado pelos títulos é como o da obra: múltiplo. Temos referências explícitas à área das ciências físicas e astrofísicas, como “O Big Bang” ou “Canção Quântica” (Cantiga 29), mas também encontraremos referências místicas como “A Árvore da Vida” (Cantiga 13).), “Na Terra como no Céu” (Cantiga26); míticas, como “Gaia” (Cantiga 11) e “Nascimento de Vênus” (Cantiga 12); além de vários títulos que sugerem contornos históricos (“Condensações e visão de São José de Costa Rica”, Cantiga 8; “Oficina 5600”, Cantiga 23), filosófico-político (“Rumo ao Homem Novo”, Cantiga, 19; “Cosmos como Comunhão”, Cantiga 37; “O Desejo das Nações (Dos Povos)”, Cantiga 39; etc.

Das 43 cantigas, 22 começam com a expressão “No princípio”, o que nos remete à matéria épica ou ao tema do poema: “a composição lógica e mítica do universo”. Vejamos algumas dessas aberturas de cantigas: “No princípio não havia nada/nem espaço/nem tempo” (C. 1, 1996, p.9); “No princípio/— antes do espaço-tempo —/era a Palavra” (C. 2, 1996, p.19); No princípio./O tempo antes do tempo?/Começemos nossa especulação antes do princípio” (C. 9, 1996, p. 63); “No princípio, contam,/havia só céu e água,/tudo estava vazio,/tudo era noite grande” (C. 15, 1996, p. 104).

Entretanto, quando chegamos à Cantiga 19, encontramos: “No princípio/quando o Pai criou a palavra já tinha um tambor” (C. 19, 1996, p. 153) e o detalhe dessa incorporação do tambor à origem da criação do cosmos demonstra o tom de Cardenal em seu poema: falar da criação a partir de múltiplos pontos de vista, inserindo tudo e todos nessa



composição. Outro exemplo disso é a abertura da Cantiga 40: “No princípio foi o Tao./E o Tao estava em Deus./E o Tao era Deus.../E o Tao se fez carne e habitou entre nós./ (Tradução do Evangelho ao chinês pelo Dr. Wu)”. Ou seja, o “Cântico Cósmico” de Cardenal nos leva a uma compreensão da vida que não pode prescindir da inclusão de todos, incluindo, por isso, quem pensa e age de forma diferente de nós.

E o nome “Cântico” não tem apenas o laço bíblico, mas indica uma relação com a “Teoria das Cordas” – que envolve, em diferentes épocas, nomes de cientistas como Theodor Kaluza e Edward Witten –, visão da Física que antecedeu a Física Quântica, e a ideia de uma “sinfonia do universo”, que harmonizaria todos os mínimos elementos que compõem o universo.

A pesquisadora María Begoña de Luis Fernández, no estudo crítico que abre *Poesía completa. Ernesto Cardenal* (obra publicada em espanhol em 2019, com 1.228 páginas!), apresenta uma síntese dos temas da Astrofísica que, em *Cântico Cósmico*, Cardenal nos explica através de múltiplas narrativas: “A Origem do Universo”, “O Futuro do Universo”, “As leis fundamentais da Física: Mecânica, Termodinâmica, Eletromagnetismo, Quântica e Nuclear”, “A Terra: Sua Formação, o Homem e a Vida em outros mundos possíveis” e “Grandes nomes da Física: História e Conhecimentos Básicos”. Nesses momentos, a voz do poema assume a tarefa de nos instruir e, ao mesmo tempo, de recuperar referências culturais que expressam minorias que, no poema, são elevadas ao mesmo plano ecumênico do cosmos que se apresenta.

As experiências históricas de Cardenal como revolucionário e de esquerda, por motivos óbvios, também tra-



rão referências ligadas a situações políticas da Nicarágua, de Cuba e de outros países. Ao mesmo tempo, suas leituras científicas farão com que nomes como Copérnico, Tycho Brahe, Giordano Bruno, Galileu, Kepler, Isaac Newton e personagens de Einstein sejam inseridos em um mesmo plano histórico. Assim, há aspectos bélicos, políticos e revolucionários na configuração das identidades nacionais e continentais, mas há também o universalismo das teorias científicas que tudo agregam.

Enfim e por imposição da extensão desta crônica, a grande síntese do que aprendemos com o *Cântico Cósmico* é que o conhecimento científico sobre o universo somado ao princípio do Amor nos faz perceber claramente a necessidade de uma “comunhão cósmica”, em cuja base esteja a convivência entre os diferentes, o diálogo e o afeto, como vemos, entre outras, na Cantiga 2: “As pessoas são palavras./E assim ninguém é se não for diálogo./E assim qualquer um é dois,/ou não é./Toda pessoa é para outra pessoa;/Eu não sou eu, tu és eu../Todo ser é o eu de um tu/ou não é nada./Se eu não sou tu, então não sou!” (C. 2, 1996, p. 23) e na Cantiga 28: “Porém a dor de ser indivíduo, de ser só/de não ser dois/doloroso não ser dois./Solidão de ser um./Porém sou mais eu/quanto mais me uno./PARA EVITAR NOSSA EXTINÇÃO./Amar é ser eterno” (C. 28, 1996, p. 236). Que assim seja!

(Aracaju, 23 de outubro de 2024)

Liberdade é uma calça velha

Certamente a Ciência explicará, mas eu prefiro manter o saborzinho do inexplicável diante de coisas como, no meio de uma preparação para escovar os dentes pela manhã, começar, do nada, a cantarolar um jingle de duzentos anos atrás (na verdade, “Jeito de viver”, de 1976): “Liberdade é uma calça velha/azul e desbotada/que você pode usar/do jeito que quiser.../Não usa quem não quer/US Top/Desbota e perde o vinco/Denin índigo blue/US Top/Seu jeito de viver...”. Pois essa fui eu no domingo.

Não, não vou falar sobre calças jeans ou “de brim”, nem sobre jingles, muito menos sobre memória. Quero me agarrar mesmo é à palavra “liberdade”. Cantarolando a música até agora, talvez impactada por ver surgir uma recordação aparentemente tão desconectada de qualquer circunstância pessoal, constato que a definição de liberdade nessa canção é bem pretensiosa: quem dera que liberdade fosse apenas uma calça velha, azul e desbotada... Entretanto, nada disso. Tal como a decantada “felicidade”, “liberdade”, no fundo, é só uma sensação momentânea. Por isso, ambas são utopias às quais a humanidade se agarra sem notar que está agarrando o vento.

Etimologicamente falando, segundo Antônio Geraldo da Cunha, “liberdade” vem do latim “libertas”, que, por sua vez, tem origem em “liber”: “que pode dispor de sua pessoa, que não está sujeito a algum senhor, não ocupado, solto, descomedido, espontâneo”. A deusa romana “Libertas” (ou Líber) personifica esse conceito, que, na



Grécia, tinha vínculos diretos com a vida em sociedade e a política, com a devida limitação a mulheres e escravizados. Mas, desde já, é curioso constatar ser uma mulher a representante de um conceito que nada tem a ver com a própria trajetória das mulheres no mundo. Ai, ai...

Dando um salto no tempo, lembro que a França, com sua Revolução (1789-1799), deu um nó na questão ao trazer o lema *Liberté, Égalité, Fraternité* como princípio do espírito de transformação da sociedade. Afinal, unir liberdade, igualdade e fraternidade no mesmo molde é tarefa para Sísifos e Prometeus, ou seja, para gente ousada que será eternamente castigada por essa ousadia. Vide os Zumbis e as Dandaras que morrem por aí.

Nessa batida, a tela “A liberdade guiando o povo” (1830), do também francês Eugène Delacroix, está reproduzida como paradigma mundo afora. A coisa chegou ao ponto de a França presentear os Estados Unidos com a famosíssima “Estátua da Liberdade” (1886, que representa a deusa Libertas), cuja origem foi uma escultura em cobre de Frédéric Auguste Bartholdi, inspirada no Colosso de Rodes.

A Estátua da Liberdade, que pude conhecer em vista à Ilha da Liberdade, na Baía Superior de Nova Iorque, onde ela se encontra, segura a Declaração de Independência dos Estados Unidos (1776) em uma das mãos e, pasmem, tem, entre outros, a função de dar as boas-vindas e trazer esperança aos imigrantes! Isso mesmo. No país que elegeu o xenófobo (entre outros adjetivos) Trump.

Para complicar ainda mais, a BBC conta que Bartholdi teria concebido uma estátua anterior à que acabou sendo um presente para o centenário da independência estadunidense: “O livro *A Estátua da Liberdade*, do historiador e



bibliotecário Barry Moreno, traz várias imagens dos modelos do escultor francês que sugerem uma clara conexão entre o projeto original, chamado *O Egito Levando a Luz à Ásia*, e o projeto da estátua que hoje é um dos símbolos em Nova York”. Lendo, ficamos sabendo que, na ideia original, a estátua seria vestida como uma camponesa árabe!!! Acabou greco-romana e ficou mesmo uma bagunça! Aqui, no Brasil, é símbolo (perdão, sensibilidade minha!) da Havan, um exemplo típico de mau gosto, cafonice e total ignorância cultural, onde, ressalto, meus pezinhos jamais pisarão.

Na esteira das tentativas de decifrar o enigma da liberdade, o pessimista filósofo alemão Arthur Schopenhauer, em 1838, apresentou o ensaio “Sobre a Liberdade da Vontade”, unindo duas palavras tantíssimas vezes incongruentes, ainda que haja certa teimosia em pensar que uma é gêmea da outra. Em 1859, o também filósofo (entre outras coisas) inglês John Stuart Mill vestiu o tema com roupas políticas e econômicas em “Sobre a liberdade”.

Chegando ao século XX, lembro que tivemos o psicanalista e filósofo alemão Erich Fromm brindando o tema em sua dimensão psicológica em dois livros *O medo à liberdade* (1941) e *O espírito de liberdade* (1970). Já o escritor, professor, filósofo e político senegalês Léopold Sédar Senghor mostrou, na série de livros sob o título geral *Liberté* que falar na liberdade humana passa pelo inevitável caminho de dimensionar a prática da escravização do próprio ser humano.

No cinema, o famoso e premiado filme “A liberdade é azul” (1993), dirigido pelo polonês Krzysztof Kieślowski e estrelado pela diva Juliette Binoche, colocou mais tempero no molho da questão, metaforizando as cores da



bandeira francesa numa trilogia. E é difícil assistir ao filme “Um sonho de liberdade” (1994), do diretor Frank Darabont, e não se sentir o próprio Ellis Red (Morgan Freeman) dando um calote no sistema carcerário!

Concluindo, me vem à mente o filósofo (também entre outras coisas) francês Raymond Aron, que compreendeu que o singular era pouco e escreveu *Ensaio sobre as liberdades* (1965). Depois, em *Pensar a liberdade, pensar a democracia* (2005, póstuma), trouxe o viés mais inflamado das considerações sobre o termo em nossos dias. De fato, igualdade, fraternidade e democracia não se casam com o sentido de liberdade amalgamado pela sociedade da grana.

Vivemos, realmente, dias de pura transformação de “liberdade” em falácia (ou, em outras palavras, falso argumento). Defende-se a mentira, a calúnia, o preconceito, a violência e até a morte como direito à liberdade. Liberdade para matar na boca de falso cristãos, esquecidos, como se percebe, do próprio “Não matarás”. Liberdade para transformar tudo em mercadoria. Liberdade que retoma a prática de escravizar, porque, afinal, a própria liberdade é fruto do “mérito”. Liberdade para exterminar povos, sofisticar bombas que podem destruir o próprio planeta. Pior, liberdade virou coisa para “humanos”, não para “sub-humanos”, nascidos para servir, segundo a ótica brilhante dessa gente (que vive, inclusive, ao nosso lado, para que o desespero cotidiano fique claro).

Na esteira de Nei Lopes, em “Senhora Liberdade” (2006), mas eliminando o componente afetivo da canção, creio que só me resta o apelo “Hoje estou no fim/Senhora Liberdade/Abre as asas sobre mim...”, pois, ao fim e ao cabo, parece que só a morte contém o sentido dessa pa-



lavrinha complicada, da qual muita gente anda se utilizando para praticar todo tipo de crueldade. Realmente seria maravilhoso se liberdade fosse mesmo apenas uma calça velha.

Calça velha, sem marca. É preciso sublinhar!



(Aracaju, 4 de dezembro de 2024)





Pintando nossos jardins

Hoje escrevo sobre um tema muito particular: a realização da ação de extensão “Pintando nossos jardins”, que nesta data, 11 de dezembro, registra sua concretização na semana Acadêmica da UFS, campus Itabaiana. Explico.

Em agosto deste ano, a Pró-Reitoria de Extensão, publicou o Edital PROEST/PROEX, voltado para a submissão e seleção de propostas de atividades artísticas a integrarem o “CUCA”, Circuito Universitário de Cultura e Artes. Essa iniciativa, tal como vem ocorrendo em outros anos, abre portas para que ações criativas aconteçam no nosso espaço universitário, o que, em geral, alimenta o ânimo e o otimismo, já que a arte traz aquela chama que revela todo o potencial humano para criar beleza.

Animada e incentivada pelo diretor do Campus Itabaiana, Victor Hugo Sarmiento, que havia me falado de paredes carentes de colorido dentro do nosso campus, apresentei a proposta “Pintando nosso jardim: murais comemorativos dos 18 anos do campus Itabaiana” (depois passei jardim para o plural).

Em resumo, propus a realização de mostra permanente na forma de murais pintados em paredes de dois espaços do campus Itabaiana, definidos pela direção, com o objetivo registrar, de forma simbólica, os 18 anos de existência do campus, comemorados no mês de agosto, além de contribuir para criar ali dois ambientes coloridos e estimulantes.

Esses murais conteriam 10 tipos diferentes de flores, como forma de aludir aos dez cursos que temos: Adminis-



tração (Bacharelado), Ciências Biológicas (Licenciatura), Ciências Contábeis (Bacharelado), Física (Licenciatura), Geografia (Licenciatura), Letras Português (Licenciatura), Matemática (Licenciatura), Pedagogia (Licenciatura), Química (Licenciatura) e Sistemas de Informação (Bacharelado). A ideia era que cada flor representasse um curso.

No entanto, no planejamento e na prática, realizada coletivamente com a participação de estudantes de Letras coordenados por mim, abandonamos essa proposta de individualizar as flores e buscamos, por meio da simbologia de 10 delas, construir um campo simbólico poético e estimulante para todos os cursos, incluindo os que chegarão. Assim, escolhemos dez flores, que se dividiriam em dois grupos de cinco, para que os dois espaços tivessem algum tipo de identidade cromática.

O primeiro painel a ser desenhado e pintado reuniria flores em tons que iriam do branco ao vermelho, passando por amarelo e laranja. Assim, foram eleitas as seguintes flores com sua simbologia: hibisco vermelho-escuro (virtude e beleza delicada); tulipa vermelha (amor e caridade); amor-perfeito laranja (glorificação do trabalho e amor poderoso); girassol (felicidade e altivez) e copo-de-leite (pureza e paz).

O segundo painel, por sua vez, reuniria flores com as cores azul-claro, azul-escuro, rosa, lilás e violeta. E as escolhas, com a respectiva simbologia, foram: aquilégia (nobreza e generosidade); cosmo (paz e da harmonia); hortênsia (gratidão e consideração); lavanda (devoção e poder de afastar o mal) e violeta (espiritualidade).

Confesso não ter sido fácil realizar essas pinturas. O sol escaldante nos queimou a pele em todos os dias definidos para lá estarmos com nossos pinceis e tintas. O can-



saço, depois de 5 ou 6 horas de pé ou mal sentados em banquetas baixinhas, era avassalador. Mas, cada vez que alguém passava e deixava um sorriso e uma palavra de incentivo ou agradecimento pelo colorido que estávamos criando, recuperávamos o ânimo e seguíamos pintando os dois murais com 15 metros de extensão cada um.

Ainda faltam pequeninos detalhes no segundo mural (que faremos na semana que vem), mas, mesmo assim, hoje, aproveitando a Semana Acadêmica, nossa SEMAC, fixaremos a placa de madeira que concretiza a ação e sinaliza que a virtude e a beleza delicada; o amor e a caridade; a glorificação do trabalho; a felicidade e a altivez; a pureza e a paz; a nobreza e a generosidade; a devoção e o poder de afastar o mal; a harmonia; a gratidão e a consideração e, por fim, a espiritualidade precisam nos acompanhar em nossa jornada de vida. Não só a acadêmica, mas pensar nisso dentro de nossa UFS Ita, enquanto caminharmos olhando para as flores, pode ser um pequeno alimento para a esperança e para o desejo de um mundo melhor.

Apesar de todas as pérfidas iniciativas de se contaminar o imaginário da população brasileira dando destaque a situações evidentemente equivocadas e, às vezes, até absurdas, que se passam, excepcionalmente, em universidades brasileiras, é preciso sublinhar com força que a grande maioria das pessoas envolvidas na rotina universitária têm amor pelo ensino, pela pesquisa e pela extensão e desejam, de algum modo, contribuir para que a vida seja melhor.

E foi isso que eu senti em cada uma das pessoas que estive comigo nessa jornada. Vontade de contribuir e de se superar em nome de algo em que se acreditava em conjunto: a beleza da capacidade humana de se expres-



sar artisticamente. O que fizemos é simples, mas, nessa simplicidade, há doação e esforço, requisitos básicos (que se somam à simbologia das flores que escolhemos) para quem quer, de fato, viver plenamente a Educação.

Assim, registro aqui meus agradecimentos ao Victor, por ter trazido as sementes das quais brotaram o projeto e por ser sempre sensível e incentivador; à Joelma Vilar (vice-diretora do campus e coordenadora-adjunta da ação); à Andréa Reis Babosa (secretária da Direção, colaboradora na ação), às estudantes e ao estudante do curso de Letras Alany Nunes Macedo, Aline Tavares de Andrade Leite, Camilly Vitória de Araujo Noronha, Glícia Vitoria da Silva Santos, Júlia Cruz Alves, Lilia Anjos Santos, Maria Eloisa de Oliveira Santos, Mariana Militão da Silva, Mirelle de Souza Santos, Receba Victoria Menezes Feitosa de Jesus e Emerson Menezes dos Santos; às mestrandas do programa de Pós-Graduação em Cinema (PPGCINE), ex-alunas do DLI, Laís de Jesus Vasco e Yasmin Lima Resende, que produziram um minidocumentário sobre todo o processo até sua conclusão; ao Uelberte Goes Santos, que cuida lindamente do jardim do campus e foi fundamental na preparação das paredes para a pintura; ao meu marido, Ítalo de Melo Ramalho, que também pegou no pesado, entendendo o tamanho do desafio; e, claro, à Universidade Federal de Sergipe, por abrir espaço para editais como esse através da PROEST/PROEX.

A placa traz todos os nomes citados e também as siglas de todos os departamentos e setores de nosso campus, como forma de dizer que a existência coletiva é, sem dúvida, o melhor dos jardins, porque, dele, brota a diversidade e o colorido que caracteriza a vida, ainda que muita gente prefira se atrelar ao monocromatismo do ódio. Que



essas pinturas possam amenizar os dias em que algumas flores pareçam murchas ou ausentes. Sempre há a possibilidade da flor quando há sementes dentro do peito.

Visite nosso campus e veja como ficou esse trabalho.



(Aracaju, 13 de dezembro de 2024)





A vendedora de magas e a generosidade

Joelma, esta crônica é uma homenagem a você, que hoje encheu nosso paladar e nossa sensibilidade de doçura e generosidade.

Estávamos a caminho da orla do Pôr do Sol, para matar a saudade da paisagem que o Vaza Barris nos proporciona, quando no meio do caminho a vimos.

Ela, Joelma – que, naquele momento ainda não tinha um nome para nós – estava de pé por trás de sua banquinha de mangas-rosa e mangas-espada. Organizadas em bacias, as mangas eram puro deleite para os olhos que, imediatamente, acionaram o paladar.

Dava para sentir o doce escondido naquelas carnes verdes e verde-rosadas que só as mangas-espada e rosa têm. Os corpos eram volumosos. As peles brilhavam, sedosas como o gosto de fruta boa, recém-saída da árvore. Não tínhamos dinheiro. A senhora aceita PIX. O sorriso acenou que sim.

Dez reais o lote. Queremos dois, um de cada tipo de manga. Eu comentei com meu marido que deveríamos, sim, comprar os dois, porque poderíamos, além de comer as mangas, fazer sucos. Sucos? Ela perguntou. Ah, vou buscar mangas para dar a vocês.

Elas só servem para suco, porque estão com algum amassado.

Entrou rapidamente e veio com um saco repleto de mangas-espada. Presente para nós, aqueles dois desconhecidos que pararam para comprar as mangas de Joel-



ma. E presente acompanhado de sorriso que só brota na face de gente generosa, que não vive precificando a vida.

Engatamos uma conversa e ficamos sabendo que ela mora ali há 25 anos, que perdeu a mãe recentemente e que adora a tranquilidade do lugar. Enquanto conversávamos, ela colocava as mangas das duas bacias em outros sacos. Viu que uma das mangas rosa estava ligeiramente amassada. Ah, vou trocar esta! E voltou para dentro. Retornou com uma manga rechonchuda nas mãos. Peguei uma bem grande e bonita para vocês...

Fizemos o PIX, agradecemos e nos despedimos leves e sorridentes, como se as mangas tivessem derramado em nós a promessa de um dia particularmente bom.

Ao chegarmos a casa, não deu outra: lavar as mangas, organizá-las e, com certa pressa, começar a comê-las! O doce se derramou pleno em nossa pequena e simples experiência cotidiana.

Que mangas deliciosamente suculentas as das mangueiras de Joelma oferecem ao mundo! Será que existe no mundo uma fruta melhor? Talvez. É uma competição inútil, mas que se faz, na imaginação, um belo exercício de recordar sabores.

Mas há uma competição com vencedora indiscutível: Joelma é, sem dúvida, a melhor vendedora de mangas que já conhecemos. E uma coisa ela pode ter como certa: ficou em nós um gosto que vai muito além das mangas. O gosto de saber que há gente como ela neste mundo de meu Deus, que anda tão despido Dele e da generosidade.

(Aracaju, 3 de março de 2025)



Geronimo (I)

O que uma brasileira, carioca, radicada em Aracaju, Sergipe, tem a ver com Geronimo? Nada ou tudo, a depender de como se possa compreender o impacto da história, da arte e da sede de conhecimentos em cada pessoa. No meu caso, esse impacto é a força que tem me movido através destes 61 anos muito bem vividos.

Claro, a pergunta principal nem será a mais instigante se o referente, Geronimo, sem acento, não for compreendido. Então, esclareço, falo de Geronimo (1829-1909), na verdade Goyaalé ou Goyathlay (em inglês), um indígena apache chiricahua batizado pelos mexicanos de Geronimo. Explico a origem de tudo isso.

Em minha já comentada sede de conhecimentos e motivada pelo retorno ao poder (retorno democrático, cabe dizer, ainda que com horror à burrice consumada) de um estrupício extremamente perigoso para a humanidade chamado Trump, resolvi me debruçar sobre um livro que me apareceu durante pesquisas sobre o gênero épico: *Enterrem meu coração na curva do rio*, do estadunidense Dee Brown (Alberta, 1908 – Little Rock, 2002). O livro, de 1970, não se trata de um poema épico. É um livro de história. Uma história de sucessivas crueldades, cometidas em nome da ocupação dos territórios indígenas nos Estados Unidos no século XIX.

Por meio desse livro, mergulhei em um universo amplo de conhecimento sobre o que foi, nos Estados Unidos, no México e no Canadá, a realidade expansionista do século



XIX, quando a presença de diversas etnias indígenas se fez obstáculo para a ganância dos homens brancos. Até então, apaches, navajos, comanches, sioux, entre outros, eram nomes que se misturavam com lembranças bem remotas de filmes de faroeste ou de alguns exemplares da revista em quadrinhos TEX que passaram quase sem atenção por minhas mãos. Com *Enterrem meu coração na curva do rio*, aprendi tantas coisas que ainda estou precisando processar tudo e reorganizar minha visão sobre a questão indígena estadunidense e suas ramificações pelo norte do México e sul do Canadá.

Em torno do tema, já encontrei poemas épicos, como *Tecumseh, or the West Thirty Years Since: A Poem* (1842), de George Hooker Colton; *A cycle of West*, de John Neihardt, que reúne cinco poemas épicos, a saber: *The Song of Three Friends* (1919); *The Song of Hugh Glass* (1915); *The Song of Jed Smith* (1941); *The Song of the Indian Wars* (1925) e *The Song of the Messiah* (1935); *From Sand Creek* (1981), de Simon J. Ortiz; e *Under the White Wing: Events at Sand Creek* (2011), de Charles Squier, entre outros. E o tempo será curto para tantas leituras...

Em meio a esse já comentado universo de informações, me detenho em Geronimo e até indico, para quem quiser conhecer detalhes da história, o filme *Geronimo: an American legend* (uma lenda americana), de 1993, dirigido por Walter Hill e que tem, como o General Crook (personagem fundamental na história de Geronimo), o recém-falecido Gene Hackman, além de Wesley Studi como Geronimo.

Geronimo representou o mais alto grau de capacidade de resistência ao confinamento em reservas imposto pelo governo dos Estados Unidos, como forma de se apropriar



e poder utilizar, para todo tipo de exploração, as terras nativas milenares de diversas etnias distribuídas por várias partes do país e também em locais além das fronteiras com o México e com o Canadá. Não se trata, portanto, de uma questão colonial britânica, mas de um movimento de um país independente chamado “Marcha para o Oeste”, que envolveu diversos segmentos da sociedade estadunidense em expansão.

As reservas destinadas a esses povos, localizadas em regiões áridas e praticamente imprestáveis para a agricultura e para a caça, estavam infinitamente longe de atender às necessidades de sobrevivência dos indígenas, que, para serem alocados, tinham que abrir mão de armas, aceitar aprender técnicas agrícolas dos brancos e praticamente abandonar suas crenças místicas ou religiosas. Muitas vezes, ao chegarem aos locais a eles destinados, eram vítimas de ataques genocidas covardes.

Além do exército estadunidense, os povos indígenas enfrentavam mórmons, pioneiros, rancheiros, fazendeiros, mineradores, milicianos, caçadores etc. Somando-se a esse cenário, as disputas por novas definições de fronteiras com o México e a chegada da linha de ferro tornaram impossível a vida desses povos milenares.

O genocídio alcançou tal patamar, que a máxima “Índio bom é índio morto”, que, dizem, teve origem em fala do cruel General Sheridan “O único índio bom é um índio morto”, passou a ser motivacional para todo tipo de violência contra indígenas (Nós sabemos bem as derivações dessa máxima por aqui...).

A história é sangrenta. A violência, atingindo indígenas e brancos, alcançou índices inimagináveis de barbárie. E Geronimo fez da resistência sua missão como líder indíge-



na até o momento em que uma visão o convenceu de que o caminho da resistência havia chegado ao fim. A história continua...



(Aracaju, 11 de março de 2025)





Geronimo (II)

Dando continuidade ao texto da semana passada, volto ao indígena apache chiricahua Geronimo (1829-1909). Explico que os apaches, divididos em subgrupos, como o Chiricahua, o Mescarelo, o Jicarilla, o Lipan e o Western Apache, representam, na história dos Estados Unidos, em especial no século XIX, um dos grandes marcos da resistência indígena ao genocídio por lá estabelecido desde a colonização. Estima-se que a população de 25 milhões de indígenas, envolvendo diferentes etnias chegou, por meio de diferentes massacres, a 3 milhões hoje (sem contar com os descendentes mestiços).

Ainda na época colonial, houve ações cruéis de extermínio, como a contaminação proposital por varíola, ideia do comandante britânico Jeffery Amherst, que teria escrito, em 1763, ao coronel suíço Henry Bouquet, na ocasião renomado membro da força militar britânica que atuava no Canadá e nos Estados Unidos: “Não seria possível enviar varíola para as tribos indígenas rebeldes? Devemos, nesta ocasião, utilizar todos os estratagemas ao nosso alcance para derrotá-los”. A resposta veio logo depois: “Tentarei infectar os desgraçados com qualquer pedaço de pano que cair em minhas mãos e terei cuidado para não contrair a doença eu mesmo” (Ver o artigo “Os ameríndios e a guerra biológica”, disponível na Internet). Esse breve diálogo diz tudo.

No século XIX, com os Estados Unidos já independente (a independência se deu no dia 4 de julho de 1776), o mas-



sacre aos povos indígenas não cessou. A Corrida do Ouro, a implantação do sistema ferroviário, a ganância de empreiteiros, a invasão dos pioneiros (ou colonos americanos) às terras indígenas, entre outras razões, estão por trás de uma violência assustadora, amparada, inclusive, por leis estatais e federais, como a federal de 1830, chamada “Ato de remoção indígena”, assinada por Andrew Jackson, então presidente dos Estados Unidos.

Para se saber mais sobre as diversas guerras ocorridas em diversas regiões do país e o genocídio delas decorrentes, temos inúmeras obras, entre as quais cito *Trail of Tears: The Rise and Fall of the Cherokee Nation* (1988) [*Trilha das Lágrimas: A Ascensão e Queda da Nação Cherokee*], de John Ehle, e *An American genocide: the United States and que California Indian catastrophe, 1846-1873* (2016) [*Um genocídio americano: os Estados Unidos e a catástrofe indígena da Califórnia, 1846-1873*], de Benjamin Madley. No entanto, o universo é tão amplo, que é preciso dar mergulhos verticais nas guerras específicas com cada etnia para melhor entender tudo isso.

Geronimo representou, no âmbito do século XIX e no contexto da resistência apache, um indígena que compreendeu a natureza falsa das propostas de remanejamento dos grupos indígenas para reservas supostamente criadas para lhes dar conforto e autonomia e, dando sequência à resistência de outros chefes apaches como Cochise, Mangas Coloradas e Victorio, liderou um pequeno grupo apache, de que faziam parte renegados e suas famílias, que, por suas habilidades no deslocamento, na sobrevivência em terras inóspitas e capacidade de luta, tornou-se o terror dos exércitos mexicano e estadunidense.



A força do bando de Geronimo inspirava outros grupos indígenas. E suas vitórias circulavam entre os povos, fazendo do chefe um ícone de recusa violenta à migração forçada de grupos indígenas, ainda que, durante certa época, ele tivesse tentado viver conforme a determinação do General George Crook, que Dee Brown, autor de *Enterrem meu coração na curva do rio* (1970), descreveu como: “um homem bem diferente do que deixara o Arizona dez anos antes para ir até o norte, lutar com os sioux e cheyenes. Aprendera com eles que os índios eram seres humanos, um ponto de vista que a maioria dos seus colegas não aceitava (p. 395). A tentativa foi vã, já que o objetivo, não exatamente de Crook, mas do governo dos Estados Unidos, era prender e, se possível, eliminar, lideranças como Geronimo. Por isos, ele fugia constantemente.

Ao mesmo tempo, notícias sobre a morte de grupos indígenas inteiros nas reservas, por falta de acesso à comida e por transmissão de doenças, ampliavam a imagem heroica de Geronimo. Como consequência, ele passou a ser combatido, ideologicamente, pelos estadunidenses, a partir de sua fixação na cultura, na maioria das vezes fruto de mentiras propositalis, como um assassino impiedoso.

Geronimo, assim, foi um dos heróis dentro do que se conhece como “Guerras Apaches”. E sua figura ora aparece em obras de todo tipo como um indígena sanguinário, ora como símbolo de resiliência e liderança.

Reza a história que, após um pesadelo, em que viu uma grande locomotiva vindo em sua direção, ele compreendeu que sua luta era vã e se rendeu ao general Nelson Miles, em 1886.

Mais uma vez enganado, pois foi separado de sua família e levado para a Flórida, ele morreu de pneumonia como



prisioneiro de guerra, sem ter voltado à sua terra, no dia 17 de fevereiro de 1909. Antes de morrer, contou sua biografia ao antropólogo Samuel Barrett, que publicou, com a autorização do presidente Theodore Roosevelt, a obra “*His Own Story: The Autobiography of a Great Patriot Warrior*” [*Sua Própria História: A Autobiografia de um Grande Guerreiro Patriota*].

(Aracaju, 19 de março de 2025)



Sejamos sensatos

A máxima filosófica “*cogito ergo sum*”, do francês René Descartes – 1596-1650 –, sintetiza a grande crença que ainda move a humanidade: pensar é o diferencial de nossa existência. Aquilo que, primordialmente, caracteriza nosso ser.

Pensar, nesse sentido cartesiano, seria conectar a existência humana à razão, ao uso do raciocínio como base para a configuração de nosso ser. E usar a razão, entre outras coisas, também significa saber controlar a emoção. Ou seja: o pensamento está na base de uma vida saudável, harmônica, resistente às intempéries – ao mau tempo.

Como a teoria é bonita! Oito bilhões de seres humanos no planeta, cada qual usando a chave mágica do pensar, são capazes de conquistar a plena harmonia individual e coletiva a partir do grande atributo que possuem.

Aí vem a pergunta: por que isso não funciona? Por que nossa capacidade de pensar não é suficiente para produzir seres humanos no sentido definido, por exemplo, pelo Dicionário Oxford: “latim *humānus*, a, um próprio do homem, bondoso, erudito, instruído nas humanidades”? Bem, eu aqui, modestamente, respondo: porque o pensamento tem arestas.

Arestas? Eu sei. Essa palavra figura em diferentes áreas do conhecimento, como a Geometria, a Arquitetura, a Botânica, entre outras, e pode significar coisas bem específicas, mas fiquemos aqui com um sentido geral, que justifica, inclusive, a metáfora “aparar as arestas”: uma aresta é uma pequena saliência, uma quina.



Dizer que o pensamento tem arestas, significa, portanto, afirmar que pensar não é uma abstração fluida, sem forma, uma massa leve e adaptável, mas uma complexa estrutura – infinitamente mais complexa que um hexágono ou um dodecaedro –, repleta de arestas, que vão se desenhando e multiplicando a partir de nossas experiências de vida.

E, obviamente, viver é uma experiência que não é ditada e determinada por cada ser a partir de seus pensamentos, desejos e emoções.

Isso é tão claro que, aqui entre nós, brasileiros, a máxima cantada por Zeca Pagodinho, virou mantra: “Deixa a vida me levar, vida leva eu”. Ou seja, chegamos ao ponto em que acaba sendo melhor largar o corpo aos ventos da vida do que ficar tentando controlar nossa viagem.

No meu entender, as arestas do pensamento, ou seja, tudo aquilo que norteia nossa aparente razão por caminhos cheios de pontos fincados pela vida – dores, traumas, desilusões, cultura, religião, educação, família, sexualidade, enfermidades, *status* social etc – impedem que, com facilidade, conectemos nossos pensamentos para formar uma grande sabedoria humana voltada para a felicidade.

As arestas do pensamento às vezes – e muitíssimas vezes! – destroem a própria razão, que é a fonte do pensar. Arrastados pelo emaranhado de arestas, nós nos confundimos ao ponto de “pensar que pensamos”, quando, na verdade, mergulhamos em um lamaçal profundo de incoerências muito distante do que seria o suposto uso racional de um atributo que, segundo a tradição científica mais corriqueira, nos distingue de outros seres.


“Aparar as arestas”, nesse universo tremendo de pensamentos perdidos no caos das arestas, tem pouca valia.



Serve, talvez, para pequenas questões cotidianas entre indivíduos, mas não funciona em situações que envolvem pensamentos que, ligados ao poder de alguns poucos sobre bilhões de outros, determinam como deve ser a vida no planeta – e agora até fora dele.

Nunca estivemos tão longe da razão. Nem nos tempos descritos como “da barbárie”. E, no meu entender, isso acontece porque, cada vez mais, as arestas do pensamento são alimentadas cotidianamente pela máxima que verdadeiramente tem nos definido através dos tempos: “Tenho, logo existo”. A ditadura do ter aniquila o pensar e pode aniquilar o ser. O grande Ser, que é o mundo.

(Aracaju, 29 de março de 2025)



Dois mil, cento e um quilômetros

Não se mede a saudade em números. Tampouco se pode crer que a distância, maior ou menor, pode reger ou determinar se uma saudade será mais ou menos intensa. Mas quando os quilômetros têm dígitos largos, tudo parece mais assustador.

Sou uma mãe acostumada a quilômetros fartos: 1826,9, ou seja, meu coração já incorporou as asas como artefato para sobrevivência. E se asas não houvesse, seriam as rodas mesmo. Se necessário, mãe atravessa a pé o caminho até o abraço que é unguento para a ferida da saudade.

Agora, os quilômetros duplicaram: 1826,9 e 2107,7. E meu coração já tão nordestino vai bater sudestinaamente duas vezes aos acordes da saudade.

Contudo, sabedor de que os voos de filhos e filhas inauguram suas felicidades, o coração de mãe se rende aos necessários movimentos da vida e reinventa formas de abraçar até que a carne e os ossos, trêmulos pela nervura dos breves reencontros, apaziguem sua sede.

Filhos e filhas precisam de estradas e de sonhos. O ninho, com toda a quentura da segurança e do afeto, deve durar o tempo certo para a maturação das asas, que só realizam seu destino quando lançadas ao voo.

É fato que hoje as possibilidades de migração e imigração voluntárias são imensas. Quase todo mundo tem alguém que vive distante. Quase todo mundo precisa exercitar a convivência com a saudade e driblar os empecilhos



para criar oportunidades de breves reencontros para abastecer o coração.

E todos os corações saudosos agradecem de joelhos às tecnologias da comunicação virtual, que fizeram dos quilômetros algo menos impactante. Mas também é fato que a saudade dói.

Dói porque, desnorteada, a saudade se deixa atingir por torturantes perguntas como “Quando nos veremos de novo?”; “Como vou conviver com esse vazio?”; “E se acontecer algo que fugirá de minha possibilidade de interagir?”; “Quantos acontecimentos vou perder por estar distante?”...

Não tem jeito. É imprescindível abraçar o otimismo como estratégia de sobrevivência. E aprender a substituir a impossibilidade do abraço cotidiano pelo orgulho dos voos de nossos filhos e de nossas filhas seja qual for a quilometragem e o destino.

Filhos e filhas não são do mundo. Isso é mentira. São nossos até o fim da vida. Mas a vida, em si, é um mundo em constante expansão até nossos big crunches individuais – eis uma espetaculosa metáfora para a morte. Viver a expansão de nossos seres por meio do exercício vigoroso do voo é bonito, intenso e corajoso. Por isso, o orgulho de mãe vem rápido para transformar as emoções.

Voe, filha. Mostre para o mundo a beleza de seu ser alado. Seja, como sua irmã, a confirmação de que meu ninho foi bom o bastante para que seus voos sejam também seguros. E tenha a certeza, que ela também tem, de que eu sempre serei ninho.


Mesmo na condição, prestes a ser inaugurada, de ninho virtual até a carnadura dos abraços que trocaremos quando eu – ou você – puder vencer os dois mil cento e um



quilômetros e setecentos metros de distância para poder segurar, com toda a concretude da pele, a sua mão.

Não será nada novo. Nós três já estivemos muitas vezes distantes, especialmente, umas das outras. E isso nunca nos distanciou de fato. Porque amor aqui, entre as três, transborda de tal forma que asas imediatas brotam no ar e levam nossos corações a voarem juntos, estejamos, cada uma, onde for.

(Aracaju, 1 de abril de 2025)



Literatura e política (e um episódio surreal): o reconhecimento público de Narcisa Amália de Campos

Hoje, 3 de abril de 2025, haverá um evento importante na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, do qual farei parte. Trata-se da entrega da Medalha Tiradentes à poeta nascida na cidade de São João da Barra/RJ, Narcisa Amália de Campos (1852-1924). Como se vê é uma honra póstuma. No caso, nascida da iniciativa da deputada estadual Carla Machado, do Partido dos Trabalhadores, que já foi prefeita de São João da Barra.

Escrevo esta crônica não só para dar notícia do evento, mas para sublinhar como é importante que levemos em consideração a máxima de que “tudo passa pela política”. Ouço escritores e escritoras proferirem, até com certo orgulho, o discurso antipolítico, a fala de isenção, que parece esconder a preocupação de não criar melindres que poderiam, de repente, impedir que suas publicações alcançassem o máximo de público. Ledo engano. A literatura, de mãos dadas com a política, não no sentido político-partidário, mas no das políticas culturais, tem muito a ganhar. Explico.

Por mais, por exemplo, que estudos acadêmicos tragam à luz obras literárias de diferentes tempos, espaços e autoria, muitas vezes essa crítica fica restrita ao reduto considerado erudito das universidades. Quando políticas culturais, por meio de propostas de editais, prêmios, concursos, feitas nas casas legislativas municipais, estaduais



e nacionais, se voltam para a valorização da literatura (e das artes em geral), o alcance das obras se amplia, rompendo a bolha da universidade. Quem ganha? A vida.

Quem se cala, politicamente, diante do mundo, a meu ver, tem bases muito pouco sólidas para sua própria criação, demonstrando mais preocupação com o desejo de ter sucesso (ah, como é a doce ilusão do “sucesso na literatura”) do que com a criação em si, como signo estético e cultural, como voz que pode ir além das injunções e das injustiças.

Em 1997, quando cursava o mestrado em Ciência da Literatura na UFRJ, conheci Narcisa Amália de Campos. O nome dela (a única mulher) estava numa lista do professor Antônio Carlos Secchin, cuja disciplina tinha como proposta o estudo de poetas não canônicos (praticamente desconhecidos) do Romantismo brasileiro. Coube aos mestrandos e às mestrandas escolherem um nome. Ao ver o de Narcisa, acolhi-o. E ali começou uma história de pesquisa que se inscreveu na minha vida definitivamente.

Fiz todas as investigações possíveis na ocasião (lembremos que, em 1997, pesquisar na realidade virtual não era o que é hoje). Diante do pouco que consegui, minha mãe e minha tia Dolores, como dignas auxiliares da filha/sobrinha pesquisadora, foram a São João da Barra para conhecer a cidade natal de Narcisa e para entrevistar o historiador João Oscar, que, em 1994, havia publicado uma biografia da autora, lançada pela Gráfica e Editora Lar Cristão, da cidade fluminense de Campos. Soube dessa publicação quando comecei a pesquisar. E a pesquisa é isto: encontrar fontes, descobrir tesouros.

Fiz um estudo semiológico, ou seja, abordei os poemas de Narcisa Amália, buscando compreender sua passagem



pelas estéticas romântica, parnasiana, simbolista, e pela poesia realista (outra desconhecida das gentes), analisando e comparando diferentes poemas. Também falei um pouco sobre sua vida, com destaque para o fato de ela ser considerada uma das primeiras jornalistas mulheres, e abordei sua ousadia ao abraçar o abolicionismo e os primeiros passos do feminismo.

O estudo, que resultou em monografia, ficou tão longo, que poderia ter sido minha dissertação de Mestrado. Mas não era essa a minha intenção. Em 1999, publiquei, pela Editora Elo, do Rio de Janeiro, meu primeiro livro autoral de crítica literária: *Um espelho para Narcisa: reflexos de uma voz romântica*. A partir dele, vieram convites para conferências e palestras; produzi artigos, ampliando a discussão; conheci a diretora e atriz de teatro Beth Araujo, que criava o espetáculo “Mulher de palavra”, voltado para poetas do século XIX, entre elas, Narcisa. Segui, enfim, com Narcisa Amália na minha vida.

E um fato curioso e sobrenatural assinalou, desde o início de jornada, que ela me queria como sua crítica. Logo no início da pesquisa, fui um dia à biblioteca de Letras da própria UFRJ para buscar alguma fonte possível. Ao chegar ao campus, na ilha do Fundão, percebi que havia me esquecido de levar a carteirinha da biblioteca. Desiludida, sentei-me para descansar em um sofá no hall de entrada, onde havia estantes com enciclopédias antigas, que podiam ser consultadas sem carteirinha ali no local mesmo. Andei entre as estantes, ainda me culpando pelo esquecimento, quando, de repente, entre dois volumes grandes de uma coleção, vi um pequenino e amarelado livro, que, em sua lombada, trazia o nome “Narcisa Amália”!!!



Segurei trêmula o livro, que nunca havia sido lido. Suas páginas, como acontecia com os livros antigos, ainda esperavam a lâmina que as abriam, de duas em duas. Corri para o atendimento e, portando minha pasta com os estudos que vinha fazendo, mostrei o livro à bibliotecária, dizendo: “Achei este livro! É meu objeto de pesquisa!! Como faço para levá-lo para casa? Como abrir suas páginas?”.

A bibliotecária, surpresa, gritou para uma colega que estava mais distante: “Fulana, ela achou um livro não catalogado!!”. Ao ouvir isso, abri minha pasta, mostrei a pesquisa, e implorei que me deixasse levar o livro. Eu o traria de volta na data que ela determinasse. Vendo o quanto eu estava emocionada, ela autorizou. Mas me avisou: “Use luvas e máscara. O livro pode ter fungos! Cuidado!”

Voltei para minha casa impressionada. Era Narcisa quem me guiava. O livro se tratava do estudo de Antônio Simões dos Reis sobre a poeta e jornalista, publicado em 1949, pela Organizações Simões, do Rio de Janeiro. Dali em diante outros episódios surreais aconteceriam, como, “por acaso”, encontrar um poema atribuído a Narcisa Amália em uma antologia de poemas psicografados por Chico Xavier que eu comecei a folhear. Mas esses episódios não me surpreendiam. Eu tinha uma missão a cumprir.

Narcisa Amália foi famosa. Seu único livro de poemas, **Nebulosas**, de 1872 (na época de minha pesquisa, havia apenas a primeira edição em biblioteca, hoje é fácil comprar a edição recente), levou D. Pedro II à cidade de Resende, onde ela passou a viver com os pais e depois com o segundo marido (eu mesma vivi lá!), para ouvir a poeta declamar seus poemas. Mas ela foi vítima de violência de gênero. Esse mesmo segundo marido, inconformado com a separação, fez circular o boato de que todos os poemas



dela tinham sido feitos, na verdade, por seus amantes. Ela se foi de Resende e passou a atuar no Rio de Janeiro como professora. Certamente sentiu o horror de ver críticos ainda circulando, muitos anos depois, essa infame mentira do ex-marido.

Hoje, na ALERJ, estarei ao lado da Deputada Estadual Carla Machado; de Nilza Ericson; educadora, jornalista e representante da família de Narcisa Amália que receberá a medalha, de Anna Faedrich, professora e pesquisadora da UFF; de Cilene Guedes, jornalista e dramaturga; e de Bruno Costa, jornalista que no ano passado lançou a biografia “Narciza Amália” (ele optou pela forma antiga do nome). Com ele e elas, na Mesa de Honra, e terei, como todos, 10 minutos para falar do meu encontro com Narcisa Amália. A sessão também terá a interpretação de Beth Araújo do poema “Porque sou forte” e a execução musical do poema “O africano e o poeta” pela Banda União dos Operários.

Fazer parte disso é muito emocionante para mim e, por isso, preciso registrar meu especial agradecimento a Bruno Costa, que tive o prazer de conhecer no ano passado no XIX Seminário Internacional Mulher e Literatura, evento tradicional do Grupo de Trabalho da ANPOLL “A mulher na literatura: crítica feminista e estudos de gênero”, realizado na Universidade Federal Fluminense. Lá pude conhecer seu livro, que será objeto de uma resenha minha em breve. Foi Bruno quem me falou da premiação e me incentivou a estar presente. E não há como deixar de agradecer à deputada Carla Machado e a seu acesso João Felipe. Isso é política cultural.

Encerro a crônica com estes versos finais do poema “Pesadelo”, de Narcisa Amália: “Então, minha pátria,



n'um lampejo/Os erros surgirão da majestade;/E arrojárs
ao pó espectros e tronos/Bradando ao mundo inteiro –
liberdade!”.



(Aracaju, 10 de abril de 2025)



Enlaçada pelo fio do cordel

Em tempos de vísceras midiáticas e de valorização explícita do mais cruel e debochado desgovernante que este país já teve, trago para esta crônica algo que realmente me parece digno de chegar aos olhos de quem me lê: a beleza de nosso folheto de cordel.

Estou me despedindo de Fortaleza e do evento III Jornada de Literatura de Cordel e Xilogravura, realizado na Universidade Federal do Ceará, sob a batuta do professor universitário e cordelista Stélio Torquato Lima, da professora mestra Arusha Kelly de Oliveira e toda a equipe da universidade. Que evento bom! Que maravilha poder sair da bolha tenebrosa dos descabros nacionais e internacionais, e poder viver, coletivamente, essas duas artes e as reflexões sobre elas.

Acompanhada por nossa cordelista e professora gloriense Emily Barreto, que brilhou como sempre declamando suas criações, de meu orientando e minhas orientandas de Iniciação Científica na UFS, Edimarks Menezes, Iara Santos e Mariana Militão, além da companhia do professor doutor Flávio Passos (PPGL/UFS), ex-graduando do Departamento de Letras de Itabaiana e hoje professor concursado da Universidade de Pernambuco, pude viver momentos de muita satisfação, não só pela qualidade do que vi e ouvi, mas também pelo afeto impregnado na pele do evento.

A primeira dose desse afeto já vinha de casa. Essas moças e rapazes são motivo de orgulho para Sergipe.





Com a cara e a coragem, saem do conforto de seu chão para ampliarem sua visão de mundo e seu conhecimento. Respeito, companheirismo, risadas: tudo o que uma professora já com muitos anos de estrada precisa para seguir acreditando na Educação. Tudo o que uma pessoa como eu precisa para continuar valorizando a Amizade.

Somados a isso vêm as cantorias, as declamações e os cursos de gente como o grande Geraldo Amâncio, Guilherme Nobre, Rouxinol do Rinaré, Rafael Brito, Stélio Torquato, Klévisson Viana, Dalinha Catunda, Julie Oliveira, Nonato Araújo, Marcus Haurélio Fernandes Farias, entre outros nomes. Artistas de talento, que, com sua criatividade e visão crítica, tornaram ricos nossos dias!

Tudo ficou mais completo com a participação de pesquisadores e pesquisadoras do Brasil e do exterior (que não cito individualmente porque a lista é grande) que trouxeram notícias de suas investigações sobre cantorias, folhetos e xilogravura, demonstrando como o espaço que a universidade dá a essas artes hoje revela paulatina mudança de mentalidade.

Além disso, na UNIFOR, pude visitar a exposição Armorial 50 e quase chorar de deslumbre com o que vi. Pinturas, desenhos, vídeos, figurinos, experiência interativa, um show completo. E foi muito bom ver uma universidade privada, com lindas instalações, recebendo Ariano Suassuna e os demais artistas do Grupo Armorial com toda a elegância que merecem.

Para finalizar, um café com amigas maravilhosas, gente que vale muito a pena e que nada tem a ver com a miséria cultural, política e humana destes tempos de fanatismo, preconceito e crueldade. Brindamos a vida, a verdadeira, a que tem poesia e gosto de beleza.



Agora é esperar 2027 e a edição de Campina Grande. E como não sou boba e sei reconhecer o peso desse evento, que conheci na segunda edição, em Triunfo, a convite de meu amigo querido, o professor Fabio Mario Silva, já coloquei Sergipe na fila para receber uma edição do evento.

Volto com folhetos, livros, sorrisos e esperança na bagagem. Viva a arte nordestina! Viva a arte brasileira!

(Aracaju, 18 de abril de 2025)



Adeus, Francisco!

Há dias tristes. Neles, parecem repousar nos olhos lágrimas redondas, hesitantes em se precipitarem rosto abaixo, porque sabem que são apenas os primeiros sinais de cachoeiras iminentes, prontas a desaguar a tristeza instalada no peito.

Francisco se foi. E, com ele, se foram as lições cotidianas de resiliência e coragem. Francisco se foi. E com ele se foram as poucas notícias alentadoras, que provinham de suas palavras de esperança. Francisco se foi. E com ele se foram exemplos de que é possível unir as palavras Deus, família e até Pátria, sem que sinta o sabor acre da hipocrisia.

Francisco foi o melhor de todos os papas, porque ousou apontar o dedo e a lei para os desmandos e as perversidades de alguns membros da Igreja Católica que faziam uso de seu poder para violentar a inocência de crianças, adolescentes e jovens. Ousou atacar a corrupção presente no Vaticano. Ousou reconhecer que a Igreja Católica estava longe de reconhecer as transformações do mundo e de fazer uso do Amor pregado por Cristo para acolher essas transformações. Mas, mais importante que esses enfrentamentos, foi sua determinação em recuperar o sentido da presença de Cristo no mundo.

Francisco escolheu seu nome porque sabia que precisaria dizer: “Onde houver ódio que eu leve o Amor”. Sabia que era necessário se fazer “instrumento para a Paz”. E buscou incansavelmente seguir o exemplo de simplici-



dade e esperança que caracterizam São Francisco. Abriu mão das excentricidades materialistas dos rituais do Vaticano; buscou despir-se do luxo tão incompatível com a própria história de Jesus Cristo; levou ao mundo pedidos incansáveis de proteção aos marginalizados, aos mais fragilizados pela arrogância do sistema; e a todos aqueles que são desprezados apenas por serem diferentes.

Francisco entendeu que Deus e Natureza são sinônimos e deixou sempre bem clara a importância de se investir mais e mais na educação e nas políticas ecológicas. Também entendeu que todas as religiões, se voltadas para esse espírito de Amor e de Perdão, trabalham para o mesmo princípio e são, cada uma à sua maneira, partes de Deus, ainda que com nomes diferentes.

Francisco, contudo, era humano e precisava partir. O corpo chegou a seu momento de esgotamento, a seu instante de desprender-se da vida para liberar Francisco para nova viagem. E ele se foi acenando um lenço branco. E ele se foi nos pedindo Humanidade. Apenas Humanidade. E, no entanto, cada vez mais se faz difícil encontrar humanos humanos.

No mesmo dia da divulgação de sua morte, li a notícia sobre uma postagem debochada do deputado federal do PL de Goiás, Gustavo Gayer, relacionada à sua morte. Uma brincadeira que associava a imagem do ministro do STF Alexandre de Moraes ao papa. Prova contundente do que gente assim é capaz de fazer. Logo vieram terríveis informações sobre todo tipo de desrespeito à despedida de Francisco. Humanos desumanos, fazendo a já corriqueira associação entre patriotismo e um Deus armado, violento, preconceituoso, racista, intolerante, presunçoso, debochado, homofóbico, transfóbico e machista. Um deus



com d minúsculo, um fakedeus, um deus artificial criado por mentes perversas, que, infelizmente, leva milhões à cegueira, ao fanatismo e a tudo que não é Amor, nem Perdão, nem Esperança.

Porém, além dessa gente mesquinha e perversa, milhões de pessoas choraram sinceramente com a partida de Francisco. Deixaram, portanto, que a lágrima renda desabasse e abrisse as comportas para as cachoeiras.

Eu, na minha imensa admiração pela força transformadora de Francisco, tento, por aqui, levar a verdade onde vejo erros. Abissais erros de compreensão do sentido cristão do Amor. E a verdade que eu levo (ou trago) não é a minha. Reconheço minha pequenez. Faço-me apenas portadora das palavras de Francisco. E destaco uma de suas mais significativas declarações: “Como eu gostaria de uma Igreja pobre... e para os pobres”. Eu também, Francisco, gostaria de ter vida para ver todas as igrejas se transformando em lugares assim.

Francisco se foi. Fico eu à espera de seu primeiro milagre: um Francisco II, que continue seu trabalho de transformação da consciência da Humanidade para que, um dia, finalmente, façamos jus à condição de humanos. Por enquanto, a bestialidade impera.

Obrigada, Francisco, por ter vindo. Olhe por nós que, como você, queremos um mundo melhor. Adeus. A Deus.

(Aracaju, 24 de abril de 2025)



O restaurante da Inês

Há pessoas que são sinônimos de novidade em nossas vidas. É o caso de nosso amigo Paulo Rocha. Além de sua gentileza e bom humor, ele sempre tem algo surpreendente para nos contar. E mais. Algo que, de repente, como esta crônica revelará, nos tornará parte de suas histórias.

No dia 19 de abril, Ítalo, meu marido fez aniversário. Poucos dias depois, Paulo resolveu comemorar conosco o aniversário de Ítalo nos convidando para um almoço. Mas avisou que seria um almoço diferente. Iríamos a um restaurante de comida caseira lá em São Cristóvão. E nada mais disse. Seria uma surpresa.

Confiando em Paulo, que sabemos ter bom gosto e ser muito sabido, lá fomos nós com ele a São Cristóvão. O carro dele foi ziguezagueando pelas ruas da cidade até chegarmos a uma pequena rua. Ele estacionou o carro e nos disse: Chegamos. Vocês conhecerão o restaurante da dona Inês. Comida caseira de verdade!

Dona Inês ou simplesmente Inês (já que passamos a fazer parte da amizade entre eles) logo reconheceu a figura do amigo e veio sorridente avisar que estava nos esperando. E se dirigiu a mim para confirmar que já sabia que eu era vegetariana e que, por isso, havia preparado algo especial para mim. A simpatia era contagiante.

O ambiente aconchegante, as brincadeiras entre eles, as falas de outras pessoas que já estavam almoçando, tudo criou o melhor clima possível. Estávamos na casa de



Inês e ela nos recebia como recebemos alguém que chega à nossa casa nos causando alegria.

Logo estávamos os três numa mesa comum, com louça simples, tudo combinando com a propriedade mágica das coisas autênticas. Nós nos sentimos bem. Acolhidos. E não demorou nada para Inês chegar com meu prato. Uma moqueca de ovos. Sim. Uma senhora moqueca de ovos, de sabor delicioso! Ela parecia feliz com minha total aprovação. Fazendo companhia à moqueca, e imediatamente enchendo os olhos de meu marido, vieram o arroz, feijão, a mariscada, filés, batatas, saladas... Tudo cheiroso e saboroso que só.

As brincadeiras iam se alternando com os suspiros de quem está se deliciando com uma refeição. Mais duas amigas de Aracaju, e também costumeiras clientes de Inês, se uniram a nós, Niliane e Shirley. Mais brincadeiras e, em seguida, pausa para ouvirmos a história de vida de Inês, que começou vendendo bolos e, de repente, se viu cuidando de um sítio em São Cristóvão. Quase uma pioneira, numa região em que não tinha quase nada a não ser terras e casas distantes umas das outras.

Não demorou muito e ela, sozinha com os filhos, e já na casa que acabáramos de conhecer, passou de um almoço por encomenda feito por conhecidos que sabiam de seus dotes culinários ao restaurante que hoje é tão movimentado que a pobre não consegue folga sequer para fazer as reformas que deseja fazer por lá.

Os clientes gostam tanto de sua comida que já houve quem pedisse almoço mesmo em meio a alguma reforma que ela estivesse fazendo. Outros anseiam pelas redes que ela está sempre tendo que prometer que vai colocar na lateral da casa. Se bobear, haverá uma ruma



de gente espalhada por redes, sem querer se afastar da cozinha da Inês.

A pandemia causou situações difíceis para ela e sua família, mas, para que existem quentinhas, não é? Superada a fase difícil, ela retomou a rotina que ocupa 100% de seu tempo. Ela, entretanto, não se queixa. O alimento dela, a sua bateria, parece ser o sorriso de quem se delicia com seus quitutes. É impossível não repetir! Não querer experimentar os pratos que vão chegando. E, aliás, ela não faz apenas quitutes! Ela cria diversas cachaças saborizadas com ervas que ficam expostas atrás do balcão, esperando a curiosidade das pessoas. E, se instigada, ela explica direitinho a diferença de sabores e oferece a experiência de sentirmos os aromas.

Resumo da ópera: mais uma vez Paulo nos trouxe uma novidade. E uma novidade que nos fez sentir com força que ainda é possível estar em lugares que revelam o melhor do humano. Saímos de lá meio anestesiados. Protegidos de quaisquer notícias ruins que quisessem atrapalhar nossa rotina.

E eu, cabe dizer, além da moqueca de ovos, fui presenteadada com duas mudas de palma, um galho de ora-pro-nóbis e sementes de pindaíba! Isso depois de saborear um doce de leite bom de fazer cócegas e experimentar uma fruta chamada biri-biri, de que nunca havia ouvido falar!

Resumo da ópera 2: tenha amigos novidadeiros e gentis; encante-se com o tempero de humanidade das coisas simples, entenda que pindaíba pode não significar estar na pior e deixe que a vida vivida seja cercada de alegria.

Esta é a crônica sobre o restaurante da Inês. Sem Instagram nem Face. Mas procure no google “Restaurante Da INÊS em São Cristóvão” e logo os caminhos levarão você a



uma casa cheia de alegria e de comida boa lá pelos lados da estrada para Aningas, no bairro Alto de Itabaiana, em São Cristóvão.



(Aracaju, 3 de maio de 2025)





O mundo sem Mujica

Num dia, o adeus de Francisco, em outro, o de Pepe Mujica, e vai se desenhando, na cartografia de minha mente, um mundo esvaziado e triste.

Nunca me esquecerei da sessão, no Cine Vitória, aqui em Aracaju, em que pude assistir ao filme *Uma noite de 12 anos*, do cineasta uruguaio Alvaro Brechner. Era o ano de 2018 e o coração de parte da população brasileira percebia o mau cheiro da mentira no ar, contaminando tudo. Ir ao cinema, para conhecer a história de Pepe Mujica, a partir do olhar de Brechner, tinha uma espécie de marca de resistência, além, claro, da motivação gerada pela admiração pela figura ímpar de José Alberto Mujica Cordano, que, no dia 20 de maio de 1935 chegou ao mundo para fazer história.

E fazer história não se resume à vida simples que escolheu viver e que, metonimicamente, se fez representar pelo famoso fusquinha azul que muita gente amaria conhecer por meio de uma carona imaginária oferecida por Mujica. Muito menos se resume em sua atuação como presidente do Uruguai ou como senador ou por sua luta como jovem guerrilheiro à Che Guevara, sonhando com uma sociedade muito diferente da que via se concretizando no Uruguai e no mundo.

Pepe Mujica é um sistema complexo revestido por uma pele de simplicidade que só amplia a complexidade do significado de sua existência.

Como imaginar, racionalmente, que alguém, depois de levar seis tiros, sobreviveria e passaria mais de uma década-



da preso, boa parte desse tempo em condições de uma desumanidade tal que comer sabão, moscas e papel higiênico se faria necessário? Mais: como compreender os caminhos que levariam essa mesma pessoa a ser tornar presidente do país que a enfiara num calabouço e a deixara 7 anos sem sol e sem livros? Que natureza de capacidade de superação Pepe Mujica tinha?

Assistir ao filme foi, simultaneamente, um soco no estômago da minha precariedade e um carinho acolhedor no coração da minha tristeza. Aquele homem ensinou ao mundo o verdadeiro sentido da palavra “resiliência”. Acostumado a dormir com ratos e baratas, a sofrer espancamentos que o levaram a perder os dentes e a não ter qualquer possibilidade de encontrar um mínimo fio de esperança de escapar da morte, Pepe Mujica aprendeu a resistir.

O terror vivido na prisão foi enterrado aos poucos, após sua libertação em 1985. Precisou passar por tratamentos psiquiátricos, devido aos traumas sofridos, mas logo voltou ao campo da luta por democracia e igualdade. E vinte e quatro anos depois, em 2009, foi eleito presidente da República. Sob sua gestão, o país viveu transformações legais e sociais impensáveis em outros tempos, mas que ele teve a coragem de enfrentar, reconhecendo as mazes que atingiam, principalmente, as pessoas mais pobres.

Optando por viver com simplicidade, ele se fez exemplo vivo de seu próprio discurso. O mundo que Mujica queria ver estaria despido da ganância, do materialismo, do preconceito e da injustiça. Ele, contudo, sabia que seu sonho era uma utopia e explicava o sentido próprio que dava a essa palavra: “A utopia serve para nos guiar através da incerteza em que navegamos. Então não é mais uma uto-



pia, tem o calor de ser um guia para a vida real. Não partimos para alcançar uma estrela, mas ela pode nos permitir caminhar com uma direção concreta aqui na Terra. É por isso que a utopia nunca está acabada, nunca é completa, nunca é perfeita”.

Também eu acredito na necessidade das utopias. E na busca por inalcançáveis estrelas que nunca estarão em nossas mãos, mas que seguirão trazendo brilho para nossos olhos enquanto as buscamos.

Entretanto, meus olhos também percebem que o mundo, sem Mujica, fica triste. Por isso, é preciso revivê-lo por meio da inspiração que sua história traz. E sonhar que, em algum lugar fora daqui, aquela carona no fusquinha azul será possível.

(Aracaju, 15 de maio de 2025)

A impossibilidade de segurar o tempo com as mãos

A noite seria de festa. Uma festa esperada há 4 anos e meio. Para algumas pessoas, uma espera ainda maior. Mas havia chegado o dia da formatura. O dia de deixar de ser graduando do Curso de Letras de Itabaiana para se tornar licenciado em Letras!

Uma festa como essa envolve sentimentos de superação, orgulho, esperança, insegurança – sim, também se sente insegurança numa hora dessas – e traz aquela gravidez de futuro, em que, na maioria das vezes, não se sabe bem o que vem pela frente no caminho da profissão escolhida.

Essa festa tem palco e plateia. No palco, claro, os formandos (neste caso, em especial, as formandas). Na plateia, família, amigos, namorados, noivos, maridos, filhos, além de nós, professores que, nos quatro anos e meio de jornada, estivemos ali, convivendo nas salas de aula ou nos corredores, acompanhando os passos de jovens que sonharam habitar, como nós, o universo das Letras. É incrível assistir às transformações por que passam, aprender com a juventude, trocar afeto, apoiar nossos estudantes nos momentos em que dores e também dúvidas brotam no caminhar.

Ontem, houve uma festa assim. Lá em Itabaiana. Às 19 horas exatamente. Mas, infelizmente, nós – Julia, Marcia, Sara e eu, docentes do curso – não pudemos segurar o tempo com as mãos. Nem o tempo cronológico da fes-





ta, que aconteceria com ou sem a nossa presença; nem o tempo meteorológico, já que a tormenta não se deixa manusear por ninguém. O máximo que conseguimos, com as mãos, é segurar guarda-chuvas para nos proteger de sua força líquida.

Foi muito difícil decidir não ir. Entre troca de informações sobre a chuva e o estado de nossos bairros, a preocupação com nossos queridos e queridas, com quem tanto desejávamos estar na festa de formatura, e o receio de corrermos riscos na estrada à noite, decidimos não ir. Foi como se o aguaceiro se personificasse e nos testasse para ver o grau de coragem que teríamos de enfrentá-lo. Quase fomos. E justamente nesse “quase”, outra vez a água veio com força. A sensatez nos impôs essa ausência.

É muito triste estar ausente de um rito de passagem que nos envolveu durante anos como promessa. Não ver as carinhas, com quem convivemos, portando brilho e beleza, como forma de dizer ao mundo e, claro, às pessoas de seu afeto: “Conseguimos!”. A água torrencial carregou nossos planos consigo. O tempo (cronológico e meteorológico) e a água têm a mesma natureza: esquivam-se de nossa pretensão de controlá-los. No entanto, temos as palavras. Estas que o vento não leva porque estão escritas. A palavra escrita se agarra às nervuras do papel ou das telas para se impor ao tempo.

Assim, como homenagem a Camila, Cintia, Yanka, Keice, Maria Camila, Maria Eduarda, Maria Mota, Mayara, Roberta, Thalia, Vitória e Vitoria Raiane (e também aos colegas de turma que não puderam participar da festa), faço, em meu nome e em nome de Julia, Marcia e Sara, estas palavras se agarrarem ao solo da crônica, para plantar todos os desejos bonitos que destinamos a vocês nesse rito de



passar da condição de graduandas a licenciadas. Confiamos que pessoas como vocês podem espalhar esperança, podem ser resistência ao que no mundo se distancia de palavras como amor, zelo, responsabilidade, profissionalismo, dedicação, humanismo, seriedade, compreensão, respeito, força e sonho (principalmente sonho).

Não estivemos na festa, mas estivemos em seus preparativos e temos certeza de que não há tempo ou tempestade, água ou aguaceiro que impeçam que nosso afeto por vocês siga como um laço invisível a dizer sempre: “estamos por aqui, caso precisem de nós!”.

Sigam em frente, com coragem e foco. Muitas festas virão. E também tormentas, pois assim é o mundo. Olhe-mos para o tempo que nossas mãos não puderam segurar e pensemos que, segundo o valor mítico das regiões secas da África (e do sertanejo solo brasileiro também), chuva é bênção! O aguaceiro de ontem foi um modo de as águas do céu batizarem a carreira que abraçaram! Não estivemos lá, mas nossos corações sim! Parabéns, suas lindas!

(Aracaju, 21 de maio de 2025)

Círculos dantescos em torno de nós: um mundo bizarro

Que época bizarra esta na qual estamos mergulhados. A falta de bom senso se une à mentira, à futilidade e à violência para compor um quadro digno de ser chamado de dantesco, porque parecemos estar andando pelos círculos do Inferno e, tal como Dante, observando cenas que fazem jus às ilustrações que Gustave Doré criou para a *Divina Comédia*.

Hoje, por exemplo, li três “notícias” publicadas em jornais diferentes que me deixaram espantada pelo tanto de barbárie que continham: um homem assassinou o pai e conservou o corpo num quarto para ficar recebendo sua aposentadoria; uma multidão de famintos invade armazém da ONU em Gaza; o corpo de um pai de santo foi cremado por engano na cidade de São Paulo... Lendo, vou me transportando de um círculo para outro (Soberba, Inveja, Ira, Preguiça, Avareza, Gula e Luxúria), ainda que sem saber muito bem onde situar essas coisas que me chegam, porque parece que o hibridismo também é uma marca nesse âmbito dos horrores de nossos dias.

Aí me pergunto: por que leio essas coisas? A resposta vem rápida: como não ler se o celular é uma antena enlouquecida derramando esse tipo de coisa o tempo todo em nossos celulares?

Busco desligar-me. Saio dos jornais e vou para os e-mails, tentar trabalhar. Mas está cada dia mais difícil abrir a caixa de e-mails tantas são as mensagens que chegam





de forma invasiva, configurando um assédio cotidiano que acaba, inclusive, jogando para longe mensagens que realmente e interessariam, mas que se perdem em meio a essa avalanche de propostas irrecusáveis. Saio do e-mail, mas...

O telefone não para de tocar. Não atendo a nenhum chamado cuja origem não seja identificada. Tudo bem, mas como aguentar uma chamada atrás da outra sem perder a paciência? E não adianta bloquear, logo surgem outros números e o caminho, quando se toma a decisão de atender, é invariavelmente uma voz eletrônica que ainda tem a pretensão de querer que esperemos até que alguém de verdade apareça para falar.

No whatsapp, a invasão bancária não cessa. Ofertas de empréstimos, em tom quase gentil, com a falsa intimidade de fruto de uma invasão não autorizada ao nosso número, disfarçam o monstro do capitalismo selvagem pronto para comer nossa carne e nossa alma. O negócio é avassalador. O sistema é o rei do círculo da ganância. Sua fome é impiedosa.

O pior é que, se o desespero for grande, acabamos contaminados pela preguiça de existir. E, em lugar de sermos os resilientes que se negam às fomes do sistema, nos tornamos aquela engrenagem sem função, estagnada, como se não fazer nada fosse resolver alguma coisa. E, por falta de perspectiva, acabamos segurando novamente o celular e somos arrastados pelas águas tontas dos casais de *influencers* cujo casamento-descasamento parece a notícia do ano e pelas ondas bestas das “bets” alardeadas por vozes que têm a desfaçatez de vender gato por lebre, jogando todo mundo na lama da ilusão, enquanto enchem seus bolsos de mais e mais dinheiro e disputam quem vai ficar com o avião de quem depois da briga.



O asco que insiste em vir à tona para nos lembrar que não somos como tudo isso que nos chega nos faz sair novamente dos círculos... Contudo, se a televisão for ligada, o sangue palestino entra na sala ao lado de vozes de comentaristas que falam sobre isso como se estivessem analisando um quadro estatístico frio, banal.

Na política brasileira (nem vou falar da estadunidense, porque precisaria de três crônicas), quase chegamos ao último círculo. Nunca, jamais, em tempo algum, tivemos um Legislativo tão satânico. Tudo em prol dos ricos. Tudo contra a natureza. Tudo em nome de um “deus” que é uma fábrica de armas e de preconceitos. Outro dia, na câmara do Rio de Janeiro, aprovava-se o dia comemorativo da arte “*reborn*”. No outro, em Brasília, dava-se a uma “influencer”, vestida com moletom, o status de grande celebridade e voz a ser ouvida, com direito a pedido de autógrafo. Em palco semelhante, uma ministra, que obviamente não tem, aos olhos dos moradores do círculo em foco, a importância da tal “*influencer*”, sofria violências verbais machistas, inequívocas e criminosas, que mal receberam palavras de desagravo. Alguém devia ter dito a ela para ir de moletom...

Aqui no Brasil, segundo fontes da imprensa que já elegeram o próximo governo, o país está no esgoto econômico. No entanto, o desemprego nunca esteve tão baixo, a renda dos brasileiros aumentou, a desigualdade diminuiu, o desmatamento diminuiu, a tão propalada bolsa de valores jamais teve pontuação tão alta, o tal do PIB resiste às previsões funestas e cresce, coisas que mal aparecem nos mesmos jornais que se preocupam com quem vai ficar o avião do casazinho popstar...

Arrastada para o círculo da inveja, que produz e se alimenta de mentiras, boa parte da massa crê mesmo que



o governo perdeu o rumo e que o país está morrendo. E acaba acreditando também que é preciso salvá-lo anistiando golpistas, recolocando genocidas e aparentados no poder e calando o STF, que é, ao lado do atual presidente, o grande culpado de tudo. Como se vê, 2026 será um “Deus nos acuda” (para ficar no campo semântico). Será que teremos bebês *reborn* e mulheres infláveis como candidatas? A Inteligência Artificial decidirá, porque a Inteligência Humana se perdeu no emaranhado de fios infernais.

Não sei se é possível sair desse Inferno e respirar um pouco melhor no Purgatório. Nem cito o Paraíso, porque ele mudou de nome. Virou Utopia. Sem Ibope. Ninguém quer buscá-lo, porque só há felicidade no Inferno mesmo, já que a dinheirama se oferece a rodo por lá, ainda que só meia dúzia tenha acesso a ela.

Diante desse quadro, resta a palavra. Esta que aqui deramo como protesto explícito à imbecilidade cruel que é a cara do mundo hoje. Cara com botox, beijo-fake, fios de ouro puxando bochechas, automóveis e aviões carérrimos no lugar dos dentes e um corpícho vestido com camiseta pró-bets, que tem nos braços ou um bebê-fake saído de algum filme de horror ou uma mulher inflável, feita para receber a seiva maravilhosa da falta de humanidade.

Bem, vou cuidar aqui dos meus artesanatos e das minhas aulas, porque já falei demais.

(Aracaju, 2 de junho de 2025)

Por que a moda nos pega?

Estávamos, Moreno e eu, rumo a um povoado de Nossa Senhora das Dores, onde eu realizaria uma atividade em uma escola. Como, no meio do caminho, havia uma fomezinha clamando por almoço, paramos em Moita Bonita para buscar um restaurante. Vimos, entretanto, uma padaria e resolvemos arriscar: haveria algum tipo de sanduíche que pudesse substituir o almoço?

Não. Não havia. Mas recebemos a simpática indicação de um restaurante, que, aliás, nos ofereceu uma comida caseira bem saborosa. Entretanto, não é sobre isso que vou falar. Volto à padaria...

Em meio à indicação simpática, eu me deparei com algo que realmente me chamou a atenção: embalagens transparentes que ofereciam, a nossos olhos, volumosos e convidativos... morangos do amor!! Isso mesmo! A moda mais famosa do momento!

Meu marido e eu, que temos certa presunção em relação aos modismos (fugimos deles), vimo-nos capturados pela opulência daqueles doces. A calda, bem vermelhinha, ainda continha um provocante brilhaço de purpurina (comestível, espero!) que parecia acender uma luz, como a dos letreiros das vitrines. Bora comprar? Perguntei. Bora! Um só ou dois? Dois! Respondeu meu marido, compreendendo que havíamos sido capturados pela moda.

Almoçamos e, em cumplicidade, nos dirigimos para Orfeu Negro (nosso carro), onde dois morangos do amor nos aguardavam. Eram realmente grandes. Onde conseguem





morangos tão grandes assim? Sei lá. Deve estar cheios de agrotóxicos... Mas era tarde demais para questionamentos dessa natureza.

A calda, endurecida, deixaria nosso dentista bem chateado. Mas, com jeitinho, vencemos a barreira e mergulhamos na vermelhidão “moranguesca”, envolvida num creme bem docinho e, claro, calórico. Confesso que foi toda uma operação para não quebrar algum dente e também para não deixar que pequenos fragmentos da calda cristalizada caíssem no chão do Orfeu. Porém, como negar o sucesso do encontro com essa moda? Gostou? Gostei! E você? Também! Pronto. Rendidos ao último modismo, tivemos que reconhecer que há resistências inúteis quando o tema é guloseima!

Seguimos adiante, para cumprir o objetivo da viagem, levando as embalagens (que vou aproveitar para guardar algum material de artesanato) e a recordação do dia em que, juntos, em Moita Bonita (cidade tão lindinha!), descobrimos o que era, afinal, integrar a estatística dos que sucumbem à sedução da moda. Sim, morangos do amor são bem gostosos!

(Aracaju, 15 de setembro de 2025)



Versos que valem a vida

Pode parecer exagero, mas não é. Há versos que valem a vida. E se esses versos habitam canções, passam a valer por esta e por outras vidas que possa haver. Vou trazer aqui alguns desses versos, só para ilustrar o mote.

Início com Néelson Cavaquinho. É impossível ouvir “Tire o seu sorriso do caminho/Que eu quero passar com a minha dor”, de “A Flor e o Espinho” e não pensar em como alguém pode ter tido a genialidade de, com tão poucas palavras, expressar o impacto da grande antítese que novo o mundo. Esse contraste entre a desgraça de um e a felicidade do outro atravessa nossas vidas cotidianamente e, na maioria das vezes, sequer temos tempos de acessar o botão liga/desliga para reagir adequadamente a duas vibrações tão distintas.

Sigo com Orestes Barbosa e Silvio Caldas, na canção “Chão de Estrelas”, e recupero a singeleza de “A porta do barraco era sem trinco/E a Lua furando nosso zinco/Salpicava de estrelas nosso chão”, versos que elevam o amor a um patamar insuperável misturando personificação e metáfora com maestria tal que só nos resta liberar a emoção e aplaudir.

Aí me lembro de “Estado de Poesia”, de Chico César, e encontro “Para viver em estado de poesia/Me entranharia nestes sertões de você”... Lindeza em estado puro que nos faz querer que o amor seja sinônimo de poesia e que a entrega ao outro rime com a musicalidade que dele ou dela vem.



Na mesma balada, vêm à minha lembrança os versos “Eu quero ser exorcizado/Pela água benta desse olhar infindo”, da canção “Disritmia”, de Martinho da Vila, que humanizam o divino, brincando com signos da religião para dizer dos deuses exclusivos da paixão.

Entrando na seara das questões sociais, resgato minha musa Rita Lee, em “Luz del fuego”: “Eu hoje represento o folclore/Enrustido no metrô/Da grande cidade que está com pressa/De saber onde eu vou/Sem essa”. Em 1975, a genial roqueira já desenhava a pressão que nos torna mecanismos coordenados pelos ritmos maquínicos de um mundo cheio de urgências desumanizadoras, que silenciam e até apagam nossas identidades.

E como não me lembrar de “Identidade”, de Jorge Aragão, cujos versos “Elevador é quase um templo/Exemplo pra miminar teu sono/Sai desse compromisso/Não vai no de serviço/Se o social tem dono, não vai” dão um soco no estômago da ignorância que teima em não reconhecer o racismo estrutural de nossa sociedade? É preciso ter algo grau de alienação para defender discursos vazios de que “somos todos iguais” como se, na prática, isso fosse vivido no país (e no mundo).

“Sem mais delongas”, para não tornar a crônica cansativa e também para dar espaço à sua própria viagem por versos que possam provar que a vida vale a pena sob a pena de quem desentranha a poesia das coisas, finalizo com Marisa Monte, Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e Pedro Baby, na canção “Vilarejo”, que frequentemente vi-sito para buscar algum restinho de esperança, “Toda gente cabe lá/Palestina, Xangri-Lá/Vem andar e voa”. Não comento, porque há silêncios que dizem mais.

(Aracaju, 23 de setembro de 2025)

Sobre a autora



Christina Ramalho é doutora em Letras (UFRJ/CNPq, 2004), com MBA em História da Arte e da Cultura Visual (Universidade Castelo Branco, 2025), pós-doutorado em Estudos Cabo-verdianos (USP/FAPPES, 2012), em Estudos Épicos (Université Clermont-Auvergne, 2017) e em Historiografia Épica (Universidad de Buenos Aires, 2022). Atualmente cursa Especialização em Cinema e Linguagem Audiovisual. É professora-associada do curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe (DLEV). Atuou como professora visitante nas universidades francesas Université Clermont-Auvergne e Université de Poitiers. Idealizadora



(2013) e uma das fundadoras do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicas (CIMEEP – www.cimeep.com) e editora-chefe da *Revista Épicas* (www.revistaepicas.com). Autora e organizadora de 77 livros de teoria, crítica e historiografia literárias, além de epopeias, poesia lírica, poesia infantil, fotopoesia, contos, microcontos, crônicas e literatura infantil. Tem obras publicadas na Espanha e na Argentina. Participa de academias literárias e organizações científicas. Também se dedica ao artesanato, à pintura, à tradução e à ilustração. Carioca (1964), cidadã sergipana (2016) e cidadã aracajuana (2018). Site: www.ramalhochris.com.

Meu drama é que, embora eu escreva crônicas “porque o instante existe”, tal como diz o poema de Cecilia Meireles, minha vida não está completa (e aí destoo do mesmo poema). E a cada crônica que escrevo firmo um pacto de seguir vivendo em busca de respostas sobre a imensa, a inesgotável incompletude humana, que, em nossos dias, anda muito esquecida de sua própria humanidade.

